

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ELLEN PETRECH VASCONCELOS**

**OS DISCURSOS DOS CANDIDATOS A PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO  
PLEITO DE 2014 EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

**PONTA GROSSA**

**2017**

**ELLEN PETRECH VASCONCELOS**

**OS DISCURSOS DOS CANDIDATOS A PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO  
PLEITO DE 2014 EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cloris Porto Torquato

**PONTA GROSSA**

**2017**

**Ficha Catalográfica**  
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

Vasconcelos, Ellen Petrech

V331      Os discursos dos candidatos a presidente da república no pleito de 2014 em uma perspectiva Bakhtiniana/ Ellen Petrech Vasconcelos. Ponta Grossa, 2017. 121f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Cloris Porto Torquato.

1.Enunciado. 2.Signo. 3.Ideologia. 4.Dialogismo. I.Torquato, Cloris Porto. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Estudos da Linguagem. III. T.

CDD: 801

ELLEN PETRECH VASCONCELOS

**OS DISCURSOS DOS CANDIDATOS A PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO  
PLEITO DE 2014 EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Curso de Pós Graduação em Linguagem, área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, 11 de maio de 2017.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cloris Porto Torquato  
Doutora em Linguística  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>o</sup> Moacir Lopes de Camargos  
Doutor em Linguística  
Universidade Federal do Pampa - Bagé

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh  
Doutora em Linguística  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico este trabalho à minha mãe, porque foi pelo seu esforço para me proporcionar condições de alcançar minha formação que cheguei até aqui.

Ao meu esposo, que está sempre ao meu lado me encorajando e apoiando, com muita paciência, amor e compreensão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir realizar mais um sonho. Pela força e ânimo que me deu para seguir a diante frente às adversidades da vida.

Agradeço a minha mãe pelas orações e mais orações dirigidas a Deus pedindo por mim e por meus estudos.

Agradeço ao meu esposo Fernando, por ter compartilhado dos prazeres e das angústias desse caminho, por ter sido compreensivo, companheiro e amoroso, todos os dias. Para você todo o meu amor.

A toda a minha família que orou por mim, me incentivou e soube entender minha ausência.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a querida professora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elódia Constantin Roman, que me incentivou e me aceitou como sua orientanda, sempre serei grata pela oportunidade de ter recebido tantos conhecimentos e carinho.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cloris Porto Torquato, por ter me recebido no meio do percurso de braços a abertos. Principalmente por ter ampliado meu horizonte. Muitas vezes, quando menos esperamos, Deus nos coloca uma pessoa especial em nosso caminho para fazer diferença em nossa vida.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh e ao Prof. Dr.<sup>o</sup> Moacir Lopes de Camargos, por terem aceitado participar da banca de qualificação e defesa desse trabalho. Agradeço também as contribuições que deram ao meu trabalho.

Aos colegas de mestrado com os quais dividi minhas dúvidas e tive proveitosas discussões sobre linguística regadas a muito café.

Enfim, agradeço, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para realização desse trabalho.

No horizonte ideológico de uma época ou grupo social, não há uma, mas várias verdades mutuamente contraditórias. (Medvedev)

## RESUMO

Partindo da concepção dialógica da linguagem, o objetivo deste trabalho é identificar e estabelecer relações dialógicas em enunciados produzidos durante as eleições presidenciais de 2014. Baseamo-nos em conceitos formulados pelo Círculo de Bakhtin por propor uma concepção sociológica da linguagem a qual compreende que indivíduos reais se comunicam através de enunciados concretos que se formam no contexto extraverbal, em um processo dialógico responsivo em que cada palavra é um signo carregado de valor ideológico que pode assumir diferentes tonalidades valorativas. Em nossa análise apresentamos os enunciados proferidos pelos candidatos melhor colocados nas pesquisas de intensão de voto e no primeiro turno das eleições. Escolhemos os enunciados mais significativos para o processo eleitoral, pertencentes a diferentes gêneros discursivos são eles: os *slogans* de campanha de Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB), uma carta compromisso redigida no início do segundo turno por Aécio Neves (PSDB), posicionamentos de apoio para o segundo turno de Marina Silva (PSB) para o candidato Aécio Neves (PSDB) e discurso de posse de Dilma Rousseff (PT). Damos destaque às relações dialógicas estabelecidas entre os enunciados, porque cada enunciado é um elo na cadeia discursiva que não pode ser separado dos outros elos, pois é apenas parte de uma cadeia infinita de enunciados com os quais mantém atitude responsiva. Nossa análise parte do pressuposto de que toda palavra é um signo ideológico com diferentes tonalidades valorativas. Assim, nos enunciados analisados observamos que o signo mudança apresenta dentro do contexto eleitoral tonalidades valorativas distintas conforme o grupo político e socioideológico a que se veicula. Durante a análise observamos também que todo enunciado assume posição valorativa e que serve a um projeto de dizer pautado na visão de mundo do seu falante/escritor, que toma as decisões linguísticas necessárias tendo em vista seus interlocutores e seu contexto extraverbal.

**Palavras – chave:** Enunciado. Signo. Ideologia. Dialogismo.



## **ABSTRACT**

Based on the dialogical conception of language, the objective of this work is to establish dialogic relations in statements produced during the presidential elections of 2014. We base ourselves on concepts formulated by the Bakhtin Circle for proposing a sociological conception of language which understands that real individuals communicate through concrete statements that do not form in the context, in a responsive dialogical process in which each word is a sign loaded with ideological value that can assume different values tonalities. In our analysis we present the statements made by the candidates best placed in the polling surveys and in the first round of the elections. We chose the most significant statements for the electoral process, belonging to different discursive: the slogans of Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) and Eduardo Campos (PSB), a letter written at the beginning of the second round by Aécio Neves (PSDB), support positions for the second round of Marina Silva (PSB) for candidate Aécio Neves (PSDB) and speech by Dilma Rousseff (PT). We emphasize the dialogical relations established between utterances, because each utterance is a link in the discursive chain that can't be separated from the other links because it is only part of an infinite chain of statements with which it maintains a responsive attitude. Our analysis is based on the principle that every word is an ideological sign with different values. Thus, in the analyzed statements we observe that the change sign presents different values according to the political group to which it belongs. During the analysis we also observe that every statement assumes an evaluative position and that it serves a project to say based on the worldview of its speaker/writer, who makes the necessary linguistic decisions in view of their interlocutors and their extraverbal context.

**Keywords:** Statement. Sign. Ideology. Dialogism.

## SUMÁRIO

|                                                                              |            |
|------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                      | <b>11</b>  |
| <b>CAPÍTULO I - SUBSÍDIOS TEÓRICOS .....</b>                                 | <b>14</b>  |
| 1.1    Linguagem .....                                                       | 14         |
| 1.1.1    Dialogismo .....                                                    | 18         |
| 1.2    Enunciado .....                                                       | 25         |
| 1.3    A palavra em uma perspectiva bakhtiniana .....                        | 41         |
| 1.4    Signo e ideologia .....                                               | 48         |
| <b>CAPÍTULO II – CORPUS E ANÁLISE .....</b>                                  | <b>57</b>  |
| 2.1    Retomada histórica .....                                              | 57         |
| 2.2    Análise dos enunciados slogans da campanha presidencial de 2014 ..... | 58         |
| 2.3    Outros enunciados analisados .....                                    | 60         |
| 2.3.1    Enunciado 1 .....                                                   | 61         |
| 2.3.2    Enunciado 2 .....                                                   | 80         |
| 2.3.3    Enunciado 3 .....                                                   | 93         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                            | <b>115</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                     | <b>119</b> |
| <b>LINKS .....</b>                                                           | <b>121</b> |

## INTRODUÇÃO

Comecei essa pesquisa de maneira bem distinta da que encerrei. O projeto inicial de pesquisa propunha a análise de cadeias referenciais em discursos políticos, pautando-se em estudos realizados na perspectiva da Linguística Textual, na qual já havia desenvolvido meus trabalhos de conclusão de especialização.<sup>1</sup> Porém, o caminho se modificou quando, com a troca de orientação, houve também uma mudança de perspectiva teórica-metodológica.

Altereí o aporte teórico de meu trabalho o que me gerou certa insegurança, pois reiniciar um trabalho em uma perspectiva diferente da que se conhece é desafiador. Mas, após iniciar as leituras do que depois iria compor a base teórica do trabalho, percebi que observar o “texto”, que passei a tratar como “enunciado”, em uma perspectiva sociológica me permitiria ir muito além da superfície textual, e essa mudança me proporcionaria elaborar um trabalho com uma proposta de análise que vai além do linguístico, que se propõe a dialogar com elementos extralinguísticos e entender o enunciado como um elo pertencente a uma complexa cadeia.

A pesquisa, agora apresentada, é fruto da análise de enunciados produzidos durante as eleições presidenciais do ano de 2014, principalmente da observação da intrincada rede de relações existentes entre os mais diversos enunciados produzidos.

Buscamos uma perspectiva teórica capaz de abarcar as nossas necessidades e então aprofundamos nossos estudos em alguns conceitos formulados pelo Círculo de Bakhtin. Essa escolha se deu pelo fato dessa perspectiva entender que a linguagem deve ser observada situando os sujeitos e os discursos no meio sócio-histórico, pois, para o Círculo, todo enunciado produzido é marcado pelo contexto histórico-social e é mais um elo de uma cadeia infinita de enunciados. Para os pensadores do Círculo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade

---

<sup>1</sup> Especialização em Letras pela UEPG. Trabalho apresentado: “Construção referencial em textos de reiniciantes do ensino fundamental” com orientação de Aline C. K. Emilio. Especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Trabalho apresentado: “Construção referencial em textos orais” com orientação de Bernadete L. Mazzafera.

fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 127, grifo do autor)

Optamos então por retomar alguns conceitos importantes abordados pelo Círculo de Bakhtin; são eles: linguagem, dialogismo, enunciado, palavra, signo e ideologia. Propomos essa retomada por considerar fundamental o levantamento desses conceitos para nossa proposta de pesquisa, tendo em vista que esses conceitos servirão de base para análise do nosso *corpus*.

Durante nosso trabalho buscamos outras pesquisas que tivessem se debruçado sobre os mesmos enunciados e encontramos poucos trabalhos que se aproximassem do objeto de análise e nenhum que trabalhasse com esses enunciados. Os trabalhos que analisavam enunciados próximos aos selecionados para nossa análise, baseavam-se em perspectivas teóricas distintas da abordada aqui, como a Análise do Discurso, principalmente de linha francesa, e Análise Textual do Discurso. Dos trabalhos que propunham análises semelhantes à nossa, não encontramos nenhum com semelhante *corpus*. Desta forma, não pudemos contar com outras pesquisas para contribuir de forma mais direta em nossa trajetória. Essa ausência de trabalhos que analisem os enunciados que nos propusemos a analisar é mais um dado que comprova a relevância de nosso trabalho.

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar alguns enunciados produzidos nas eleições à presidência da República do Brasil no pleito de 2014 focalizando as relações dialógicas entre esses enunciados. Assim, especialmente, nos debruçamos em estabelecer/identificar as relações dialógicas entre enunciados de diferentes gêneros discursivos produzidos pelos candidatos à presidência.

A seleção de nosso corpus levou em consideração o fato de haver um número grande de candidatos no pleito de 2014; devido a isso, tivemos que recorrer a um recorte e, para tanto, levamos em consideração uma pesquisa de intenção de voto realizada pelo Ibope próxima ao período eleitoral que mostra os três candidatos com maior intenção de voto, são eles: Dilma Rousseff (PT) com 38% das intenções de voto, Aécio Neves (PSDB) com 23% e Eduardo Campos com 9%. Usamos também o resultado apurado pelo TSE do primeiro turno das eleições que mostram os seguintes números: em primeiro lugar, Dilma Rousseff (PT) com 41,59% dos votos válidos, seguida de Aécio Neves (PSDB) com 33,55% e em terceiro Marina Silva (PSB) com 21,32%. Assim observando os resultados, optamos por analisar os enunciados proferidos por e para os

seguintes candidatos: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Marina Silva (PSB). E também os *slogans* de campanha de Eduardo Campos (PSB).

Ficamos então com um grupo mais reduzido de candidatos e, portanto, de enunciados. Mesmo assim, contávamos ainda com um grande grupo de enunciados. Logo, tivemos que adotar outro critério de seleção: escolhemos analisar os enunciados que consideramos mais representativos dos debates no decorrer do processo eleitoral e que melhor nos permitem observar as relações dialógicas que caracterizou esse processo: carta compromisso de Aécio Neves (PSDB), posicionamentos de apoio para o segundo turno de Marina Silva (PSB) para o candidato Aécio Neves (PSDB), discurso de posse de Dilma Rousseff (PT). Analisamos também os *slogans* de campanha dos candidatos selecionados, por se tratar de um importante enunciado para se compreender suas propostas político e ideológicas. Isto posto, nosso *corpus* é composto por enunciados pertencentes a diferentes gêneros discursivos.

Por fim, nossa dissertação será assim apresentada: no primeiro capítulo, traremos uma retomada dos conceitos acima referidos que nortearão nossa análise; em seguida, uma análise dos *slogans* da campanha presidencial, na qual daremos especial destaque ao signo *mudança*; e, por fim, apresentaremos três enunciados que irão compor nossa análise.

## CAPÍTULO I

### SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico-metodológico que orienta nossa análise. Como já indicamos na Introdução deste trabalho, são centrais os conceitos de *linguagem*, *dialogismo*, *enunciado*, *palavra*, *signo* e *ideologia* formulados no âmbito do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin. Conforme esperamos deixar claro nas páginas seguintes, esses conceitos se entrelaçam, uma vez que o enunciado é constituído por palavra, que, por sua vez, é o signo por excelência. O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal, de forma que entre os enunciados se estabelecem relações dialógicas. O dialogismo é constitutivo da linguagem e, portanto, dos enunciados, que são as unidades da comunicação verbal, da linguagem concebida como interação.

#### 1.1 Linguagem

Para o Círculo de Bakhtin, a língua<sup>2</sup> é inseparável das relações sociais e da cultura, pois se realiza na/como interação entre os sujeitos. Dessa forma, um estudo abrangente da linguagem deve levar em consideração as condições históricas, sociais e culturais nas quais a interação é construída.

A perspectiva do Círculo de Bakhtin sobre a língua, embora reconheça os processos que constituem a língua única, se contrapõe aos princípios dessa língua que se caracteriza como um sistema de normas linguísticas que tenta ordenar as forças criadoras da vida da língua, superar o heterodiscurso e centralizar e unificar o pensamento verbo-ideológico. Nesse sentido, a perspectiva do Círculo é a seguinte:

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compressão mútua em todos os campos da vida ideológica. (BAKHTIN, 2015, p. 40, grifo do autor)

---

<sup>2</sup> Entendemos que, para o Círculo, não se caracteriza uma diferença entre linguagem e língua. Essa distinção, formulada no âmbito dos estudos linguísticos designados por Volochinov como objetivismo abstrato, se caracteriza pela compreensão de que a língua é estrutura e que a linguagem relaciona língua/estrutura e uso. Para o Círculo, a língua só se constitui no uso, na interação. Sendo assim, usamos alternadamente língua e linguagem.

Tendo em vista que muitos trabalhos frequentemente circunscrevem essa perspectiva bakhtiniana de linguagem à literatura, Brait faz a seguinte observação sobre essa ampla visão do Círculo sobre a linguagem:

O conceito que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifrada. (BRAIT 2005, p. 88)

O conceito de linguagem apresentado pelo Círculo não é baseado unicamente nos aspectos linguísticos, mas abarca conceitos que assinalam a indissociabilidade entre língua, cultura e sociedade e entende o processo de significação como sendo de natureza social. Sobre a importância dessa concepção de linguagem engendrada pelo Círculo e destacando o caráter interativo da linguagem, Castro assinala a sua natureza sociológica:

*A concepção sociológica de linguagem* dos autores russos é o principal elemento articulador e organizador de suas discussões. E, para dar conta do estudo e da compreensão da linguagem nessa perspectiva, o Círculo vai se dedicar, ao longo de suas obras, a alguns temas que giram em torno especificamente da interação, que vão revelando mais claramente o que acontece quando, ao nos relacionarmos mediados pela linguagem, produzimos nossos enunciados. (CASTRO, 2009, p. 118, grifo do autor)

Na formulação dessa concepção sociológica de linguagem, Bakhtin (2015) assinala que a cada momento histórico, cada geração ou camada social, há línguas distintas, e todas se caracterizam como linguagens sociotípicas; assim em uma mesma época convivem diferentes línguas sociais:

Desse modo, em cada dado momento da sua existência histórica a língua é inteiramente heterodiscursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicas do presente, entre correntes, escolas, círculos, etc. Essas “línguas” do heterodiscurso cruzam-se de modos diversos entre si, formando novas “línguas” sociotípicas. (BAKTIN, 2015, p. 66)

Assim sendo, o que existe é uma grande diversidade de línguas sociais que são produzidas nos grupos sociais. Essa convivência é marcada por conflitos/lutas sociais,

que fazem operar sobre essas línguas forças unificadoras e centralizadoras (forças centrípetas) em oposição e complementaridade a forças transformadoras e diversificadoras (forças centrífugas). A imposição da língua única/legítima é uma ação do grupo dominante na imposição da sua língua sobre as outras, e se caracteriza como a ação das forças centrípetas sobre as forças centrífugas. Faraco apresenta sua reflexão sobre a tentativa de monologizar a heterogeneidade discursiva comum às disputas de poder:

Nesse ponto, é importante deixar registrado que a reação ao caráter infinito (centrífugo) da semiose humana será parte inerente ao jogo de poderes sociais. As vontades sociais de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento: tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como a verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo. (FARACO, 2009, p. 53)

Assim sendo, pode-se observar uma busca constante pela artificialmente construída unidade sob o rótulo de língua única em oposição à diversidade. Sobre esse processo, Morson e Emerson esclarecem:

Segundo Bakhtin, a linguagem *nunca* é um sistema unitário de normas. Pelo contrário, na linguagem, como na psique e em tudo o mais na cultura, a ordem nunca é completa e sempre requer trabalho. Ela é uma *tarefa*, um *projeto*, sempre em andamento e nunca concluído, e é sempre oposta à desordem essencial do mundo. Na linguagem, a desordem decorre das complexidades da vida diária, com todos os seus objetivos invisíveis, pequenos, prosaicos, e mudança de estado de espírito e avaliação, que não são redutíveis a um sistema. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 155, grifo do autor)

Seguindo essa discussão, os autores tratam mais especificamente da visão de Bakhtin sobre a problemática das regras no que diz respeito às ações humanas no mundo e conseqüentemente na linguagem para conter a diversidade de línguas sociais. Nas palavras dos autores:

Em suas teorias da linguagem, da cultura e da psique, Bakhtin contrapõe-se à tendência do teorismo a reduzir as ações humanas a um conjunto de regras causais que as produziram. As regras existem, obviamente, mas seu domínio é limitado e não se deve entendê-las como potencialmente suscetíveis de explicar tudo. Se o fizessem, não haveria lugar para a mediação humana, para as pessoas criarem a si mesmas e ao seu mundo. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 185)



Nesse sentido, a perspectiva do Círculo de Bakhtin, que focaliza o heterodiscurso, vem afirmar que a linguagem se constitui como um conjunto de valores e de perspectivas ideológicas; nas palavras de Morson e Emerson (2008): “cada linguagem reflete um modo assistemático particular de agregar e aglutinar as forças históricas e sociais contingentes que a produziram” (p. 157). É essa perspectiva que vamos seguir em nosso trabalho.

Cabe ainda apresentar três coordenadas da concepção de linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin que, segundo Faraco, já estavam na primeira obra do pensador russo (*Para uma filosofia do ato*). Faraco as apresenta da seguinte forma:

- a) *a perspectiva da refração avaliativa de nossas relações com o mundo* — fundamento da futura concepção da linguagem como estratificada axiologicamente e do conceitual da heteroglossia, isto é, da multiplicidade das vozes ou línguas sociais;
- b) *a relação eu/outro* — fundamento da grande metáfora dialógica do Círculo, que vai orientar sua compreensão da dinâmica da cultura imaterial e donde emerge a filosofia do riso de Bakhtin e seu conceitual da heteroglossia dialogizada, da bivocalização, do discurso citado;
- c) *o destaque à unicidade dos eventos do mundo da vida* — que sustentará, no futuro, a insistência do Círculo em aproximar sistematicamente as práticas de linguagem do cotidiano e aquelas das diferentes esferas da criação ideológica. (FARACO, 2009, p. 101, grifo do autor)

Nesse trecho, podemos perceber que, na teoria formulada pelo Círculo, já havia de forma embrionária no primeiro trabalho de Bakhtin, apontamentos que depois, segundo Faraco, passaram por uma “semiotização sociologizada”. Nessas coordenadas, destacamos a multiplicidade de vozes sociais, a relação dialógica existente nas interações e o aspecto social da linguagem, essenciais na concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Ainda discorrendo sobre a concepção de linguagem do Círculo, Faraco acrescenta o seguinte:

Todo o dizer, por estar imbricado com a práxis humana (social e histórica), está também saturado dos valores que emergem dessa práxis. Essas diferentes “verdades sociais” (essas diferentes refrações do mundo) estão materializadas semioticamente e redundam em diferentes vozes ou línguas sociais que caracterizam a realidade da linguagem como profundamente estratificada (heteroglósica) e atravessada pelos contínuos embates entre essas vozes — a infinda heteroglossia dialogizada. (FARACO, 2009, p. 121)

A linguagem carrega e está carregada de índices sociais de valor e é palco de disputas de valores e verdades sociais. Dentro do apontado até agora, torna-se ainda pertinente apresentar a seguinte reflexão de Faraco sobre a relação da língua e os índices sociais de valor:

Nesse sentido, aquilo que chamamos de língua não é só um conjunto difuso de variedades geográficas, temporais e sociais (como nos ensinaram a dialetologia, a linguística histórica e a sociolinguística). Todo esse universo de variedades formais está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais. Aquilo que chamamos língua é também e principalmente um conjunto definido de vozes sociais. (FARACO, 2009, p. 57)

Assim, a língua é o encontro sociocultural de diferentes vozes sociais que se entrecruzam de maneira multiforme, o que também pode dar origem a novas vozes sociais, ao mesmo tempo em que a língua também é um emaranhado de diferentes estratificações. Essa concepção sociológica da linguagem aqui apresentada servirá de aporte para nossa proposta de análise por ser um princípio norteador e organizador das teorias apresentadas pelo Círculo de Bakhtin.

### **1.1.1. Dialogismo**

Nessa concepção de linguagem, é essencial o dialogismo. Para o Círculo, este constitui a realidade fundamental da língua; é central em toda a teoria desenvolvida pelo Círculo. Ao tratar do dialogismo, frequentemente os autores retomam a ideia de diálogo, mas em um sentido amplo, como fica evidente neste trecho:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 127)

Assim, o “diálogo” não abrange apenas a interação corriqueira, pois se refere a interações mais amplas e complexas, incluindo o texto escrito como forma ativa de diálogo/interação. Segundo Marchezan, o diálogo é visto de forma diversificada:

(...) o reconhecimento das propriedades do diálogo permite apreender a linguagem viva, em ato, não apenas para a afirmação de sua base comum, para a necessária identificação de suas invariantes — desde que sem desvios para a reificação —, mas também para a caracterização de seus diferentes modos de existência. Não se considera, pois, um grande diálogo geral, sem feições, mas uma diversidade de diálogos, traduzíveis em especificidades de estilo e gênero, que os particularizam e localizam em práticas sociais cotidianas e em esferas de atividade mais sistematizadas. (MARCHEZAN, 2010, p. 118)

Na concepção dialógica, qualquer enunciação irá constituir apenas uma pequena fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta, ao mesmo tempo em que constitui apenas um momento na evolução de um dado grupo social. Daí decorre a importância de se pensar as interações concretas juntamente com as situações extralinguísticas que as constituem. Sobre isso Volochínov assevera:

A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 128)

A comunicação verbal se configura como ato sociocultural, devido a seu vínculo concreto com a situação sócio-histórica e cultural. Por isso, para os autores do Círculo, a língua vive e evolui na comunicação verbal e não no sistema linguístico abstrato e nem no falante individualmente. Para os autores, a ordem em que ocorre a evolução da língua inicia pelas relações sociais que evoluem, depois evolui a comunicação e a interação verbal e, por fim, as formas dos atos de fala.

Segundo as teorias do Círculo, o processo de interação é ininterrupto, sem começo e fim, e se realiza por meio das enunciações. Nas palavras de Volochínov:

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por *seu auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação da enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 129)

Seguindo essa perspectiva, entendemos que as enunciações configuram encadeamentos/cadeias, nos quais uma enunciação responde a outras e gera novas respostas. Nesse sentido, os discursos do cotidiano são modelados pela relação da palavra com o meio extraverbal e com a palavra do outro, enfim, pelas relações dialógicas que são estabelecidas com a enunciação (o enunciado) e a palavra do outro.

Para Bakhtin (2003), as relações dialógicas constituem a linguagem, isso não quer dizer que elas ocorrem nos elementos linguísticos da língua, mas sim na língua enquanto enunciado concreto. O que fica bem claro no fragmento: “Os elementos da língua dentro do sistema da língua ou dentro do “texto” (no sentido rigorosamente linguístico) não podem entrar em relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2003, p. 325). O autor ainda diz como podem ocorrer as relações dialógicas:

As línguas, dialetos (territoriais, sociais, gírias), estilo de linguagem (funcionais), digamos o discurso familiar do cotidiano e a linguagem científica, podem entrar naquelas relações dialógicas, isto é conversar entre si? Só sob a condição de um enfoque lingüístico, isto é, de serem transformados em “visões de mundo” (ou em certas visões de mundo centradas na linguagem ou no discurso), em “ponto de vista”, em “vozes sociais”, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 325)

Nesse sentido, diferentes visões de mundo podem ser postas em relações dialógicas, podem responder umas às outras na cadeia da comunicação social. As vozes sociais dialogam, respondem umas às outras. Essas vozes constituem o sujeito, de modo que o princípio que norteia a teoria dialógica concebe o sujeito não como um ser individual, mas como um ser em constante relação dialógica. Sendo assim, o sujeito não é pensado individualmente porque está em constante interação com o outro. Os falantes estabelecem relações dialógicas entre os enunciados e até mesmo enunciados distantes um do outro, seja no tempo ou no espaço, podem ser colocados em relações dialógicas.

Conforme estabelece Bakhtin (2003), não podemos pensar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais. Nas relações dialógicas podem ocorrer contradições, luta, discussão, desacordo e pode ocorrer também a concordância. Morson & Emerson advertem que na concepção de Bakhtin é equivocado pensar o diálogo como discordância; é preciso lembrar que a concordância também é dialógica:

Bakhtin adverte que descrever o diálogo como uma “discordância” é uma compreensão crua, e essa crueza requer apenas um curto passo para se chegar ao erro clamoroso de reduzir o diálogo à relação dialógica da contradição. A concordância é tão dialógica quanto a

discordância. A concordância tem variedades incontáveis, matizes e gradações infinitos e interações imensamente complexas. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 148)

Nas palavras de Bakhtin: “Desse modo, as relações dialógicas são bem mais amplas que o discurso dialógico no sentido restrito. Entre obras de discurso profundamente monológicas sempre estão presentes relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2003, p. 333). Isto porque essas obras integram cadeias de enunciados em esferas, campos sociais. Embora prevaleça no discurso monológico o tom valorativo do autor, suas tonalidades foram constituídas a partir da tomada das palavras com seus tons valorativos de outros enunciados. Suas palavras carregam ecos dessas histórias. É nesse sentido que a língua é constitutivamente dialógica.

O conceito de relações dialógicas é desenvolvido por Bakhtin. Ele afirma que essas relações não podem ser reduzidas ao lógico ou às formas linguísticas, pois somente são possíveis entre enunciados integrais:

*As relações dialógicas* são de índole específicas: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático- composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso (o diálogo consigo mesmo é secundário e representado na maioria dos casos). (BAKHTIN, 2003, p. 323, grifo do autor)

Cada enunciado é um elo na cadeia discursiva. Cada elo é produzido pelo falante em resposta a enunciados anteriores, de outros falantes, e procura antecipar respostas. Assim, a alternância dos sujeitos falantes é o que define as fronteiras de um enunciado. Segundo a perspectiva do dialogismo, temos a presença de outros discursos em nosso próprio discurso, pois todo enunciado responde a enunciados anteriores. O objeto de que se fala já foi objeto de outro dizer. Por isso, o autor afirma que o enunciado é representado por ecos distantes das alternâncias de sujeitos. Além disto, em uma citação textual da palavra do outro pode-se verificar de forma muito clara as alternâncias dos discursos nas relações dialógicas.

Todo enunciado sempre responde de alguma forma os enunciados que o antecedem, por isso cada enunciado se torna o palco de encontro de opiniões, ponto de vista, visões de mundo, ideologias (entendidas aqui como conjuntos de valores). Logo, o enunciado não está voltado apenas para o objeto do dizer, mas também para outros enunciados sobre esse objeto. Sobre isso o autor afirma: “o enunciado é um elo na

cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas.” (BAKHTIN, 2003, p. 300). Posteriormente, iremos explorar mais esse conceito ao tratarmos do enunciado.

Porém, o enunciado não está ligado apenas aos enunciados anteriores, mas também aos que virão depois. Os ouvintes não são passivos, são participantes ativos da comunicação discursiva, o falante espera sua compressão responsiva, nas palavras de Bakhtin:

Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos mas participantes ativos da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 301, grifo do autor)

O indivíduo não possui a origem de seu dizer, porque todo enunciado é somente um elo de uma cadeia infinita de enunciados, de modo que outros enunciados com os quais dialoga o prederam e também lhe são relativamente concomitantes. É em virtude dessa cadeia que o enunciado é também o ponto de encontro de diferentes ideologias e visões de mundo. Segundo o pensamento do Círculo de Bakhtin, o falante não é um Adão mítico que rompe o silêncio, pois seu enunciado é mais um elo na cadeia de enunciados. Seu enunciado antecede e precede outros enunciados com os quais ele mantém relações dialógicas, sobre esse aspecto temos a seguinte assertiva do autor: “As relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto. Sua índole específica (não lingüística). Diálogo e dialética.” (BAKHTIN, 2003, p. 309)

O dialogismo na concepção do Círculo de Bakhtin não se aplica apenas à linguagem, pois para os pensadores do Círculo a vida é um ato dialógico, como podemos perceber nessa passagem:

Natureza dialógica da consciência, natureza da própria vida humana. A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido

dialogico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348, grifo do autor)

É partindo desta perspectiva – de que a própria vida é dialógica – que podemos afirmar que o dialogismo na obra do Círculo não se restringe a uma categoria de análise, mas se configura como uma visão de mundo.

A compreensão de qualquer enunciado é entendida como dialógica, pois se configura sempre como uma resposta ativa. O autor assevera: “A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas)” (BAKHTIN, 2003, p. 331) e inclui em sua afirmação o pesquisador que também mantém uma relação dialógica com o seu material de estudo, pois sua compreensão é uma atitude dialógica.

Segundo Bakhtin, as relações dialógicas do falante/escritor com o ouvinte/leitor, influenciam a produção do enunciado devido ao direcionamento do falante para com o ouvinte/leitor:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as simpatias e antipatias — tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, *o estilo* do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p. 302, grifo do autor)

Essa influência do outro na construção do enunciado é carregada de uma complexidade de valores e tensões sociais, pois diz respeito à posição social, ao título e ao peso do destinatário, que se refletem nos enunciados como um entrecruzamento de vozes sociais, lutas sociais.

O entrecruzamento das vozes sociais ocorre de forma contínua e multiforme em uma intrincada cadeia de responsividade. Faraco esclarece como o Círculo trata a metáfora do diálogo:

Tal metáfora parece bem adequada para representar a dinamicidade o universo da cultura (para fundar uma filosofia da cultura), se considerarmos que o Círculo vê as vozes sociais com estando numa intrincada cadeia de responsividade: enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito (“não há palavra que seja primeira ou a última”),

provocam continuamente as mais diversas respostas (adesão, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações etc. — “não há limites para o contexto dialógico”). O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move **como se** fosse um grande diálogo. (FARACO, 2009, p. 58, grifo do autor)

Dentro deste panorama teórico, como temos assinalado, não pode haver enunciados isolados que não mantenham relações dialógicas com nenhum outro enunciado, que não respondam nenhum enunciado e que não precedam nenhum outro. Isto posto, não há limites para os contextos dialógicos e não há enunciado com sentido estável e acabado, como podemos comprovar neste trecho:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascido no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentido esquecido, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e viverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2003, p. 410, grifo do autor)

Reiteramos, assim, que nada que o falante profere é inédito, o objeto do discurso, todas as palavras e todos os enunciados trazem em si ecos de enunciados de outrem. A linguagem em si é dialógica, o próprio sujeito é social e dessa forma na interação com o outro também é dialógico.

Sobral (2010), analisando o dialogismo na obra do Círculo de Bakhtin apresenta três maneiras distintas em que ele pode aparecer:

- a) como princípio geral do agir — só se age em relação de contraste com relação a outros atos de outros sujeitos: o vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença;
- b) como princípio da produção dos enunciados/discursos, que advêm de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos;
- c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito. (SOBRAL, 2010, p. 106)



Algumas das formas em que o Círculo trata o dialogismo são mais gerais que outras, variando de um princípio geral de agir até a forma de composição de enunciado, mas de qualquer forma o dialogismo aparece na base dos estudos do Círculo.

Considerando que as relações dialógicas se constituem nos enunciados, sobre os quais temos tratado, nossa proposta, neste momento, é apontar em linhas gerais o pensamento do Círculo de Bakhtin sobre o enunciado, uma vez que este é um conceito muito relevante para nossa proposta de pesquisa. Ao retomarmos esse conceito, retornaremos às reflexões sobre relações dialógicas. Esse retorno se dá pelo fato de os enunciados se configurarem sobretudo por seu caráter dialógico, por se configurarem como elos nas cadeias da comunicação social.

## 1.2 Enunciado

Um estudo que compreende que é necessário voltar o olhar para as reais condições de uso da língua necessita da exploração de um conceito muito presente em toda a teoria apresentada pelo Círculo, o enunciado<sup>3</sup>.

O estudo do enunciado tem papel fundamental na teoria desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin como deixam claro Brait e Melo na seguinte passagem:

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. Bakhtin e seu Círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo. (BRAIT E MELO, 2010, p. 65)

O conceito de enunciado formulado pelo Círculo de Bakhtin implica, portanto, segundo essas autoras, a vinculação a outros conceitos que assinalam o caráter histórico, social e cultural da língua, como o signo ideológico e os gêneros discursivos, sobre os quais falaremos mais adiante neste trabalho.

---

<sup>3</sup> Em alguns textos, os autores denominam “enunciado”, “texto” e, por vezes, “discurso” (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2000), intercalada com a denominação “enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014; BAKHTIN, 2015).

Como visto anteriormente, nas teorias apresentadas pelo Círculo de Bakhtin, podemos pensar o texto sob a ótica de dois elementos distintos e complementares. Em cada texto, existe o material verbal que pode ser repetido e reproduzido. Esse material é carregado de valor, mas cada texto mobiliza os conjuntos de valores relativos àquela interação específica, de modo que assinala seu caráter único, individual e singular. Nele estaria todo o sentido e a razão pela qual o texto foi criado, para Bakhtin:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema de linguagens. A esse sistema corresponde no texto tudo que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitante, porém cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 2003, p. 309)

Nessa perspectiva é importante destacar que o enunciado concreto não é uma abstração linguística, mas se realiza no momento da interação entre participantes co-construtores do enunciado.

O autor ainda destaca que os textos estão ligados em uma cadeia de textos, não pelos elementos repetíveis do sistema de uma língua, mas pelos elementos singulares a cada texto: processo da interação – leitor ou ouvinte numa situação histórica e social específica promove respostas/compreensões específicas em função das relações dialógicas que cada leitor ou ouvinte estabelece. Essa ligação ocorre por meio das relações dialógicas.

Dentro do que já foi dito, pensando o texto como enunciado, percebemos que cada vez que um enunciado é produzido, isso se dá de forma nova e singular:

É possível uma identidade absoluta entre duas ou mais orações (sobrepostas uma à outra, como duas figuras geométricas, elas irão coincidir); além disso, devemos admitir que qualquer oração, inclusive a mais complexa, no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em forma absolutamente idêntica, mas como enunciado (ou parte do enunciado) nenhuma oração, mesmo de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação). (BAKHTIN, 2003, p. 313)

Sendo assim, a reprodução de um texto como enunciado, seja através de leitura, retomada ou citação, é um acontecimento novo e singular na vida deste texto: é “um novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva” (p. 311). Isso ocorre porque o

enunciado não é apenas um reflexo do que já está dado e acabado, o enunciado cria a partir do dado algo novo e único – uma resposta única de um interlocutor, que mobiliza um conjunto de valores específico, num processo de interação específico:

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo que já existe fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com verdade, com bondade, com a beleza, etc). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado. (BAKHTIN, 2003, p. 326)

Segundo Bakhtin, para pensar no enunciado em sua plenitude temos que perceber que os seus elementos extralinguísticos penetram no enunciado por dentro ao mesmo tempo em que o mantém ligado aos outros enunciados.

É interessante ressaltar que o Círculo estava primordialmente interessado nas condições concretas de vida dos textos/enunciados, na sua inter-relação e na interação dos textos com outros textos dentro de uma cadeia dialógica:

Só o enunciado tem relação *imediata* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). Na língua existem apenas as possibilidades potenciais (esquemas) dessas relações (formas pronominais, temporais, modais, recursos lexicais, etc.). Contudo o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas imediatamente — e isso é o que mais importa para nós — com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação. Fora dessa relação ele não existe *em termos reais* (apenas como texto). Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 328, grifo do autor)

O foco dos autores está nos enunciados reais, pois as formas da língua são apenas uma potencialidade que se concretiza como enunciado em um contexto real com falantes reais, em uma relação dentro de uma cadeia dialógica com outros enunciados. Por isso, a compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica (BAKHTIN, 2003, p. 331). O falante/ouvinte/leitor constrói os sentidos dessas formas na interação colocando em relação aquele enunciado concreto com outros enunciados. As relações dialógicas podem ser estabelecidas mesmo em textos distantes e alheios:

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc). (BAKHTIN, 2003, p. 331)

Quando dois enunciados alheios tocam no mesmo tema, acabam entrando inevitavelmente em uma relação dialógica, pois estão em um território comum de tema ou pensamento. É importante compreender que as relações dialógicas são mais complexas do que podem parecer, “(...) não se pode interpretar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais, reduzindo-as a uma contradição, luta, discussão, desacordo.” (BAKHTIN, 2003, p. 331). As relações dialógicas não podem ser reduzidas a relações lógicas nem objetais, pois nelas se encontram posições integrais com pessoas integrais:

A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a *concordância*, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetais) sobreposições de sentido sobre o sentido, da voz sobre a voz, intensificações pela fusão (mas não identificação), combinações de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 327, grifo do autor)

Segundo o Círculo, a análise apenas dos elementos linguísticos não alcança o mais importante, os elementos dos enunciados, pois estes não estão nos elementos linguísticos porque não cabem neles (elementos do enunciado não são apenas internos ao enunciado — tema, estrutura composicional e estilo — mas são primeiramente os elementos extraverbais), de modo que é fundamental dedicar atenção a eles. Segundo Bakhtin:

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa) (BAKHTIN, 2003, p. 332)

Ainda a respeito dessa questão, Faraco (2009) discorre sobre o posicionamento do Círculo segundo o qual somente pode haver relações dialógicas quando há posicionamento avaliativo:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*. Só assim é possível responder (em que sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsiva a partir do encontro de posições avaliativas (FARACO, 2009, p. 66, grifo do autor)

Mais do que um espaço de posicionamento do sujeito social, as relações dialógicas podem ser um espaço de convergência, de fusão e de tensão entre esses posicionamentos e também de desacordo. Sobre esta questão Faraco esclarece:

Fica claro, então, que o Círculo de Bakhtin entende as relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados. Estes, portanto, não apenas coexistem, mas se tencionam nas relações dialógicas. Mesmo a responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais): aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela. (FARACO, 2009, p. 69)

Nessa perspectiva, como pesquisadoras, na análise a que nos propomos, não nos limitaremos à observação dos elementos linguísticos por si só, mas das relações dialógicas existentes entre os enunciados que compõem nosso *corpus*. Portanto, em uma perspectiva bakhtiniana, o interpretador é parte do enunciado, pois participa de um encontro dialógico e não compreenderá os valores dos enunciados verificando suas relações linguísticas, mas sim pelas diferentes formas de sua relação com a realidade, com o falante e com os outros enunciados.

Para Bakhtin (2003), o enunciado pleno não é uma unidade da língua, contudo é uma unidade de comunicação discursiva, pois o seu sentido pleno está relacionado ao juízo de valor e solicita uma compreensão responsiva que também está pautada em um

juízo de valor. Desse modo, o analista não se coloca fora do mundo que observa, pois sua observação integra o mundo observado:

Isso se refere inteiramente aos enunciados plenos e às relações entre eles. Eles não podem ser entendidos de fora. A própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total. (BAKHTIN, 2003, p. 332)

Para o autor, o analista assume uma posição específica e se torna o terceiro ou quarto do diálogo, que tem uma posição muito específica, pois além do enunciador todo enunciado tem sempre um destinatário que tem sua compreensão responsiva antecipada pelo autor. Porém, além deste destinatário, o autor do enunciado também propõe um supradestinatário superior que tem sua compreensão responsiva pressuposta. Morson & Emerson elucidam que nos escritos de Bakhtin não há exemplos ilustrativos dos supradestinatário e propõem as seguintes situações para análise:

No discurso cotidiano entre duas pessoas, é possível voltar-se para uma terceira pessoa que está efetivamente presente: “Você deveria ouvi-lo!” Ou um dos dois pode gesticular: sinalizar com os olhos ou adotar uma postura corporal questionadora, como se falasse com uma pessoa invisível que promovesse a compreensão do outro, recalcitrante. Às vezes, falamos a alguém como se nossa verdadeira preocupação fosse com um possível ouvinte não-presente, alguém cujo juízo importasse *de fato* ou cujo conselho nos ajudasse efetivamente. Para dizê-lo mais positivamente: o supradestinatário incorpora um princípio de esperança. Ele está presente, mais ou menos conscientemente, em *qualquer* enunciado. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 151, grifo do autor)

Esse supradestinatário poderá variar conforme as diferentes épocas ou concepções de mundo e pode ganhar diferentes expressões ideológicas concretas, tais como, Deus, o povo, a verdade absoluta:

Contudo, além do destinatário (segundo), o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva justa ele pressupõe quer na distância metafísica, quer no distante tempo histórico. “Um destinatário de escapatória”. Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc.). (BAKHTIN, 2003, p. 333)

Vale salientar que o enunciador propõe o supradestinatário em alguns casos com maior ou menor consciência, e esse terceiro não é algo místico ou metafísico e sim um elemento constitutivo do enunciado, que segundo Morson & Emerson, pode ser a personificação de várias expressões ideológicas. Os autores acrescentam:

Mas, embora essas expressões ideológicas sejam projetadas, importa não confundi-las com o próprio supradestinatário, que é, estritamente falado, um fato constitutivo, não ideológico, mas metalinguístico, de todos os enunciados. Culturas, subculturas e indivíduos podem mudar a sua imagem do ouvinte idealmente responsivo, ou podem não ter nenhuma imagem concreta e geralmente partilhada, mas seus enunciados ainda presumem essa “terceira parte”. (MORSON & EMERSON, 2009, p. 152)

É nesse complexo entrecruzamento de interlocutores dos enunciados que entra o analista do discurso. E é necessário levar em consideração esses diferentes, mas complementares, interlocutores no processo de análise. Mesmo que a materialidade linguística se repita, o enunciado será novo, justamente porque, mudando o leitor/ouvinte, novos sentidos são produzidos. É nesse sentido que o Círculo afirma que o enunciado é singular e historicamente único, o que impossibilita sua reprodução: “As unidades da comunicação discursiva — enunciados totais — são irreprodutíveis (ainda que se possa citá-las) e são ligadas entre si por relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2003, p. 335). A citação de um enunciado é possível, mas cada vez que um enunciado é reproduzido, ele se torna um novo enunciado, pois mudam as condições de produção do discurso, mantendo a relação dialógica com o enunciado de origem e com os outros que de alguma forma se relacionam a ele.

Pautando-se nesta perspectiva de Bakhtin/Volochínov (2000, p. 7), o contexto extraverbal do enunciado, sobre o qual o analista deve se debruçar no que se refere ao destinatário/ouvinte/leitor, compreende três fatores: o horizonte espacial comum dos interlocutores, o conhecimento e a compreensão comum da situação e a avaliação comum dessa situação.

Para o Círculo bakhtiniano, a situação extraverbal não é apenas a causa externa de um enunciado; a situação integra o enunciado de forma constitutiva e essencial fazendo parte da estrutura de significação. Então o extraverbal age no enunciado como uma força interna.

Seguindo essa perspectiva, para o Círculo um enunciado como um todo significativo seria formado por duas partes, uma que é a parte percebida e realizada

pelas palavras e a outra parte que é a presumida. A parte presumida não deve ser entendida como algo individual e subjetivo, ao contrário, é fundamentalmente social e objetivo, pois “ele consiste, sobretudo, da unidade material do mundo que entra no horizonte dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2000, p. 8).

Assim sendo, cada enunciado é constituído também pelas condições reais de vida, e cada enunciado é como uma senha que pode ser compreendida por aqueles que compartilham o mesmo campo social, ou seja:

A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2000, p. 8 e 9)

O horizonte presumido pode ser mais estreito ou mais amplo; quanto mais estreito, menos constantes se tornam os fatores presumidos. Porém, quando o horizonte é mais amplo, os fatores presumidos se tornam mais constante. Quando o campo de alcance é amplo, o enunciado pode se sustentar somente em valores estáveis e avaliações sociais fundamentais, adquirindo uma importância especial, porque elas não são enunciadas, estão fundidas aos fenômenos e objetos. Quando percebemos a existência de algo, já automaticamente percebemos seu valor, e assim este julgamento de valor é dado como certo sem a necessidade de discussão.

Reiteramos, assim, que o enunciado concreto não é de forma alguma uma produção individual, é sim um evento social no qual figuram os participantes da enunciação. Em uma análise que se pauta nesse pressuposto não é possível pensar em dissociar o enunciado do seu contexto extraverbal, a sua parte percebida da presumida:

O enunciado concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando cortamos o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca lingüística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal “idéia da obra”, com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) – duas abstrações que não são passíveis de união mútua porque não há chão concreto para sua síntese orgânica. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2000, p. 13)



Portanto, a vida não está fora do enunciado, pelo contrário, está impregnada no enunciado concreto que o falante produz carregado de julgamentos de valores essencialmente sociais. Segundo Volochínov,

O significado e a importância de um enunciado na vida (seja qual for a espécie particular deste enunciado) não coincide com a composição puramente verbal do enunciado. Palavras articuladas estão impregnadas de qualidades presumidas e não enunciadas. O que se chama de “compreensão” e “avaliação” de um enunciado (concordância ou discordância) sempre engloba a situação pragmática extraverbal juntamente com o próprio discurso verbal. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2000, p. 14)

Bakhtin (2003, p. 280), em sua obra intitulada *Estética da criação verbal*, no texto “Os gêneros do discurso”, apresenta algumas peculiaridades dos enunciados. A primeira delas é a alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura os enunciados e delimita os outros enunciados vinculados a ele. A segunda peculiaridade é a conclusibilidade, que é definida como uma espécie de aspecto interno da alternância de sujeitos, pois essa alternância pode ocorrer porque o sujeito disse tudo que queria dizer em um determinado momento. A conclusibilidade é determinada por categorias específicas, como por exemplo, a possibilidade de resposta, de se ocupar uma posição responsiva com relação a um enunciado. Essa possibilidade de resposta é determinada por três elementos: “1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.”

A exauribilidade do objeto e do sentido pode variar conforme os diferentes campos de comunicação, em campos oficiais, por exemplo, a exauribilidade pode ser quase extremamente plena, porém em campos da criação a exauribilidade pode ser relativa, apenas o suficiente para permitir uma posição responsiva. No campo acadêmico, no qual se insere o presente trabalho, a exauribilidade do objeto implica recortes bem definidos, o que, por sua vez, implica deixar de fora muitos outros enunciados já produzidos sobre o mesmo tema.

O projeto discursivo ou a vontade discursiva do falante é o que determina o todo do enunciado, bem como suas fronteiras. Quando o falante quer dizer e sua ideia e vontade são verbalizadas, essa ideia determina a própria escolha dos limites do que será tratado em relação ao objeto (sua exauribilidade); determina também a escolha do gênero no qual será construído o enunciado, vinculando esse projeto discursivo a uma

situação concreta de comunicação discursiva. A análise dos mesmos enunciados analisados nesta dissertação demandaria recortes muito distintos se fosse realizada na forma de um artigo científico.

Neste terceiro elemento, formas típicas composicionais do gênero, a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um gênero de discurso, que é determinada pela especificidade de um dos campos de comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação concreta da comunicação discursiva e pela composição dos participantes. Então, o projeto discursivo do falante é aplicado e adaptado ao gênero escolhido. Para Bakhtin:

Falamos apenas através de gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente sua existência. (BAKHTIN, 2003, p. 282 grifo do autor)

Assim sendo, os gêneros do discurso organizam o nosso discurso, pois aprendemos moldá-los em forma de gêneros, que nos chegam quase da mesma forma que nos chega nossa língua materna – através de enunciações concretas em comunicações discursivas vivas.

O autor compara a aquisição dos gêneros do discurso com a aquisição da língua materna; Bakhtin explica que a língua não nos chega através de dicionário e gramáticas, mas sim através de enunciações concretas e que ouvimos e reproduzimos na comunicação viva; não aprendemos a língua materna em gramáticas e dicionários e o mesmo ocorre com os gêneros discursivos:

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nosso discurso da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira

vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Ainda na comparação dos gêneros do discurso com a forma da língua, podemos dizer que o gênero é mais flexível e mutável, mas para o falante é também de caráter normativo, pois não é criado por ele e sim apresentado a ele. Logo, quanto melhor dominamos os gêneros discursivos, mais livremente podemos empregá-los e realizar o nosso projeto de discurso.

Para Bakhtin (2003), não se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e é necessário atentar para a diferenciação dos gêneros primários e secundários. Os gêneros discursivos secundários surgem em condições de convívio cultural mais complexo, muito desenvolvida e organizada e no processo de sua formação incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, que são formados nas condições da comunicação discursiva imediata. Porém, quando os gêneros discursivos primários integram os gêneros discursivos secundários eles perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais. Ou seja, “A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero.” (p. 268).

Ainda segundo o autor, todo enunciado individual pode refletir a individualidade do falante e ter estilo individual, porém nem todo gênero é propício ao reflexo do estilo individual, ou seja, há gêneros do discurso que exigem uma forma padronizada. O autor ainda afirma que para a maioria dos gêneros discursivos o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, mas é seu produto complementar.

Para Bakhtin (2003) os estilos de linguagem são estilos de gêneros de determinada esfera de atividade humana:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2003, p. 266)

Portanto o estilo irá integrar a unidade de gênero do discurso e o enunciado como seu elemento.

Segundo Bakhtin (2003) é importante atentar para as mudanças históricas dos estilos de linguagens, pois estão ligadas às mudanças dos gêneros dos discursos. Para o autor:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilo. (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Assim sendo, podemos concluir que as mudanças que ocorrem nos estilos de linguagem que estão ligadas aos gêneros dos discursos são importantes porque elas refletem as mudanças que ocorrem na sociedade.

Por fim, o autor ainda cita uma terceira peculiaridade do enunciado, a relação do enunciado com o próprio autor do enunciado e com outros participantes da comunicação discursiva. Todo enunciado tem um objetivo e se dirige a alguém, formando do mesmo modo mais um elo real na cadeia da comunicação discursiva.

Bakhtin (2003) ainda explicita que o elemento expressivo determina a composição e o estilo do enunciado, pois é a relação valorativa com o conteúdo do objeto que também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. Esses elementos expressivos podem ocorrer com distintos graus de força, mas sempre estão presentes, pois “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (p. 289).

Outro ponto basilar na teoria do Círculo de Bakhtin é a assimilação da palavra do outro. Tonalizamos com valores as palavras a partir das experiências com as palavras alheias que passam a ser nossas em vários graus. Em nosso enunciado sempre há palavras do outros:

Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* — mais ou menos criador — das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilaremos, reelaboraremos, e reacentuaremos. (BAKHTIN, 2003, p. 294, grifo do autor)

Ao assimilarmos a palavra do outro, adquirimos também sua expressividade, o tom valorativo que traz consigo. Não assimilamos palavras neutras, porque toda palavra tem em maior ou menor grau sua expressividade nos enunciados do outro.

Dessa forma, cada enunciado possui uma atitude responsiva a outros anteriores que pode ter diferentes formas, pois o enunciado pode ser introduzido diretamente no contexto do novo enunciado; podem também ser introduzidas palavras isoladas como representantes de um enunciado pleno; pode-se ainda conservar o enunciado do outro apenas alterando sua carga valorativa.

O enunciado do outro pode em um novo enunciado receber diversos graus de reassimilação, servindo apenas de base, sendo pressuposto em silêncio, ou simplesmente a atitude responsiva pode estar somente na expressão do próprio discurso novo, na seleção dos recursos linguísticos e entoações. Assim sendo, a expressão de um dado enunciado não é determinada apenas por seu conteúdo semântico-objetual, mas também pela assimilação do enunciado do outro sobre o mesmo tema.

O autor assevera ainda que por menos consciência/conhecimento que o falante tenha de outros enunciados já produzidos sobre aquele objeto, seu enunciado sempre integra a cadeia daqueles anteriormente já produzidos sobre o objeto, mesmo que esta responsividade não seja propriamente nítida e esteja manifestada na tonalidade de sentido, expressão, estilo ou composição. Bakhtin completa:

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia — seja filosófica, científica, artística — nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003, p. 297, grifo do autor)

Em vista disso, em todo enunciado estudado com profundidade e em suas situações concretas de comunicação discursiva é possível descobrir a palavra do outro, ela pode estar semilátente e latente e em diferentes graus de alteridade. Sobre isso, Bakhtin assevera:

Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas, enfraquecidas ao extremo pelos limites dos enunciados, totalmente permeáveis à expressão do autor. (BAKHTIN, 2003, p. 299)

Logo, quando o enunciado não é analisado isoladamente e sim na relação com o outro e com o discurso do outro, tendo em vista que um enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, ele pode ser considerado um fenômeno muito mais complexo.

Como temos assinalado, na concepção bakhtiniana, o enunciado é um elo na cadeia discursiva que não pode ser separado dos outros elos, essa ligação gera uma atitude responsiva e uma ressonância dialógica. Os enunciados não se unem somente aos enunciados que o antecedem como também aos enunciados subsequentes. Ao se criar um novo enunciado o elo com o enunciado subsequente ainda não existe, mas o novo enunciado se constrói levando em conta a atitude responsiva do outro, pois os ouvintes não são passivos e sim ativos na comunicação discursiva. Dessa forma, desde o início o falante aguarda a compreensão responsiva do seu ouvinte. Assim sendo:

(...) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271)

Então a compreensão passiva do discurso é apenas um momento abstrato da compreensão responsiva ativa e plena. Em relação à resposta, é necessário assinalar que nem sempre a resposta em voz alta a um enunciado ocorre logo após o seu pronunciamento, contudo a compreensão ativa e responsiva ocorre mais cedo ou mais tarde tanto seja em um discurso subsequente como no comportamento do ouvinte. A compreensão plena e real é ativamente responsiva, tendo como uma fase a etapa preparatória para uma resposta, pois:

(...) todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes — dos seus e alheios — com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente

os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003, p. 272)

Com isso, segundo Bakhtin (2003), temos a alternância dos sujeitos do discurso, e se pode dizer que existe a seguinte estrutura para cada novo enunciado: no “seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros” (p. 275), ou seja, na alternância de sujeitos o falante termina o seu enunciado para passar a palavra para a compreensão responsiva do outro. Em vista disso, o enunciado não é uma unidade convencional da língua, é uma unidade real delimitada pela alternância de sujeitos no discurso.

Seguindo o que foi postulado por Bakhtin (2003), reafirmamos que outro traço essencial do enunciado é o seu endereçamento, ou seja, seu direcionamento a alguém. Pois, diferentemente das unidades da língua que são impessoais, os enunciados têm autor e destinatário. Esse destinatário pode ser o interlocutor direto, uma coletividade, pode ser um público, adversário, subordinado, pessoa íntima, estranho ou um “outro” totalmente indefinido e não concretizado; o destinatário é determinado pelo campo da atividade humana no qual o enunciado irá se inserir.

Cada falante representa para si seu destinatário, que pode coincidir com quem responde o enunciado. Essa equivalência entre destinatário e respondente é comum no diálogo cotidiano, mas é menos frequente em outros campos da comunicação. Quando o destinatário e o respondente coincidem, no enunciado de resposta que o ouvinte elabora há uma antecipação da possível reposta que posteriormente virá. Sobre este processo Bakhtin explica:

Porque o enunciado daquele que eu respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeções, o qual executo, levo em conta, etc.) já está presente, a sua resposta (ou compreensão responsiva) ainda está por vir. Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda a sorte de subterfúgios, etc.) (BAKHTIN, 2003, p. 302)

Como já afirmamos anteriormente, ao responder um enunciado o falante leva em conta como seu discurso será percebido pelo seu destinatário, leva em consideração suas percepções, seus preconceitos, porque tudo isso irá influenciar na compreensão responsiva de seu enunciado. Esses pontos também irão auxiliar na escolha do gênero e,

consequentemente, na escolha dos meios linguísticos, o estilo, utilizados nesse enunciado. Alguns matizes mais sutis do estilo são determinados pelo grau de proximidade com o destinatário, portanto “a escolha de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada.” (BAKHTIN, 2003, p. 306)

Diante de tudo o exposto até aqui, podemos concluir que a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado, pois, segundo Bakhtin (2003), o discurso, entendido aqui como conjunto de dizeres sobre um objeto/tema, só pode existir de fato na forma de enunciações concretas; de igual modo o discurso está sempre na forma de enunciado e sempre pertencendo a um sujeito do discurso, fora deste contexto ele não pode existir.

Para os autores é importante perceber a natureza social da enunciação, pois o centro organizador da enunciação não está no seu interior e sim no exterior, está no meio social no qual se produz a interação. Mesmo a enunciação humana mais primitiva é organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 126)

Assim, a estrutura da enunciação, a atividade mental, a elaboração estilística da enunciação, a realidade da língua e cada elo da cadeia verbal são de natureza sociológica.

Logo, segundo o Círculo de Bakhtin, a língua nessa perspectiva sociológica vai efetuar-se em forma de enunciados concretos e únicos que podem ser proferidos pelos integrantes dos mais diversos campos da atividade humana:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Assim sendo, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão ligados no todo do enunciado, e são determinados pelas especificidades que determinado campo de comunicação possui.



Diante do exposto, percebemos que dentro da perspectiva do Círculo de Bakhtin cada enunciado concreto é individual, contudo cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados que vêm a ser os gêneros do discurso.

Conforme afirma Bakhtin (2003), falamos sempre através de gêneros do discurso; nossos enunciados se realizam sempre por formas relativamente estáveis, pois temos ao nosso dispor um vasto repertório de gêneros e os empregamos de forma habilidosa, mesmo não os conhecendo do ponto de vista teórico.

Diante de todo o exposto até aqui, percebemos que a perspectiva adotada pelo Círculo de Bakhtin trata o texto não como um conjunto de elementos linguísticos autônomos e sim como enunciado concreto, ou seja, o produto de uma enunciação real ocorrida na interação entre sujeitos ativos em uma comunicação discursiva, na qual o falante e o ouvinte agem de forma responsiva e ativa, pois cada enunciado suscita uma resposta. O enunciado é pleno e está carregado dos ecos de outras enunciações que o precedem e o sucedem, pois cada enunciado é em elo em uma complexa corrente de enunciados.

Esses preceitos formulados pelo Círculo de Bakhtin orientam esta pesquisa, pois nossa intenção não é analisar apenas os aspectos linguísticos dos textos, e sim analisar conjuntamente o verbal e o extraverbal, com o intuito de melhor perceber a complexa teia na qual se inserem os enunciados que compõem nosso *corpus*, mas para tanto outras questões teóricas ainda necessitam ser esclarecidas.

### **1.3 A palavra em uma perspectiva bakhtiniana:**

A perspectiva do Círculo de Bakhtin apresenta uma visão de linguagem (linguagem como interação dialogicamente constituída), da mesma maneira, outros temas relacionados à linguagem necessitam ser revisitados. Este é nosso objetivo agora, revisar e discutir um conceito fundamental relacionado à linguagem que será de grande importância para nossa proposta de análise, para tanto continuaremos nos pautando nas obras produzidas pelo Círculo de Bakhtin.

Quando analisada em uma visão dialógica, a palavra pode receber contornos teóricos bem distintos daqueles da fonologia, da morfologia, da semântica, da estilística ou da lexicologia. Acerca desse posicionamento do Círculo, Stella esclarece:

Desde as primeiras décadas do século XX, nos trabalhos de M. Bakhtin e seu Círculo não somente a palavra, mas também a linguagem em geral, é concebida e tratada de uma outra forma, levando-se em conta sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso. Isso significa que, no pensamento bakhtiniano, a palavra posiciona-se em relação às concepções tradicionais, passando a ser encarada como um elemento concreto de feitura ideológica. (STELLA, 2010, p. 178)

Para Bakhtin (2003), a palavra é um recurso linguístico com a possibilidade de apresentar expressão valorativa sobre a realidade, mas em si não tem nenhuma realidade determinada, pois o real juízo de valor apenas se realiza pelo falante em um enunciado concreto. Para o autor, “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes.” (BAKHTIN, 2003, p. 306). Por conseguinte, a palavra como elemento linguístico é neutra, mas pode dentro de um contexto real de produção e um enunciado concreto exprimir posição valorativa. Acerca da neutralidade da palavra, Stella (2010) faz a seguinte reflexão onde retoma qual sentido de neutralidade é usado pelos pensadores russos: o que não significa que a palavra deixa de ser um produto ideológico, mas sim que o termo remete a sua capacidade de assumir qualquer função ideológica:

*A neutralidade da palavra, por sua vez, se estabelece no sentido de que a palavra é “neutra em relação a qualquer função ideológica”, ou seja, pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado concreto. Além disso, pode ser entendida como um “signo neutro”, não no sentido de que não tenha “carga ideológica”, mas no sentido de que, como signo, como conjunto de virtualidades disponíveis na língua, recebe carga significativa a cada momento de seu uso. (STELLA, 2010, p. 179, grifo do autor)*

Segundo Bakhtin (2003), quando um falante escolhe uma palavra, este o faz partindo do todo da enunciação, que se constitui também (e principalmente) pelo extraverbal, essa enunciação é sempre expressiva e irradia expressão a cada palavra escolhida. Então, escolhe-se a palavra pelo significado, que em si não é expressivo, mas pode corresponder ao objetivo expressivo. Sendo então a palavra neutra, a realidade concreta e as condições reais de comunicação geram nela a expressão, nas palavras do autor:

Ora, é precisamente isto que ocorre no processo de criação do enunciado. Repetimos, só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão: esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós. (BAKHTIN, 2003, p. 292)

O significado de uma palavra isolada é extra-emocional, até mesmo uma palavra que signifique emoção e juízo de valor, se fora do contexto da enunciação ainda é neutra, “Portanto, a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto.” (BAKHTIN, 2003, p. 292)

Porém, há ainda um ponto importante abordado pelo autor: dentro do processo de construção de um enunciado, ao escolhermos uma palavra, não a escolhemos em sua forma neutra, mas sim a tiramos de outro enunciado, principalmente se ele for congênere ao enunciado que está sendo produzido. Escolhemos uma palavra pelo tema, composição, estilo e especificação de gênero.

O gênero não é uma forma da língua, mas corresponde a uma situação típica de comunicação discursiva, de mesmo modo algumas expressões típicas podem sobrepor-se às palavras. Bakhtin explica que “Essa expressividade típica do gênero não pertence, evidentemente, à palavra enquanto unidade da língua, não faz parte do seu significado mas reflete apenas a relação da palavra e do seu significado com o gênero, isto é, enunciados típicos.” (BAKHTIN, 2003, p. 293)

Para o autor, a expressividade típica do gênero pode ser vista como a “auréola estilística” da palavra, que não pertence a ela e sim ao gênero como um eco do gênero que ecoa na palavra. A expressão do gênero na palavra é impessoal, assim como o gênero do discurso o é, mas podem penetrar em nosso discurso através de enunciações individuais, pois:

As palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em determinadas enunciações individuais, nós as lemos em determinadas obras individuais, e aí as palavras já não tem expressão apenas típicas porém expressão individual externada com maior o menor nitidez (em função de gênero), determinada pelo contexto singularmente individual do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p. 292)

O significado neutro das palavras assegura a compreensão de todos os falantes, mas o emprego da palavra em uma comunicação discursiva é de índole individual e

contextual. Por isso, Bakhtin (2003) afirma que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos:

(...) qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia*, dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já compenetra a minha expressão. (BAKHTIN, 2003, p. 294, grifo do autor)

O autor salienta que nos dois aspectos finais a palavra tem caráter expressivo, mas essa expressividade não é dela e sim nasce quando a palavra entra em contato com a realidade concreta e em condições reais de uso em um enunciado concreto, e nesse caso “a palavra atua como expressão valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, cientista, pai, mãe, amigo, mestre, etc.) como abreviatura do enunciado.” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Dessa forma, Bakhtin (2003) assevera que a palavra é interindividual; dentro de um contexto dialógico, o que é dito se encontra fora do falante, não pertence só a ele, mas também ao ouvinte:

O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). (BAKHTIN, 2003, p. 328)

Logo, não existe palavra sem voz nem palavra de ninguém, em toda palavra há vozes que podem ser distantes, anônimas, quase imperceptíveis, mas também muitas vezes próximas; contudo essas vozes podem soar concomitantemente. Morson & Emerson discorrem sobre essa índole individual e contextual da palavra no seguinte trecho:

De fato, essa dialogização das linguagens está sempre em ação, e assim, quando as palavras atraem tons e significados das linguagens de heteroglossia, não raro estão atraindo significados dialogizados. Tendo participado de mais de um sistema de valores, essas palavras tornam-se dialogizadas, discutidas e reacentuadas de outra maneira quando se encontram com outras. Esse processo, potencialmente infinito pertence não só a palavras particulares, mas também a outros elementos da linguagem – a determinados estilos, formas sintáticas ou mesmo normas gramaticais. As interações complexas desse tipo

servem como força propulsora na história de qualquer linguagem. (MORSON E EMERSON, 2008, p. 159)

Bakhtin (2003) afirma que a natureza da palavra é querer sempre ser ouvida e sempre procurar uma compressão responsiva e não se deter na compreensão imediata, ou seja, a palavra quer ser ouvida, respondida e responder à resposta entrando assim em um diálogo.

O autor também trata da questão da oração fazendo uma aproximação com as características das palavras; para ele, as orações também não possuem expressividade por si só, como elementos neutros da língua; da mesma forma que as orações, as palavras também necessitam estar em uma situação real de produção para que possuam quaisquer posições valorativas. Bakhtin (2003) afirma:

À diferença dos enunciados (e dos gêneros do discurso), as unidades significativas da língua — a palavra e a oração por sua própria natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento — não são de ninguém e a ninguém se referem. Ademais, em si mesmas carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. Se uma palavra isolada ou uma oração está endereçada, direcionada, temos diante de nós um enunciado acabado, constituído de uma palavra ou de uma oração, e o direcionamento pertence não a elas como unidade da língua, mas ao enunciado. Envolvidas pelo contexto, a oração só se incorpora ao direcionamento através de um enunciado pleno como sua parte constituinte (elemento). (BAKHTIN, 2003, p. 306)

Então, quando uma palavra ou oração é dotada de direcionamento e expressividade, já não é apenas um elemento linguístico e sim um enunciado pleno.

Volochínov (2014) afirma que, no processo de compreensão de uma dada enunciação, a cada palavra dessa enunciação respondemos com uma série de palavras nossas. Assim a compreensão é um diálogo em que se propõe à palavra do interlocutor uma contrapalavra, a significação não está na palavra e nem no interlocutor, mas está na interação:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato de dois pólos opostos. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 137, grifo do autor)

Então, para compreendermos o significado de uma palavra, não podemos descartar todo o seu contexto de produção e a sua construção dialógica, porque:

Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisesse acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz de sua significação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 137)

O autor ainda completa que toda palavra usada dentro de um contexto de produção real vai apresentar um valor apreciativo, pois quando certo conteúdo objetivo é expresso em um contexto vivo e real ele recebe um acento apreciativo determinado. Esse acento apreciativo pode ser expresso pela entoação expressiva que muitas vezes pode ser determinado pela situação imediata.

Na mesma obra, Volochínov (2014) assevera que toda palavra comporta duas faces, pois ela é determinada pelo fato de proceder de alguém e de dirigir-se a alguém, assim sendo ela é o produto da interação entre dois sujeitos, o falante e o ouvinte, e assim:

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 117)

Como já assinalamos anteriormente com Bakhtin (2003), a palavra é interindividual, não pertence totalmente ao falante nem ao ouvinte, é uma espécie de zona fronteira (em que a fronteira é flexível/móvel) partilhada pelos interlocutores.

Enfim, para o falante, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte de diversas enunciações que ele vivencia ao longo da vida. Assim, a palavra sempre se apresenta em contextos de enunciações precisos que possuem contextos ideológicos precisos:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que

compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.98-99)

As palavras em seu uso real, em contextos de produção dialógicos, são inseparáveis de seus conteúdos ideológicos. Volochínov (2014) postula que “a palavra é um fenômeno ideológico por excelência” (p. 36), porque toda palavra possui função de signo e todo signo é ideológico. A palavra como fenômeno ideológico possui uma estrutura semiótica muito nítida, pois a palavra não é um sistema de signo específico de nenhum campo em particular como a maioria dos signos que vem de campos específicos e por isso carregam consigo uma função ideológica precisa que lhe é inseparável. Então, para o autor, a palavra “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (p. 36).

O autor ainda trata de duas propriedades da palavra. A primeira sobre a comunicação na vida cotidiana, a qual está relacionada a processos de produção de diversas ideologias, de modo igual a palavra é um material privilegiado de comunicação na vida cotidiana. A segunda propriedade é a palavra como meio de consciência individual, então a palavra é o material semiótico da consciência. Para os autores:

Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. A palavra constitui exatamente esse tipo de material. A palavra é por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 37)

Para Volochínov (2014), é necessária uma análise profunda da palavra enquanto signo social para que se possa compreender seu funcionamento como instrumento de consciência, pois devido a essa característica a palavra acompanha toda criação ideológica, logo:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica — todos os signos não verbais — banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, 38)

O autor alerta que isso não quer dizer que todo signo ideológico possa ser substituído por palavras, apenas que cada signo ideológico se apoia na palavra e é acompanhado por elas. Portanto, a palavra está presente em todos os atos de compreensão e interpretação, como se percebe nesse trecho:

Nenhum signo cultural, enquanto compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte *da unidade da consciência verbalmente constituída*. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a natureza de seu material significante, *é acompanhada de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 38, grifo do autor)

Nessa perspectiva apresentada pelo Círculo de Bakhtin, a palavra se torna objeto fundamental para o estudo das ideologias, pois enquanto signo reflete e refrata a consciência ideológica. Sendo assim, o seu estudo é de fundamental importância para a análise que nos propomos a fazer nesta pesquisa. Já que temos como objetivo identificar e analisar as ideologias presentes nos discursos proferidos em campanha pelos candidatos a presidência da república no pleito de 2014. Mas, para chegarmos à análise, é importante ainda retomarmos alguns conceitos revisitados pelo Círculo de Bakhtin.

#### 1.4 Signo e ideologia

Como vimos, a palavra dentro dos preceitos do Círculo de Bakhtin é um fenômeno ideológico. Assim sendo, há ideologias presentes nos discursos e nas relações em sociedade e desta forma a leitura de um enunciado constitui também uma relação com diferentes ideologias.

Miotello (2010) esclarece que para o Círculo de Bakhtin a questão da ideologia não é tratada como algo pronto e acabado, nem como algo que vive apenas na consciência individual de cada um, mas tratam a questão da ideologia conjuntamente com outros temas e discussões filosóficas, construindo o conceito no movimento, na concretude do acontecimento e não na estabilidade.

Para o autor, a ideologia é para o Círculo “o sistema sempre atual de representação da sociedade e do mundo construídos a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados” (p. 176), assim um indivíduo pode apresentar um núcleo central de sua



orientação social que é resultante das interações sociais ininterruptas nas quais se constroem as significações.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o conceito de ideologia aparece mais claramente. Aí a ideologia é vista tanto como orientação axiológica, portanto, como conjuntos de valores que orientam os sujeitos nas suas relações interpessoais e sociais mais amplas, quanto como o universo da produção imaterial humana. Nesta obra, Volochínov assim se refere ao que é ideológico:

O ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situe entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.35)

A palavra é definida nesta obra como fenômeno ideológico por excelência, sendo vista como o modo mais puro e sensível de relação social; dessa forma, as relações sociais são mediadas pela linguagem, e a palavra está presente em qualquer criação ideológica, pois é por meio dela que ocorrem os processo de compreensão da ideologia.

Assim, um corpo físico vale por si próprio, não significa nada além de sua própria natureza, nesse caso não temos ideologia. Mas, um corpo físico pode ser concebido como signo e, sem deixar de fazer parte da realidade material, ele passa a refletir e refratar outra realidade.

O signo também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.32)

Para Volochínov, o produto ideológico parte de uma realidade que pode ser natural ou social e ao mesmo tempo também reflete uma realidade exterior. Nas palavras do autor:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um

*signo. Sem signos não existe ideologia.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.31, grifo do autor)

Em Volochínov (2014), fica claro que dentro do domínio dos signos, na esfera ideológica, vão existir grandes diferenças nas representações semióticas de cada campo, pois cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação e refrata a sociedade de uma maneira específica: “É o caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.”( p.33)

Volochínov (2014) vai além e afirma que o signo carrega uma significação que não é simplesmente dada e sim criada nas relações dialógicas entre os seres sociais. A palavra como unidade da língua não é dotada de juízo de valor como o signo: “Portanto, a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo de seu emprego vivo em um enunciado concreto.” (BAKHTIN, 2003, p. 292). O signo ideológico não é apenas um reflexo ou até mesmo uma sombra da realidade, mas, segundo o autor, é um fragmento material dessa realidade. Nesse sentido, Volochínov explica:

Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.33)

Sendo o signo um fenômeno do mundo exterior, ele refrata a realidade e não somente descreve o mundo. Faraco faz uma análise do que seria a refração para o Círculo:

A refração é, desse modo, uma condição necessária do signo na concepção do Círculo de Bakhtin. Em outros termos, para o Círculo, *não é possível significar sem refratar*. Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos e valorações e interesses sociais. (FARACO, 2009, p. 51, grifo do outro)

Assim, a refração é o modo como se apresenta no signo a diversidade e as contradições dos grupos humanos. Segundo Volochínov, para compreender um signo é necessário aproximar o signo novo de outro que já conhecemos, desse modo a compreensão é uma resposta a um signo por meio de outro signo. Forma-se uma cadeia de criatividade e compreensão ideológica, passando-se de um signo a outro, pois em nenhum ponto a cadeia se quebra:

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.34)

Nessa perspectiva, os signos só podem aparecer em um terreno interindividual, pois o seu caráter ideológico se situa entre indivíduos que estejam socialmente organizados. Igualmente a consciência individual deve ser explicada a partir do meio ideológico e social, pois é um fato socioideológico.

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência do seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.36)

Assim, fora desse material ideológico o que temos é apenas o ato fisiológico que não é esclarecido pela consciência, pois está sem os sentidos que os signos lhe conferem. O autor não se refere à ideologia como algo pronto e internalizado na consciência de cada indivíduo, mas sim como algo social, que se constrói na interação social. Nessa perspectiva, a ideologia não é dada pronta e acabada para cada indivíduo, nem está pronta no mundo exterior para simplesmente o sujeito se apropriar dela, ou seja, o conteúdo ideológico vai se constituir como tal somente no processo de interação situado sócio-historicamente entre indivíduos.

Segundo Volochínov, que parte de uma filiação marxista e dialoga com esta perspectiva,

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.36)

Diante do exposto, a natureza dos signos ideológicos não está na consciência individual e sim nas condições e formas da comunicação social.

Faraco nos esclarece que os signos são espaços de encontro e confronto de diferentes índices sociais de valor e acrescenta:

(...) a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semânticos-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores. (FARACO, 2009, p. 54)

Retomando o conceito basilar da comunicação social, Volochínov (2014) nos esclarece que o signo é a materialização dessa comunicação, e igualmente se explica a natureza dos signos ideológicos. Pensando no papel primordial da comunicação social, podemos refletir sobre a palavra no âmbito dessa concepção de linguagem. Para o autor:

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.36, grifo do autor)

Nesse contexto, o signo está sujeito aos critérios ideológicos, e o ideológico irá coincidir com o signo:

“Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 32, 33, grifo do autor)

Como mencionado anteriormente, para o Círculo de Bakhtin “a palavra não é somente o signo mais puro, é também um signo *neutro*” (p. 33). Nesse sentido, o signo palavra pode se tornar próprio de cada campo ideológico em particular. Os demais signos, de outros materiais que não o verbal, sendo criados para cada campo específico,

não podem se adaptar/transpor como material a outro campo, diferentemente da palavra como explica Volochínov:

O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 37)

A palavra também tem papel como material semiótico da vida interior, ou seja, da consciência, pois para se desenvolver ela necessita de um material flexível, veiculável pelo corpo. A palavra é exatamente este material porque pode ser utilizada como signo interior sem que haja alguma expressão externa.

Como a palavra tem o papel de instrumento da consciência, ela funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica. A palavra “comenta todo ato ideológico” (p. 34), por isso a compreensão de todos os fenômenos ideológicos não pode ocorrer sem a participação do discurso interior. Conforme explica os autores: “Todas as manifestações da criação ideológica — todos os signos não-verbais — banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 38)

Isso não significa que a palavra possa suplantear outros signos ideológicos porque nenhum signo ideológico é totalmente substituível por palavras, pois é impossível exprimir em palavras todo o valor ideológico de um signo. Para Volochínov (2014), nenhum signo ideológico após ser compreendido e dotado de sentido permanece isolado, ele fará parte da unidade da consciência verbalmente constituída e então a consciência pode retomá-la verbalmente. Para os autores:

*Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômenos obrigatoriamente concomitantes. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 38, grifo do autor)

Diante de todo o exposto até agora, percebemos que as propriedades da palavra enquanto signo ideológico, tais como neutralidade, possibilidade de interiorização e presença em todo ato consciente, tornam o estudo da palavra como signo ideológico fundamental ao estudo das ideologias.

Ainda segundo Volochínov (2014), as características da palavra enquanto signo ideológico mostram que ela penetra em todas as relações entre indivíduos e por isso é um indicador eficiente de todas as transformações sofridas. Para o autor:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de tramas a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 38, grifo do autor)

A palavra também pode registrar mudanças quantitativas que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, tendo a capacidade de registrar a fase transitória das mudanças sociais.

O autor também trata da psicologia do corpo social e afirma que ela deve ser considerada dentro do processo real e de interação verbal, e que ela não está no interior do indivíduo e sim se situa no exterior, nas palavras do autor: “Nada há nela de inexprimível, de interiorizado, tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 43)

A psicologia do corpo social é o ambiente inicial onde estão todas as formas da criação ideológica, como explica o autor:

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é nesse elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológicas ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião nos teatros e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal em face das realidades da vida e dos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 43, grifo do autor)

Então, o corpo social no seu cotidiano se manifesta nas mais diversas enunciações e em diferentes modos de discurso que podem ser interiores ou exteriores. As formas de interação verbal estão vinculadas às condições de uma situação social e reagem às mudanças na atmosfera social.

O autor conclui que a psicologia do corpo social deve ser estudada por dois pontos de vista diferentes, o ponto de vista do conteúdo e o ponto de vista dos tipos e formas de discurso. Afirma também que os estudos não devem se fixar apenas no ponto

de vista do conteúdo, mas deve levar também em consideração a questão dos gêneros do discurso e faz a seguinte observação:

(...) cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 44)

Dentro de cada forma de comunicação existe uma unidade que nada pode destruir, por isso a classificação das formas de enunciação — os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003) — deve apoiar-se nas formas de comunicação verbal que são determinadas pelas relações de produção e estrutura sociopolítica.

Para o Círculo de Bakhtin, as formas dos signos são condicionadas pela organização pessoal e pelas condições em que a interação acontece, dessa forma uma modificação qualquer dessas formas irá gerar uma modificação dos signos, como fica claro neste trecho:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar esta evolução social do signo linguístico. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 45, grifo do autor)

Apenas nessa perspectiva é que podemos perceber a passagem do ser para o signo, como um processo de refração do ser no signo. E para se observar esse processo é importante estar atento às seguintes metodologias: não separar a ideologia do campo material do signo; não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social; não dissociar a comunicação das suas formas de base material.

Todo signo ideológico realiza-se no processo da interação social e é marcado pelo horizonte social de uma dada época e de um determinado grupo social. Essa relação do ser social com o signo ideológico recebe grande importância na teoria defendida pelo Círculo. Discutindo a teoria, Faraco discorre sobre a posição e Medvedev:

(...) Medvedev expõe outra premissa fundamental para o seu raciocínio (e para o pensamento do Círculo como um todo): nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas, com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência — com nosso ambiente natural e contextos sociais — só ocorrem semioticamente mediadas. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações. (FARACO, 2009, p. 49)

A semiotização do mundo é parte fundamental para o ser social, pois a relação com o real é sempre atravessada pelo signo:

Nós nos relacionamos com um real informado em matéria significante, isto é, o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, quando semiotizado. E mais: como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores. (FARACO, 2009, p. 49)

Para cada época do desenvolvimento da sociedade existem objetos particulares que recebem atenção especial do corpo social e por isso recebem um valor particular, dessa forma se dá origem aos signos. Para Bakhtin/Volochínov (2014) esse grupo de objetos é determinado da seguinte forma:

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 46)

Diante do exposto até agora, e seguindo os preceitos do Círculo de Bakhtin, podemos dizer que o signo possui em sua constituição um aspecto sócio-ideológico e está marcado pelo horizonte social de uma dada época e de um determinado grupo social. Nesse sentido, o signo é a arena de embates entre ideologias variadas. O signo ideológico tem caráter interindividual porque se forma na interação entre os sujeitos. Concluimos, então, que a definição de ideologia proposta pelo Círculo de Bakhtin é a ideal para nortear nossa proposta de pesquisa.



## CAPÍTULO II

### CORPUS E ANÁLISE

Nosso *corpus* é, como assinalamos anteriormente, constituído por um conjunto de slogans de campanhas e por mais três enunciados, dois dos quais produzidos no decorrer do pleito eleitoral e um produzido na posse da candidata eleita.

Considerando que, numa perspectiva bakhtiniana, o extraverbal constitui de dentro o verbal, é fundamental tomarmos um certo distanciamento histórico e observarmos os lugares sociais dos sujeitos sociais responsáveis por esses enunciados no cenário político brasileiro.

#### 2.1 Retomada histórica

Não temos aqui o objetivo de apresentar uma extensa retomada histórica da política brasileira, mas, com base nos dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), procuramos retomar alguns aspectos das últimas disputas eleitorais para presidente da república a fim de elucidar algumas relações presentes nos enunciados que compõem o nosso *corpus*.

Iniciando com a disputa eleitoral de 1994, quando figuravam como principais candidatos à presidência Fernando Henrique Cardoso, pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), e Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT (Partido dos Trabalhadores), no qual quem saiu vitorioso foi o candidato peessedebista. Quatro anos depois, em 1998, em nova disputa à presidência, o cenário se repete entre Fernando Henrique e Lula, e o resultado se repete: o PSDB saiu novamente vitorioso.

Em 2002, Fernando Henrique não pode disputar as eleições, e o PSDB apresentou então outro candidato, José Serra, que disputou com Lula (PT) a presidência. Desta vez quem saiu vitorioso foi Lula. Quatro anos mais tarde, em 2006, Lula foi vitorioso novamente e foi reeleito ao disputar o cargo com Geraldo Alckmin, do PSDB.

Nas eleições de 2010, quem não poderia mais disputar o cargo de presidente era Lula, e desta forma o PT optou por concorrer com Dilma Rousseff. O PSDB apresentou como candidato José Serra. A vitória foi mais uma vez do PT. Nesse ano, Marina Silva concorreu pela primeira vez ao cargo de Presidente pelo partido PV (Partido Verde), ficando em terceiro lugar.

No pleito de 2014, Dilma Rousseff (PT) mais uma vez disputou as eleições à presidência, desta vez com o candidato Aécio Neves (PSDB). Novamente Dilma Rousseff saiu vitoriosa das urnas. Nessa disputa, também estava presente a candidata Marina Silva, que novamente ficou em terceiro lugar, mas então em outro partido, o PSB (Partido Socialista Brasileiro).

Essa breve retomada das últimas disputas eleitorais teve como objetivo formar um panorama de como se desenrolou as últimas disputas pela presidência, indicando os partidos e candidatos que tiveram melhores colocações. Essas figuras políticas estarão presentes em nossas análises.

Essa retomada silencia as posições ideológicas dos partidos. Entendemos que é fundamental que essa retomada seja feita para que melhor se compreenda o que de fato estava em jogo em cada uma das plataformas e nos enunciados. Neste trabalho, no entanto, optamos por não fazer essa retomada na retrospectiva histórica. Sugerimos que futuros trabalhos façam a análise se debruçando mais detidamente sobre essas posições.

## **2.2 Análise dos enunciados *slogans* da campanha presidencial de 2014**

Quando um processo eleitoral se inicia, vemos inúmeros *slogans* de campanhas sendo apresentados aos eleitores. O *slogan* no contexto de uma campanha eleitoral tem o objetivo de sintetizar e apresentar a diretriz central que determinada campanha pretende seguir, quais suas prioridades, seu foco, seu objetivo. O *slogan* é uma estrutura sucinta, então para que possamos compreendê-la corretamente temos que estar atentos a todos os elementos linguísticos que a compõe, mas também aos elementos extralinguísticos que fazem parte de sua composição.

Essa análise tem como foco os *slogans* da campanha eleitoral para presidente da república no ano de 2014. Para realizá-la, nos pautamos nas ideias propostas pelo Círculo de Bakhtin que prioriza não só o aspecto linguístico, mas também dá ênfase ao aspecto extralinguístico. Relacionando o enunciado e o signo ao valor ideológico, ou seja, às tonalidades valorativas, e, com base neste pressuposto, vamos analisar o signo *mudança* e outros que carreguem semelhantes tonalidades em *slogans* das campanhas para Presidência da República no pleito de 2014.

Muitos eram os candidatos à eleição em 2014, mas não teríamos como analisar todos os *slogans* neste trabalho, portanto tivemos que fazer um recorte para compor nosso *corpus*. Então recorremos ao critério de maior intenção de votos, para tanto observamos as pesquisas realizadas durante a campanha.

Pesquisa Ibope divulgada na noite desta quinta-feira (7) mostra que a presidente e candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT), lidera a corrida presidencial com 38% das intenções de voto. Atrás dela aparece o senador Aécio Neves (PSDB), com 23%, seguido pelo ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), com 9%. (Em: <<http://eleicoes.uol.com.br/>> Acesso em: 04 agosto 2014)

Nas eleições de 2014, tínhamos o seguinte panorama: a candidata Dilma Rousseff estava no poder havia quatro anos e tentava reeleição para permanecer no poder. A candidata representava o Partido dos Trabalhadores (PT), que já estava no poder havia três mandatos. Os dois primeiros mandatos, como apontamos no tópico anterior, foram sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, que se manteve no poder por oito anos representando o mesmo partido. Assim temos, na eleição de 2014, um partido que já estava no poder por doze anos e que tentava permanecer por mais um mandato.

Tínhamos ainda o candidato Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB, em oposição direta ao governo vigente na época. O candidato se apresentava como uma nova opção, uma ruptura ao que estava vigente nos últimos doze anos e uma retomada do que estava posto nos mandatos do peessedebista Fernando Henrique Cardoso, presidente por oito anos, que governou antes do PT.

Outro candidato que também estava na disputa era Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro, PSB, que inicialmente tinha bons índices nas intenções de voto. Esse candidato também fazia oposição ao então governo, e surgia como uma nova opção para os eleitores, como um novo nome em atenção no cenário político que fugia da já tradicional disputa *PT versus* PSDB.

Todo esse panorama extraverbal teve forte influência nas escolhas verbais nos enunciados em análise, logo esta retomada do contexto político no período eleitoral serve de base para a análise que realizamos a seguir. Já tendo resgatado brevemente o contexto histórico e político que é estruturante para nossa análise, podemos apresentar os *slogans* que constituem os enunciados do nosso *corpus*:

“Mais mudanças mais futuro” (Dilma Rousseff – PT)

“Para o Brasil seguir mudando” (Dilma Rousseff – PT)

“Quem muda o Brasil é você” (Aécio Neves – PSDB)

“# Muda Brasil” (Aécio Neves – PSDB)

“Coragem para mudar o Brasil” (Eduardo Campos – PSB)

“Um novo caminho para um novo Brasil” (Eduardo Campos – PSB)

Todos os enunciados apresentam o signo *mudança* e outros signos que carregam semelhante tonalidade, o que nos permite traçar uma perspectiva de análise e verificar semelhanças e diferenças nas tonalidades valorativas desses signos.

Nos *slogans* da campanha da candidata Dilma Rousseff (PT) - *Mais mudanças mais futuro* e *Para o Brasil seguir mudando* – temos a referência a mudanças anteriores, percebemos uma retomada histórica mais ampla que remete aos governos anteriores do PT. Temos então nesse caso uma oposição ao PSDB. Percebemos que a ideia que se vincula é de continuidade de uma mudança iniciada com o governo do PT quando se apresentou um projeto político distinto do PSDB. Em suma, o signo *mudança* se refere a um processo desenvolvido num tempo mais distante, pois trata de algo ocorrido entre 1994 e 2002.

Já nos *slogans* da campanha de Aécio Neves (PSDB) – *Quem muda o Brasil é você* e “# Muda Brasil” – temos referência à oposição ao atual governo do PT, a retomada histórica mais imediata, pois é uma oposição direta aos doze anos de governo do PT, mudança se refere então ao presente.

Nos *slogans* da campanha de Eduardo Campos (PSB) – *Coragem para mudar o Brasil* e *Um novo caminho para um novo Brasil* – há referência tanto à mudança em relação ao PT quanto ao PSDB, se apresenta como uma nova alternativa, uma terceira via possível, fugindo da tradicional disputa PT X PSDB. Enfocam a coragem necessária para constituir-se como alternativa a dois partidos e projetos políticos que se revezaram no governo e que já são tão conhecidos dos eleitores.

Sabendo que segundo as teorias bakhtinianas os indivíduos reais se comunicam através de enunciados concretos que se formam em um processo dialógico responsivo, nossa análise parte do pressuposto de que toda palavra é um signo ideológico com diferentes tonalidades valorativas. Assim, em todos os enunciados analisados verificamos que o signo *mudança* apresenta dentro do contexto eleitoral tonalidades valorativas distintas conforme o grupo político e sócio-ideológico a que se veicula o enunciado, mostrando que o contexto extraverbal é de caráter constitutivo do enunciado.

### 2.3 Outros enunciados analisados

Analisamos enunciados produzidos durante o pleito das eleições presidenciais de 2014, pelos candidatos melhor colocados no primeiro turno e significantes ao processo eleitoral. Os textos se configuram em variados gêneros discursivos.

### 2.3.1 Enunciado 1

Carta aberta enviada à sociedade pelo candidato Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB, em razão do segundo turno nas eleições.

#### JUNTOS

pela Democracia, pela Inclusão Social e pelo Desenvolvimento Sustentável

Terminado o primeiro turno das eleições as urnas foram claras: a maioria do eleitorado, 60% dele, mostrou o desejo de mudança. Mudar significa tirar do poder os que o estão exercendo, mas significa também mudar para melhor, em primeiro e principal lugar visando a aprimorar as práticas partidárias e eleitorais. Significa também ampliar os canais pelos quais cada cidadão poderá expressar seus pontos de vista e cooperar na deliberação dos grandes temas nacionais ou de interesse local. É minha intenção, neste segundo turno, ser consequente com os desejos da maioria dos brasileiros: vamos continuar propondo mais mudanças para melhor. Para isso, é natural que contemos, nesta etapa, com as sugestões dos que, comprometidos com a mudança, se lançaram à campanha e, mesmo não obtendo votos suficientes para chegar ao segundo turno, contribuíram com suas idéias, propostas e debates para melhorar a qualidade de nossa democracia.

De minha parte reitero o compromisso com os valores democráticos, cuja efetivação depende de mantermos as instituições virtuosas e de sermos capazes de entender que, no mundo atual, a ampliação da participação popular no processo deliberativo, através da utilização das redes sociais, de conselhos e das audiências públicas sobre temas importantes, não se choca com os princípios da democracia representativa, que têm que ser preservados. Ao contrário, dá-lhes maior legitimidade.

O PSDB se orgulha de ter ajudado o Brasil a reencontrar o equilíbrio econômico. Não só fizemos a estabilização da moeda com o Plano Real, mas criamos instituições fundamentais para sua continuidade, sustentadas por políticas de transparência que infelizmente não vêm sendo seguidas pelo atual governo. O sistema de metas de inflação e a autonomia operacional do Banco Central para fixar a taxa de juros e observar as livres oscilações do câmbio provaram ser

eficientes. Graças a esta base, inauguramos nova etapa de investimentos, tanto externos quanto internos, que permitiram gerar empregos e assegurar mais tarde grande mobilidade social. Mudamos de patamar no contexto das nações, sendo que em 2000 já éramos proclamados como fazendo parte dos BRIC's, países populosos que sobressaíam pelo vigor econômico.

Este trabalho foi feito simultaneamente com o reforço das políticas sociais. Foi nos governos do PSDB que alcançamos a universalização do acesso ao ensino fundamental e criamos o Fundef. Propomos agora ampliar a cobertura das creches, universalizar o acesso à pré-escola e a adoção da educação em tempo integral para os alunos no ensino fundamental. O futuro do Brasil será decidido nas salas de aula. Foi também durante o governo do PSDB, que, na prática, se instalou o SUS, que com os genéricos e a entrega gratuita de medicamentos aos mais pobres começou a construir um Estado de bem estar social. Falta muito ainda, e o governo do PT maltratou a saúde pública, mas continuaremos na caminhada positiva com a ampliação da participação da União no financiamento do sistema através do programa Saúde +10, que viabilizará o reajuste da tabela SUS e a recuperação das instituições filantrópicas, em particular das Santas Casas. Foi a partir de 1994 que se inaugurou uma política de aumento real dos salários mínimos, transformada em lei mais tarde pelos governos que sucederam ao PSDB. Com isso os benefícios da Previdência também foram aumentados. Foi nos governos do PSDB que se generalizaram as políticas de transferência direta de renda, as bolsas, assim como o Benefício de Prestação Continuada, que garante renda mínima de um salário mínimo para idosos e pessoas com deficiência. Os governos posteriores ampliaram estes avanços. E também fomos nós que criamos o Ministério da Reforma Agrária, criamos o PRONAF e assentamos cerca de 500 mil famílias, processo tão descuidado pelo governo atual. A reforma agrária precisa ser retomada com seriedade e prioridade.

As políticas sociais sempre fizeram parte de nossos governos, mesmo quando enfrentamos conjunturas econômicas adversas, e nos orgulhamos de ter entregue o país em condições de estabilidade que foram essenciais para que nossos

sucessores pudessem ampliar e aprofundar essas políticas. Nossa determinação, e com isso pessoalmente me comprometo, a levar adiante o resgate da dívida social brasileira, que é tarefa inarredável de qualquer governante. Vamos ampliar e aprimorar as políticas existentes, inclusive transformando o Bolsa Família em política de Estado e não de governo, justamente para que não sofra descontinuidade ou interrupção.

Vamos convocar a sociedade brasileira a debater e encontrar soluções generosas para nossa juventude, para lhe dar horizontes que a afastem da violência e outros descaminhos. Entendo que podemos, juntos, evitar que os problemas relacionados aos jovens sejam encarados apenas sob a ótica da punição. Essa seria uma forma injusta de penalizá-los, na ponta do processo, por erros e omissões que são de todos nós.

Temos muitas ferramentas para lidar com nossas desigualdades. A mais importante delas é a riqueza da diversidade sociocultural brasileira que deve estar expressa no combate a toda discriminação, seja étnica, de gênero, de orientação sexual, religiosa, ou qualquer outra que fira os direitos humanos e a liberdade de escolha de cada cidadão.

Mais ainda, entendemos que o governo Dilma Roussef tem sido negligente na questão da demarcação das terras indígenas. Tanto produtores rurais, quando indígenas têm sido vítimas dessa negligência, que contribui para acirrar conflitos e tensões. No nosso governo vamos nos posicionar pela manutenção da prerrogativa constitucional do Poder Executivo de demarcar terras indígenas, ouvindo os Estados e os órgãos federais cuja ação tenham conexão com o tema. Criaremos também o Fundo de Regularização Fundiária que permitirá resolver as pendências em áreas indígenas nas quais proprietários rurais possuem títulos legítimos de posse da terra, reconhecidos pelo poder público. Da mesma forma, daremos a merecida atenção, não dada pelo atual governo, às reivindicações dos quilombolas e outras populações tradicionais.

É triste constatar que a Federação está doente, enfraquecida e debilitada. Padece de centralismo excessivo na esfera federal, ficando os poderes locais à

mingua dos recursos e desprovidos de competências para enfrentarem os problemas e melhorar a qualidade de vida de suas comunidades. É nosso propósito promover a revisão desse estado de coisas ,devolvendo a estados e municípios os meios de exercerem sua autonomia constitucional, habilitando-os a levar a solução do problema para perto de onde ele ocorre. É urgente revigorar nossa Federação, fortalecendo suas bases.

O debate sobre o Pacto Federativo será articulado com a temática do desenvolvimento regional.

Não há como pensar em novo ciclo de desenvolvimento nacional sem considerar como base fundamental o desenvolvimento regional. Nunca teremos pleno desenvolvimento com o país cada vez mais concentrado em ilhas de prosperidade e extensos vazios de produção e riquezas.

O estabelecimento de políticas públicas regionais é um componente fundamental para articulação do Pacto Federativo.

Quero reiterar nossos compromissos programáticos com a questão ambiental, vista do ângulo de seu tripé: o cuidado com a natureza, com as pessoas, visando mais bem estar e igualdade, e a adoção de corretas políticas macroeconômicas, notadamente das que afetam nossa matriz energética. O moderno agronegócio brasileiro defende um programa efetivo de preservação da riqueza florestal visando ao objetivo maior de alcançarmos o desmatamento zero. A exploração do petróleo, inclusive do pré-sal é imperativo do desenvolvimento e não põe à margem a diversificação de fontes energéticas menos poluidoras, como as eólicas, solar, a bioenergia, o gás e, sobretudo, o uso racional da energia para poupá-la. Além disso, estabeleceremos uma política efetiva de Unidades de Conservação, não apenas para garantir a implantação e o correto uso das já existentes, como para retomar o processo de ampliação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, paralisado no atual governo.

Enfatizo que darei a devida e urgente importância ao trato da questão das Mudanças Climáticas, iniciando um decisivo preparo do país para enfrentar e minimizar suas consequências. Assumo o compromisso de levar o Brasil à transição



para uma economia de baixo carbono, magna tarefa a que já se dedicam as nações mais desenvolvidas do planeta, retomando uma postura proativa de liderança global nesta área, perdida no atual governo.

Espero, enfim, que o PSDB e seus aliados sejam vitoriosos neste segundo turno pelo que trazemos de positivo em nossas propostas e não apenas pelos malfeitos, abusos e desmandos do atual governo, que são enormes. A democracia, tal como a concebemos, não se faz destruindo-se os órgãos de estado ao sabor de interesses partidários e privados, como foi feito com as agências reguladoras, as empresas estatais, os fundos de pensão e a própria administração federal. Nem pela estigmatização infamante dos setores políticos minoritários. É preciso devolver o Estado à sociedade brasileira.

Reconhecemos a necessidade de uma reforma política que não pode mais ser adiada e com ela nos comprometemos, a começar pelo fim da reeleição para os cargos executivos. Quero que meu governo seja aquele no qual os brasileiros vão recuperar a confiança na política como caminho para o exercício pleno de sua cidadania.

É com esta visão de brasileiro, mais do que de representante de um partido, que espero unir o Brasil. Apelo aos eleitores que já votaram contra a continuidade da situação política atual, e a todos os partidos e lideranças que propuseram melhorias em nossa política que se unam a nós para levar adiante os compromissos que ora assumo, na segunda fase desta caminhada. Não para abdicarem do que creem, mas para ajudarem a ampliar nossa visão e para podermos, juntos, construir um Brasil melhor. Destaco, especialmente, o legado de Eduardo Campos e o papel que Marina Silva tem exercido na renovação qualitativa da política brasileira e na afirmação do desenvolvimento sustentável. Peço a todos os que amam o país: juntem-se a nós! Só na união, no consenso, os brasileiros e as brasileiras poderão construir o que queremos: uma sociedade mais justa, democrática, decente e sustentável. Aécio Neves

Dentro do contexto das eleições presidenciais de 2014 muitos discursos foram sendo produzidos, o enunciado que agora está em nosso foco de análise foi proferido e enviado a sociedade em razão do resultado do primeiro turno e o início do segundo turno.

Por meio de uma carta aberta, o candidato Aécio Neves anuncia uma lista de compromissos para o segundo turno, conforme verificamos nesta nota postada no site de seu partido:

O candidato à Presidência da República pela Coligação Muda Brasil, Aécio Neves lançou, neste sábado (11/10), em evento com movimentos sociais, no Recife (PE), documento com compromissos para o segundo turno. (Em: <<http://www.psd.org.br/aecio-neves-documento-com-compromissos-para-o-segundo-turno/>> Acesso em: 03 março 2017)

A questão sobre a qual gostaríamos de refletir neste momento é com quem esse compromisso estava sendo firmado, quem é o interlocutor dessa carta. E por que este compromisso está sendo firmado nesse momento da campanha eleitoral. O que poderia ser esperado é que em um período de campanha uma carta aberta à sociedade seria endereçada a todos os eleitores, mas uma análise da carta permite definir melhor seus interlocutores.

O gênero discursivo carta aberta tem suas características próprias. Silva (2012) assevera que o circuito comunicativo desse gênero é ilimitado, mas completa: “Não obstante esse fato, é possível que haja pretendidos destinatários (a quem de fato a carta está mandando o recado, ou prestando contas, ou denunciando, etc.)” (p. 73).

Sobre o gênero carta aberta, Silva (2012) também nos esclarece que a finalidade discursiva da carta aberta é publicizar algo e sua distribuição pode ocorrer de diversas formas, conforme afirma a autora:

As práticas comunicativas desse gênero podem implicar diferentes formas de distribuição dos textos, que recobrem vários mecanismos de uma rede comunicativa: panfletagem, postagem, sistema midiático – impresso, televisivo e radiofônico – e Internet. (SILVA, 2012, p. 73)

No caso do enunciado em análise, a carta foi entregue à imprensa em um evento que contou com a presença de representantes do setor de comunicação social e com representantes de movimentos sociais e foi também disponibilizada no site do partido.

Para respondermos as questões levantadas sobre o processo de interlocução desse enunciado, precisamos retomar o contexto em que ele foi produzido. Em razão das regras eleitorais brasileiras, apenas os dois candidatos melhor colocados no primeiro turno podem manter a candidatura e participar do segundo turno. Porém, os candidatos que deixam a corrida presidencial ainda mantêm certa influência política sob o eleitorado que agora, sem ter seu candidato de preferência na disputa, tem de buscar outra opção de voto. É em relação a essa busca que os ex-candidatos têm espaço de ação.

Por essa razão, faz parte do processo, após o resultado do primeiro turno, uma busca por parte dos candidatos que seguem na disputa pelo apoio daqueles que saíram no primeiro turno, com o objetivo de conquistar seu eleitorado.

Segundo o relatório gerado no site do TSE, o primeiro turno das eleições de 2014 apresentou o seguinte resultado:

| Eleição: Eleições Gerais 2014 - 1º Turno - 05/10/2014<br>Abrangência: Brasil - Situação: Todas - Cargo: Presidente |            |    |                                            |         |                                                         |            |             |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----|--------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------|------------|-------------|-----------|
| Brasil                                                                                                             |            |    |                                            |         |                                                         |            |             |           |
| Última totalização: 22/10/2014 - 20:39:17                                                                          |            |    |                                            |         |                                                         |            |             |           |
| UF                                                                                                                 | Cargo      | Nr | Candidato                                  | Partido | Coligação                                               | Situação   | Votação     | % Válidos |
| BR                                                                                                                 | Presidente | 13 | DILMA VANA ROUSSEFF                        | PT      | PT / PMDB / PSD / PP / PR / PROS / PDT / PC do B / PRB  | 2º turno   | 43.267.668  | 41,59     |
|                                                                                                                    |            | 45 | AÉCIO NEVES DA CUNHA                       | PSDB    | PSDB / PMN / SD / DEM / PEN / PTN / PTB / PTC / PT do B | 2º turno   | 34.897.211  | 33,55     |
|                                                                                                                    |            | 40 | MARIA OSMARINA MARINA DA SILVA VAZ DE LIMA | PSB     | PHS / PRP / PPS / PPL / PSB / PSL                       | Não eleito | 22.176.619  | 21,32     |
|                                                                                                                    |            | 50 | LUCIANA KREBS GENRO                        | PSOL    | PSOL                                                    | Não eleito | 1.612.186   | 1,55      |
|                                                                                                                    |            | 20 | EVERALDO DIAS PEREIRA                      | PSC     | PSC                                                     | Não eleito | 780.513     | 0,75      |
|                                                                                                                    |            | 43 | EDUARDO JORGE MARTINS ALVES SOBRINHO       | PV      | PV                                                      | Não eleito | 630.099     | 0,61      |
|                                                                                                                    |            | 28 | JOSÉ LEVY FIDELIX DA CRUZ                  | PRTB    | PRTB                                                    | Não eleito | 446.878     | 0,43      |
|                                                                                                                    |            | 16 | JOSÉ MARIA DE ALMEIDA                      | PSTU    | PSTU                                                    | Não eleito | 91.209      | 0,09      |
|                                                                                                                    |            | 27 | JOSE MARIA EYMAEL                          | PSDC    | PSDC                                                    | Não eleito | 61.250      | 0,06      |
|                                                                                                                    |            | 21 | MAURO LUÍS IASI                            | PCB     | PCB                                                     | Não eleito | 47.845      | 0,05      |
|                                                                                                                    |            | 29 | RUI COSTA PIMENTA                          | PCO     | PCO                                                     | Não eleito | 12.324      | 0,01      |
| Subtotal                                                                                                           |            |    |                                            |         |                                                         |            | 104.023.802 |           |
| Subtotal                                                                                                           |            |    |                                            |         |                                                         |            | 104.023.802 |           |
| Subtotal                                                                                                           |            |    |                                            |         |                                                         |            | 104.023.802 |           |
| Total Geral                                                                                                        |            |    |                                            |         |                                                         |            | 104.023.802 |           |

(Em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-candidaturas-2014/estatisticas-eleitorais-2014-resultados>, Acesso em: 26 março 2017)

Conforme os dados da apuração dos votos do primeiro turno, seguiram na disputa dois candidatos, Dilma Rousseff (PT), que recebeu 41,59% dos votos, e Aécio Neves (PSDB), que teve 33,55% dos votos. É importante observar que a terceira colocada, que não seguiu na disputa, Marina Silva (PSB), recebeu 21,32% dos votos, que é uma quantia expressiva. Os demais candidatos somaram 3,54%. Os eleitores sem sua primeira opção de candidato no segundo turno, teriam que escolher um dos dois

candidatos que permaneceram na disputa, e essa migração do eleitorado poderia decidir a disputa. Por essa razão, podemos indicar que o discurso de Aécio buscava dialogar com os eleitores de Marina Silva e dos demais ex-candidatos para o segundo turno. Isso não quer dizer que ele tenha deixado de se dirigir aos outros eleitores. O discurso de Aécio se encerrou no seguinte apelo geral à população: *Peço a todos os que amam o país: juntem-se a nós! Só na união, no consenso, os brasileiros e as brasileiras poderão construir o que queremos: uma sociedade mais justa, democrática, decente e sustentável.*

O pedido dirigido *a todos os que amam o país* aponta para um público mais amplo, mais do que os seus próprios eleitores e mais que os eleitores da candidata Marina Silva no primeiro turno; no entanto, ao mesmo tempo, restringe o conjunto de eleitores: aqueles que têm amor pelo país. A identificação desse conjunto de eleitores é feita por uma ação: juntar-se ao candidato, ao seu partido e a seus eleitores no primeiro turno, que formam o *nós*. O conjunto de eleitores em condições de se juntar ao grupo desse candidato (não estava com esse *nós* antes, mas vai se juntar) se refere aos eleitores da candidata Marina Silva, aos eleitores de outros candidatos de outros partidos, os que anularam o voto ou votaram em branco. O candidato apela ao nacionalismo – ao sentimento de identificação e pertença à Nação brasileira, ao *amor* pelo país – em busca da construção de uma *unidade* e de *consenso*: quem não estava junto antes é convidado a se juntar, unindo-se ao *nós* por *amor* ao país. Nesse sentido, o candidato mobiliza um discurso bem anterior na história, que é o da dedicação (entrega) ao país. Esse discurso de unidade pelo país, pela nação, configura um argumento para que *brasileiros* e *brasileiras* superem as diferenças partidárias e se unam e se entreguem ao projeto do candidato e seu partido para o país.

Podemos então assinalar que o projeto de dizer nesse enunciado se volta para eleitores que não haviam inicialmente votado no candidato, mas teriam a necessidade de votar novamente. Essa nova votação demandava do candidato uma chamada, um convite aos eleitores para que se juntassem a ele e seu partido. Para isto, mobiliza um tom nacionalista, carregado historicamente, do sentido de amor pela nação.

É importante também analisarmos o conteúdo da carta aberta. Logo no início o candidato afirmou que a maioria da população quer *mudança*, e para confirmar citou uma porcentagem - 60%; parece que o candidato chega a esse valor somando a porcentagem de votos de todos os outros candidatos exceto da candidata Dilma. Ao refazermos a soma, chegamos a um valor próximo (58,41%). O candidato continuou sua

argumentação afirmando que, para esse eleitorado, *mudar* significa “tirar do poder os que o estão exercendo” e acrescentou que também significa mudar para melhor.

Neste trecho do enunciado, podemos perceber sua posição, pois para o candidato a maior parte do eleitorado quer mudança, mas não qualquer mudança, a mudança primeiramente tem que vir com a retirada de quem estava naquele momento no poder, e afirma ainda que essa mudança é para melhor.

O candidato seguiu explicando essa mudança, disse que principalmente deve buscar aprimorar as práticas partidárias e eleitorais e também ampliar os canais de expressão para que o cidadão possa se manifestar e cooperar nas discussões e encaminhamentos dos temas nacionais e regionais.

Na sequência do discurso, o candidato disse que pretende estar de acordo com o desejo da maioria do eleitorado que deseja mudança, e para isso pretende continuar propondo *mudanças para melhor*, indicando aí a direção da mudança, uma melhoria para o país.

Ainda no início do discurso, Aécio indicou com quem estabelece sua interlocução ao afirmar: *Para isso, é natural que contemos, nesta etapa, com as sugestões dos que, comprometidos com a mudança, se lançaram à campanha e, mesmo não obtendo votos suficientes para chegar ao segundo turno, contribuíram com suas idéias, propostas e debates para melhorar a qualidade de nossa democracia.* Ao afirmar ser natural utilizar-se das *sugestões* dos candidatos *comprometidos com a mudança* do país que não seguiram para o segundo turno, o candidato marca que dialoga com/retoma enunciados de ex-candidatos, assinalando que vozes busca mobilizar no seu enunciado. Nesse sentido, ao retomar essas vozes, tonalizando-as como vozes contribuintes para a democracia e comprometidas com a mudança, compreendemos que neste momento seus interlocutores são esses ex-candidatos e seus eleitores, em uma tentativa de convencê-los a se juntarem a ele. Além disso são também seus interlocutores aqueles que já haviam sido seus eleitores, para justificar a aproximação com as propostas de outros projetos políticos ideológicos.

Seguindo na carta, o candidato reiterou seu compromisso com os valores democráticos, prometendo aumentar a participação popular sobre temas importantes. Fez também o que parece se configurar como uma retomada histórica de algumas conquistas de seu partido em governos anteriores, tais como, a estabilização da economia, avanços na área da educação e saúde, políticas de transferência de renda, criação do Ministério da Reforma Agrária e políticas sociais. Enquanto o candidato fez

essa retomada, aproveitou para fazer críticas aos governos posteriores aos de seu partido como no trecho ao falar da saúde *Falta muito ainda, e o governo do PT maltratou a saúde pública*. Nesse sentido, é importante salientar que a participação popular, que o candidato prometeu ampliar, não se caracteriza como uma proposta de seu partido, uma vez que partidos mais à direita, como é caracterizado no Brasil o PSDB, não têm historicamente práticas de participação popular. Essas práticas parecem estar sendo encampadas à medida que os partidos mais à esquerda, como tem sido caracterizado o PT no Brasil, têm/tinham como linha de trabalho realizar gestões participativas, com decisões coletivas, com a efetiva participação popular. Essa parecia ser uma prática da candidata Marina Silva, cujo histórico de participação em governos anteriores mais à esquerda apontam para certo aprendizado dessa prática. Assim, podemos estabelecer relações dialógicas entre o enunciado de Aécio Neves e enunciados outros no campo político mais à esquerda no Brasil.

Outras relações dialógicas importantes ainda nesse trecho dizem respeito ao que o candidato assumiu como conquistas sociais de seu partido, como a transferência de renda e avanços na educação e na saúde. Essas eram apresentadas pela candidata do PT como práticas políticas do seu partido. Desse modo, o candidato do PSDB dialoga com enunciados da candidata do PT e busca responder a eles. É importante frisar que esses enunciados de Dilma Rousseff eram também enunciados que circulavam por outros espaços sociais, como os movimentos sociais, que atribuíam ao PT as políticas sociais de transferência de renda, de avanços com ampliação de serviços de educação e saúde para locais até então esquecidos pelos governos anteriores. Assim, Aécio busca responder a um conjunto maior de enunciados que especialmente se configuravam como oposição à sua eleição.

Posteriormente, seguiu apresentando propostas como a de transformar o Bolsa Família em política de estado, de encontrar soluções para os problemas da juventude e a busca de ferramentas para lidar com a desigualdade. Ressalte-se aqui que esses também eram temas da plataforma de campanha, mas também de ações políticas efetivas do governo PT.

Na sequência, adotou um tom mais agressivo ao falar da questão da demarcação de terras indígenas como verificamos nesse trecho: *Mais ainda, entendemos que o governo Dilma Rousseff tem sido negligente na questão da demarcação das terras indígenas. Tanto produtores rurais, quanto indígenas têm sido vítimas dessa negligência, que contribui para acirrar conflitos e tensões*. Culmina afirmando que a

Federação está *doente, enfraquecida e debilitada* e culpa o centralismo do poder na esfera federal que tira a autonomia dos poderes locais.

O candidato reservou espaço para reiterar seu compromisso com a questão ambiental, a busca pelo desmatamento zero, energia renovável, as mudanças climáticas e uma economia de baixo carbono. Esses, por outro lado, eram temas de plataforma da candidata Marina Silva. Pode-se observar aqui a incorporação das sugestões de uma ex-candidata à plataforma do PSDB. Nesse sentido, configuram-se aqui também relações dialógicas entre essa carta e enunciados outros.

Já se encaminhando para o fim da carta, Aécio afirmou que seu desejo é ser vitorioso por trazer propostas positivas e não pelos malfeitos do governo atual, neste momento subiu o tom e fez duras críticas ao governo daquele momento.

Reconheceu a necessidade de uma reforma política, incluindo o fim da reeleição, e afirmou que seu governo seria aquele em que o brasileiro iria recuperar a confiança na política.

Para encerrar, Aécio disse se colocar no papel de brasileiro e não de liderança política e esperava *unir o Brasil*, e seguiu fazendo um apelo diretamente aos eleitores que votaram contrários ao atual governo no primeiro turno e aos outros partidos a se unirem a ele para levar adiante o compromisso que assume na referida carta. Em seguida ao apelo, dirigiu-se aos outros partidos e pediu para não abdicarem de suas crenças, mas ajudarem a ampliar sua visão para construir um mundo melhor. No último parágrafo do discurso, o candidato foi mais explícito e citou o legado de Eduardo Campos e o papel de Marina Silva na renovação da política brasileira. E encerra com um apelo geral de apoio.

Destaca-se no discurso a opção de Aécio de citar dois políticos em especial: Eduardo Campos e Marina Silva, exatamente os candidatos que também se destacaram seja pela intenção de voto, seja pelos votos que recebem. Marina Silva recebeu considerável quantia de votos, os quais, se transferidos a Aécio, poderiam decidir a eleição a seu favor.

Em decorrência do desejo de receber os votos dos eleitores dos outros candidatos que estavam na corrida eleitoral, em especial os votos dos eleitores de Marina, Aécio vai fazendo um movimento visando o convencimento desses eleitores, e o signo mudança é peça central.

É importante retomarmos aqui na análise um conceito já discutido em nosso trabalho, a questão da palavra na perspectiva bakhtiniana. Para os pensadores do círculo

de Bakhtin a palavra é um recurso linguístico que apresenta uma expressão valorativa da realidade, mas isso só pode acontecer dentro de um contexto real em um processo vivo de produção de um enunciado concreto.

O emprego de uma palavra em uma dada comunicação discursiva é de índole individual, mas também contextual, pois o falante escolhe uma palavra partindo do todo da enunciação que se constitui também pelo extraverbal. Ao escolher uma palavra, o falante o faz pelo seu significado, que em si não é expressivo, mas que se torna carregada ideologicamente ao entrar em ação no enunciado, na realidade. Dessa forma, para compreendermos as tonalidades valorativas que uma palavra pode assumir, não podemos descartar o seu contexto de produção e suas relações dialógicas, por esse motivo, estamos resgatando o contexto de produção do enunciado em questão bem como suas relações dialógicas. A palavra é um fenômeno ideológico e enquanto signo ideológico reflete e refrata consciências ideológicas.

De imediato, ao se ouvir o signo *mudança*, pensando em um sentido mais usual desse signo, o que nos vem à mente é o de abandono de algo atual e o início de algo novo, dando uma noção de ruptura. Porém, ao verificarmos o signo *mudança* dentro do contexto de produção do enunciado em análise, percebemos que esse signo recebe outras tonalidades valorativas.

Ao longo de todo o enunciado vão se mostrando tonalidades ideológicas para o signo *mudança* que corroboram com o projeto de dizer do enunciado, que parece ser angariar mais eleitores e garantir a manutenção dos seus próprios eleitores. Logo no início, o candidato afirmou que mudar significa *tirar do poder os que o estão exercendo*, passando aí a noção de ruptura, de abandono, pois quem está no poder sai, para a entrada de alguém novo. Porém, logo em seguida essa noção de abandono não permanece, pois o candidato adotou uma postura de manutenção do que já está posto pelo atual governo, propondo apenas *aprimorar* e *ampliar* e não abandonar. O candidato manteve o mesmo tom ao falar dos valores democráticos, pois pretende *manter* as instituições virtuosas, *ampliar* a participação popular e *preservar* o princípio da democracia representativa, aqui não temos a criação de nada novo, apenas a manutenção do já feito pelos governos anteriores com uma ampliação.

Nos primeiros parágrafos, vemos que uma das tonalidades valorativas do signo *mudança* utilizada no enunciado não está centrada no abandono e sim na manutenção do já existente, acrescido de ampliação ou de um aprimoramento, pois o abandono vem apenas quando se trata de quem está no poder, e não das práticas vigentes.



Outra tonalidade ideológica atribuída ao signo *mudança* nesse enunciado começa a ser construído, quando o candidato iniciou uma retomada dos atos de seu partido, PSDB, no período em que esteve no poder. Nessa parte do discurso, o autor procurou mostrar que foi no período que seu partido estava no poder que teve início uma série de melhorias as quais apenas foram mantidas pelos governos petistas.

Inicia falando do equilíbrio econômico, afirmando que seu partido é responsável pela estabilização da moeda e também pela possibilidade e continuidade dessa melhoria; diz ainda que as políticas de transparência *infelizmente não vêm sendo seguidas pelo atual governo*, assim o candidato remete o equilíbrio econômico a um período anterior ao dos governos petistas e ainda acrescenta que em nada os governos posteriores ao do PSDB não acrescentaram nada apenas seguiram com o que já estava posto pelo seu partido.

O autor deu destaque às políticas sociais e fez questão de frisar repetidas vezes que *Foi no governo do PSDB* que houve a universalização da educação, as melhorias na saúde e a criação das políticas de transferência de renda, afirmando que *Os governos posteriores ampliaram estes avanços*. É importante atentarmos para esse destaque dado pelo candidato às políticas sociais, pois o partido que assumiu e permaneceu no poder após a saída do PSDB, o PT, tem, como já assinalado anteriormente, como um dos pontos principais de seu projeto político ideológico a questão social. Um dos temas mais explorados na campanha do PT nesse mesmo pleito era exatamente o avanço nas políticas sociais. Parece-nos que há uma tentativa do candidato em estabelecer que esses avanços tão citados por seus opositores na verdade são conquistas de seu partido e que o governo do PT não criou essas políticas sociais, apenas manteve as conquistas do PSDB.<sup>4</sup>

Outro ponto também que é historicamente vinculado às ideologias petistas é a reforma agrária. Assim, também no intuito de minimizar os avanços de tal governo e comprovar sua tese de que as melhorias se iniciaram no governo do PSDB, o candidato afirmou *fomos nós que criamos o Ministério da Reforma Agrária, criamos o PRONAF e assentamos cerca de 500 mil famílias* e seguindo a mesma estrutura já usada em outros momentos acrescentou em seguida um comentário sobre a interrupção das melhorias do país pelo governo petista interrompeu as melhorias do país: *processo descuidado pelo*

---

<sup>4</sup> Um desses embates sobre a criação das políticas sociais encontra-se disponível no seguinte vídeo neste endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU>>

*governo atual*. Aproveitou também para reafirmar a intenção de retomar as medidas que eram pregadas pelo seu partido quando ele estava no poder: *a reforma agrária precisa ser retomada com seriedade e prioridade*. Essa retomada, mais uma vez, tinge com tonalidades de manutenção o signo *mudança*. Sobre a afirmação do candidato, buscamos o documento de seu Plano de Governo<sup>5</sup> com vistas a observar se ali já se fazia menção a este aspecto que o candidato enuncia como sendo política de seu partido. Observamos, na leitura do Plano, que só temos uma menção: “Apoio à reforma agrária e ao fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica, como base para emancipação familiar.” (p. 28). No entanto, esse tema é tratado de forma detalhada no Plano de Governo de Marina<sup>6</sup>, no qual são apresentadas nove propostas para ações políticas relativas à reforma agrária. Desta forma, observamos novamente que a Carta dialoga com as sugestões democráticas da ex-candidata, retomando daí objetos de dizer que pouco foram abordados no seu Plano. Ao estabelecermos relações dialógicas entre a Carta, o Plano de Aécio e o Plano da Marina, observamos o diálogo entre esses textos.

Em seu discurso, o candidato também tratou, de forma muito rápida, a questão da juventude. Afirma que *Vamos convocar a sociedade brasileira a debater e encontrar soluções generosas para nossa juventude, para lhe dar horizontes que a afastem da violência e outros descaminhos*, mas não apresentou nenhuma proposta objetiva sobre o tema.<sup>7</sup>

O candidato também abordou a temática da desigualdade e afirma *Temos muitas ferramentas para lidar com nossas desigualdades*, em seguida falou sobre uma dessas ferramentas *A mais importante delas é a riqueza da diversidade sociocultural brasileira que deve estar expressa no combate a toda discriminação, seja étnica, de gênero, de orientação sexual, religiosa, ou qualquer outra que fira os direitos humanos e a liberdade de escolha de cada cidadão*. Observamos que o signo desigualdade é tratado como um aspecto cultural desvinculado da questão socioeconômica. Em uma leitura do Plano de Governo do candidato mostra que esse tema é tratado de forma

---

<sup>5</sup> O Plano de Governo de Aécio Neves encontra-se disponível no endereço: <[http://contee.org.br/contee/wp-content/uploads/2014/10/Plano-de-governo\\_aecio1.pdf](http://contee.org.br/contee/wp-content/uploads/2014/10/Plano-de-governo_aecio1.pdf)>

<sup>6</sup> O Plano de Governo de Marina Silva encontra-se disponível no endereço: <[file:///C:/Users/FerEllen/Downloads/completo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/FerEllen/Downloads/completo%20(2).pdf)>

<sup>7</sup> Para complementar e ajudar a estabelecer as relações entre os enunciados analisados no trabalho sugerimos a leitura do Plano de Governo de Dilma Rousseff que encontra-se disponível no endereço: <<http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Prog-de-Governo-Dilma-2014-INTERNET1.pdf>>

diferente. Nele o candidato faz menção à desigualdade social no item “Combate à pobreza e à desigualdade social” relacionando a desigualdade às questões econômicas.

Também não é apresentada nenhuma proposta para esse tema, seja uma proposta nova, retomada de uma proposta de seu partido ou de manutenção das propostas que já estavam vigentes. Parece-nos que o candidato sentiu a necessidade de tocar nos temas juventude e desigualdade, mesmo sem trazer uma abordagem definida de como irá tratá-los no caso de ser eleito.

Retomando o que já foi dito anteriormente, esse enunciado foi produzido dentro de um contexto no qual o candidato está procurando apoio políticos de seus antigos concorrentes e também busca conquistar o voto dos eleitores que optaram por outros candidatos no primeiro turno, especialmente os votos atribuídos à candidata que ficou na terceira posição nas contagens de voto, Marina Silva. Para tanto, o candidato produziu um discurso para os eleitores que não votaram nele no primeiro turno, provavelmente por se caracterizarem como eleitores que seguem outras propostas ideológicas, com história de votação em partidos diferentes do PSDB. E, para que tivesse sucesso no intento de conquistá-los, levou em consideração o que orientou estes eleitores na escolha desses projetos políticos ideológicos. Dessa forma, se justificaria uma tentativa de explorar temas que receberam pouco destaque em seu Plano de Governo, mas que são importantes no plano de governo da ex-candidata Marina Silva.

Para pensar em um enunciado de forma ampla é preciso levar em consideração os elementos extralinguísticos que penetram nesses enunciados e que os mantêm ligados a outros formando uma cadeia de enunciados. Dentro dessa cadeia dialógica de enunciados, ocorre a interação, e o falante/ouvinte/leitor constrói os sentidos na relação de um enunciado concreto com outros enunciados concretos. Por esse motivo, é importante resgatarmos em nossa análise outros enunciados que estabelecem relação dialógica com o enunciado em análise.

Seguindo essa diretriz, observando as propostas do Plano de Governo de Marina Silva, no item “Cidadania e Identidades” vemos nele destaque em relação aos seguintes temas: as juventudes, as mulheres, a população negra, comunidade LBGT, entre outros. Comparando com o Plano de Governo de Aécio, percebemos que alguns desses itens não recebem o mesmo destaque dado por Marina. Questões como a comunidade LGBT e a população negra, no plano de governo de Aécio, aparecem apenas no item *Direitos humanos* como, por exemplo, no trecho em que o candidato apresenta as diretrizes gerais de como tratará a questão dos direitos humanos: “Será

dada forte prioridade às políticas afirmativas em relação aos setores mais vulneráveis de nossa sociedade, em especial às mulheres, idosos, crianças, afrodescendentes, LGBT, quilombolas, ciganos, povos indígenas e pessoas com deficiência.” (p. 15). Em comparação com o Plano de Governo da candidata Marina Silva, a candidata, ao apresentar o item direitos humanos, traz um grupo de propostas, mas também trata separadamente os temas juventudes, as mulheres, a população negra e comunidade LGBT, de forma individual trazendo um conjunto de propostas para cada um dos grupos sociais tematizados.

Devido a isso, acreditamos que Aécio passou a dar destaque a esses pontos ao falar sobre a diversidade como uma forma de tratar de temas antes pouco explorados em suas propostas e assim se aproximar dos eleitores que haviam se identificado com o projeto de governo da ex-candidata Marina Silva.

Com relação às políticas sociais, temos um quadro semelhante. O tema é tratado pelo candidato Aécio em seu Plano de Governo no item “Combate à pobreza e à desigualdade social”, que faz parte do capítulo “Cidadania”, de forma rápida, enquanto o tema é tratado no Plano de Governo de Marina no capítulo “Políticas Sociais, Saúde e Qualidade de Vida” de forma detalhada, ganhando destaque na proposta de governo da candidata.

Ainda seguindo nessa busca de aproximação em relação aos eleitores que não votaram nele no primeiro turno, o candidato tratou da questão da demarcação das terras indígenas. Nesse ponto do enunciado, ele criticou a atuação do governo de Dilma Rousseff afirmando que este é negligente tanto com os indígenas como com os produtores rurais. Afirmou que em seu governo *vamos nos posicionar pela manutenção da prerrogativa constitucional do Poder Executivo de demarcar terras indígenas*; propôs também e pela primeira vez a criação de algo novo, o *Fundo de Regularização Fundiária* que teria como objetivo resolver *as pendências em áreas indígenas nas quais proprietários rurais possuem títulos legítimos de posse da terra, reconhecidos pelo poder público*. A princípio poderia parecer um pouco antagônico resolver a questão da demarcação de terras indígenas observando o título de posse dos proprietários rurais, a possível explicação para essa controvérsia estaria no fato do candidato peessedebista ter em sua base aliada políticos que defendem os interesses dos produtores rurais, mas isso

justificaria a criação de um *fundo* com verbas que poderiam servir para indenizar produtores rurais em caso de novas demarcações de terras indígenas.<sup>8</sup>

Ao observarmos o plano de governo de Aécio Neves, não encontramos nenhuma menção a esse *Fundo de Regularização Fundiária*, encontramos apenas o “Programa Nacional de Regularização Fundiária”, relacionado ao “Plano Nacional de Habitação” proposto pelo candidato, porém verificamos que esse não se destina especificamente a áreas indígenas. A única referência aos indígenas é feita no seguinte trecho: “Atendimento aos segmentos vulneráveis da população com soluções habitacionais adaptadas às diferentes situações socioeconômicas - indígenas, quilombolas e comunidades rurais.” (p. 21). Em contrapartida, no Plano de Governo de Marina, encontramos a seguinte proposta: “Estabelecer mecanismos de gestão de conflitos para finalizar a demarcação das Terras Indígenas, como previsto na Constituição Federal.” (p. 221). Novamente percebemos um esforço do candidato Aécio em se aproximar de temas tidos como importantes pelos eleitores da ex-candidata, mas desta vez vemos também uma preocupação em não desagradar a sua base aliada, de modo que busca antecipar respostas desses eleitores, assinalando as garantias para os ruralistas.

Retomamos nesse momento outro conceito já mencionado anteriormente em nossa pesquisa, pois as escolhas dos recursos linguísticos feitas por quem fala/escreve está sob a influência do destinatário e de sua resposta antecipada. Assim sendo, percebemos no trecho há pouco analisado esse movimento de antecipação da resposta e, por conseguinte, de prévia explicação e justificativa.

Retomando a questão da criação de novas propostas para o seu governo, percebemos que o autor não dá destaque às propostas inéditas, pois quando usa o signo *criar*, usa na maioria das vezes no pretérito, remetendo a criações feitas por seu partido quando estava na presidência. Como em: *Não só fizemos a estabilização da moeda com o Plano Real, mas **criamos** instituições fundamentais para sua continuidade, Foi nos governos do PSDB que alcançamos a universalização do acesso ao ensino fundamental*

---

<sup>8</sup> É importante destacar que o tema das indenizações por terra reconhecidas como reserva indígena é tema de larga discussão na área jurídica, mas que o prevalece nas decisões do Supremo Tribunal Federal, até o presente momento, é o que terras indígenas são de domínio da União, e podem ser demarcadas mesmo se houver propriedade no local. O Estado também não pode indenizar aqueles que perderam seus imóveis por delimitações feitas antes da Constituição de 1988. Uma discussão mais completa do tema está disponível no endereço: <<http://www.conjur.com.br/2016-abr-20/uniao-demarcacao-terra-indigena-mesmo-houver-propriedade>>

e **criamos** o Fundef, E também fomos nós que **criamos** o Ministério da Reforma Agrária, **criamos** o PRONAF e assentamos cerca de 500 mil família; apenas neste momento aparece no futuro como uma proposta de algo novo: **Criaremos** também o *Fundo de Regularização Fundiária*. Essas ocorrências indicam Comprovando que o caminho proposto pelo candidato não é de inovações e sim de retomada de algo feito por seu partido no passado.

Em outro ponto do texto, podemos ver mais uma posição controversa do candidato ao falar do Programa Bolsa Família. Ele afirmou que essa política social já fazia parte das ações do seu partido quando no governo, mas diz logo em seguida que é necessário *ampliar e aprimorar as políticas existentes* e acrescentou *inclusive transformando o Bolsa Família em política de Estado e não de governo*. Nesse momento parece que o candidato considera o Bolsa Família como uma política do governo no poder e não uma política do seu partido. É importante destacar que o Bolsa Família foi um tema exaustivamente discutido entre os candidatos durante a campanha eleitoral; e um dos temas mais controversos era quem havia criado essa política social. Como peessedebista, Aécio defende que a criação dessa política pública é de seu partido, mas nesse trecho permite-nos entrever sua posição quanto à política de governo. É importante destacar que o candidato não faz menção ao fato do Programa Bolsa Família já ter sido instituído por lei em 2004, que transformou a Medida Provisória 132/2003 em janeiro de 2004 na Lei 10836/04, fato esse que iria contradizer sua proposta.

O candidato ainda criticou o centralismo na esfera federal, e propôs uma *revisão para devolver* aos estados e municípios a sua autonomia, nesse trecho: *É nosso propósito promover a **revisão** desse estado de coisas, **devolvendo** a estados e municípios os meios de exercerem sua autonomia constitucional, habilitando-os a levar a solução do problema para perto de onde ele ocorre*. Acrescentou ainda que *É urgente **revigorar** nossa Federação, fortalecendo suas bases*. Destacamos o uso novamente de signos que remetem a uma retomada, de algo interrompido, fazendo referência ao processo de melhorias gerado pelo PSDB e que foi interrompido pelos governos do PT. Estrutura semelhante aparece mais ao final do discurso quando o candidato fala da confiança da população na política brasileira: *Quero que meu governo seja aquele no qual os brasileiros vão **recuperar** a confiança na política como caminho para o exercício pleno de sua cidadania*, isto é, segundo ele, a população no passado tinha

confiança na política, mas essa confiança foi perdida, por isso pretende garantir condições para que ela seja retomada em seu governo.

A questão ambiental e das mudanças climáticas também foi abordada pelo candidato que reiterou seu compromisso com essa questão, tratou também das mudanças climáticas e da transição para uma economia de baixo carbono. Esses temas já são abordados pelo candidato em seu plano de governo e em sua campanha, e acreditamos que são resgatados na carta por servirem também a uma possível aproximação de suas propostas com os interesses dos eleitores que haviam se identificado com outro projeto político ideológico no primeiro turno. Nesse momento, o candidato retomou a mesma estratégia já utilizada anteriormente de relembrar feitos de seu partido e sugerir a retomada desse período, como nesses trechos: *Além disso, estabeleceremos uma política efetiva de Unidades de Conservação, não apenas para garantir a implantação e o correto uso das já existentes, como para **retomar** o processo de ampliação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, **paralisado no atual governo** e Assumo o compromisso de levar o Brasil à transição para uma economia de baixo carbono, magna tarefa a que já se dedicam as nações mais desenvolvidas do planeta, **retomando** uma postura proativa de liderança global nesta área, **perdida no atual governo**.* Vemos nesses trechos novamente o uso do verbo *retomar* para remeter a volta ao tempo anterior aos governos petistas seguido de uma crítica à conduta do governo de Dilma Rousseff.

Antes de encerrar o texto, o candidato fez uma referência clara a Marina Silva, e destacou a sua importância política. Algo importante a ser observado é que Marina e Aécio não são políticos que figuraram do mesmo lado em eleições anteriores; pelo contrário, em eleições passadas seus partidos estavam de lados opostos. Contudo, muitas vezes silenciar e também declarar algo, então quando Aécio se cala nesse contexto está declarando a importância de receber o apoio de Marina nesse momento.

Diante de todo o exposto, podemos dizer que o eixo principal desse enunciado é propor o retorno do PSDB ao governo. O signo mudança recebe a totalidade valorativa de volta, retorno, manutenção do já realizado, mas, não manter as ações políticas do partido que está no poder e sim as de seu partido em governos anteriores e apagar as ações desenvolvidas pelos governos do PT. O enunciado do candidato permite-nos a compreensão de que, para Aécio Neves, o que está bom nos governos do PT deve ser mantido, porém só está assim porque o governo petista herdou as conquistas dos governos anteriores do PSDB. Nas teorias resgatadas nesse trabalho,

verificamos que a palavra procede de alguém e dirige-se a alguém, logo é o produto da interação entre os sujeitos e assim não pertence totalmente ao falante ou ao ouvinte, mas é uma espécie de zona partilhada pelos interlocutores em um contexto ideológico. Assim sendo, o uso do signo *mudança* não é uma escolha linguística desprezível, está inteiramente relacionada ao projeto de dizer do enunciador, que tem em mente o objetivo pretendido com o enunciado de desconstruir o discurso do PT colocando-se como a verdadeira opção para aqueles que se preocupam com o país, e para tanto lança mão de estratégias e recursos persuasivos para conquistar seu objetivo, prevendo e se antecipando as reações e interpretações de seu interlocutor.

Retomando as questões levantadas no início de nossa análise, verificamos que o compromisso mencionado na nota postada no site do partido está sendo firmado com um interlocutor mais amplo *todos que amam o país*, mas também com um interlocutor mais específico, os seus eleitores e os eleitores de outros candidatos de outros partidos, especialmente aos eleitores de Marina Silva, aos eleitores que anularam seu voto ou votaram em branco. Podemos também dizer que esse compromisso está sendo firmado neste momento da campanha eleitoral em decorrência do fim do primeiro turno e do início da campanha de segundo turno, momento no qual muitos eleitores veem sua primeira opção de voto sair da corrida eleitoral e precisam decidir entre as duas opções restantes em qual candidato irá depositar seu voto. Assim sendo, ao longo do enunciado, vemos uma tentativa de aproximação do candidato com as temáticas que mais se destacavam no Plano de Governo da candidata Marina Silva, como uma forma de conquistar esse eleitor agora sem candidato.

### 2.3.2 Enunciado 2

Pronunciamento via carta aberta de Marina Silva do Partido Socialista Brasileiro PSB, demonstrando seu posicionamento para o segundo turno das eleições.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><b>Minha posição</b></p> <p style="text-align: right;">12 de outubro de 2014</p> <p>Quero, de início, deixar claro que entendo esse documento como uma carta compromisso com os brasileiros, com a nação.</p> <p>Rejeito qualquer interpretação de que seja dirigida a mim, em busca de apoio.</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|



Seria um amesquinamento dos propósitos manifestados por Aécio imaginar que eles se dirigem a uma pessoa e não aos cidadãos e cidadãs brasileiros.

E seria um equívoco absoluto e uma ofensa imaginar que me tomo por detentora de poderes que são do povo ou que poderia vir a ser individualmente destinatária de promessas ou compromissos.

Os compromissos explicitados e assinados por Aécio têm como única destinatária a nação e a ela deve ser dada satisfação sobre seu cumprimento.

E é apenas nessa condição que os avaliei para orientar minha posição neste segundo turno das eleições presidenciais.

Estamos vivendo nestas eleições uma experiência intensa dos desafios da política.

Para mim eles começaram há um ano, quando fiz com Eduardo Campos a aliança que nos trouxe até aqui.

Pela primeira vez, a coligação de partidos se dava exclusivamente por meio de um programa, colocando as soluções para o país acima dos interesses específicos de cada um.

Em curto espaço de tempo, e sofrendo os ataques destrutivos de uma política patrimonialista, atrasada e movida por projetos de poder pelo poder, mantivemos nosso rumo, amadurecemos, fizemos a nova política na prática.

Os partidos de nossa aliança tomaram suas decisões e as anunciaram.

Hoje estou diante de minha decisão como cidadã e como parte do debate que está estabelecido na sociedade brasileira.

Me posicionarei.

Prefiro ser criticada lutando por aquilo que acredito ser o melhor para o Brasil do que me tornar prisioneira do labirinto da defesa do meu interesse próprio, onde todos os caminhos e portas que percorresse e passasse só me levariam ao abismo de meus interesses pessoais.

A política para mim não pode ser apenas, como diz Bauman, a arte de prometer as mesmas coisas.

Parodiando-o, eu digo que não pode ser a arte de fazer as mesmas coisas.

Ou seja, as velhas alianças pragmáticas, desqualificadas, sem o suporte de um programa a partir do qual dialogar com a nação.

Vejo no documento assinado por Aécio mais um elo no encadeamento de momentos históricos que fizeram bem ao Brasil e construíram a plataforma sobre a qual nos erguemos nas últimas décadas.

Ao final da Presidência de Fernando Henrique Cardoso, a sociedade brasileira demonstrou que queria a alternância de poder, mas não a perda da estabilidade econômica.

E isso foi inequivocamente acatado pelo então candidato da oposição, Luiz Inácio Lula da Silva, num reconhecimento do mérito de seu antecessor e de que precisaria dessas conquistas para levar adiante o seu projeto de governo.

Agora, novamente, temos um momento em que a alternância de poder fará bem ao Brasil, e o que precisa ser reafirmado é o caminho dos avanços sociais, mas com gestão competente do Estado e com estabilidade econômica, agora abalada com a volta da inflação e a insegurança trazida pelo desmantelamento de importantes instituições públicas.

Aécio retoma o fio da meada virtuoso e corretamente manifesta-se na forma de um compromisso forte, a exemplo de Lula em 2002, que assumiu compromissos com a manutenção do Plano Real, abrindo diálogo com os setores produtivos.

Doze anos depois, temos um passo adiante, uma segunda carta aos brasileiros, intitulada: "Juntos pela democracia, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável".

Destaco os compromissos que me parecem cruciais na carta de Aécio:

- \* O respeito aos valores democráticos, a ampliação dos espaços de exercício da democracia e o resgate das instituições de Estado.
- \* A valorização da diversidade sociocultural brasileira e o combate a toda forma de discriminação.
- \* A reforma política, a começar pelo fim da reeleição para cargos executivos, que tem sido fonte de corrupção e mau uso das instituições de Estado.

- \* Sermos capazes de entender que, no mundo atual, a ampliação da participação popular no processo deliberativo, através da utilização das redes sociais, de conselhos e das audiências públicas sobre temas importantes, não se choca com os princípios da democracia representativa, que têm que ser preservados.
- \* Compromissos sociais avançados com a Educação, a Saúde, a Reforma Agrária.
- \* Prevenção frente a vulnerabilidade da juventude, rejeitando a prevalência da ótica da punição.
- \* Lei para o Bolsa Família, transformando-o em programa de Estado
- \* Compromissos socioambientais de desmatamento zero, políticas corretas de Unidades de Conservação, trato adequado da questão energética, com diversificação de fontes e geração distribuída.
- \* Inédita determinação de preparar o país para enfrentar as mudanças climáticas e fazer a transição para uma economia de baixo carbono, assumindo protagonismo global nessa área.
- \* Manutenção das conquistas e compromisso de assegurar os direitos indígenas, de comunidades quilombolas e outras populações tradicionais. Manutenção da prerrogativa do Poder Executivo na demarcação de Terras indígenas
- \* Compromissos com as bases constitucionais da federação, fortalecendo Estados e municípios e colocando o desenvolvimento regional como eixo central da discussão do Pacto Federativo.

Finalmente, destaco e apoio o apelo à união do Brasil e à busca de consenso para construir uma sociedade mais justa, democrática, decente e sustentável.

Entendo que os compromissos assumidos por Aécio são a base sobre a qual o país pode dialogar de maneira saudável sobre seu presente e seu futuro.

É preciso, e faço um apelo enfático nesse sentido, que saíamos do território da política destrutiva para conseguir ver com clareza os temas estratégicos para o desenvolvimento do país e com tranquilidade para debatê-los tendo como horizonte o bem comum.

Não podemos mais continuar apostando no ódio, na calúnia e na desconstrução de pessoas e propostas apenas pela disputa de poder que dividem o Brasil.

O preço a pagar por isso é muito caro: é a estagnação do Brasil, com a retirada da ética das relações políticas.

É a substituição da diversidade pelo estigma, é a substituição da identidade nacional pela identidade partidária raivosa e vingativa.

É ferir de morte nossa democracia.

Chegou o momento de interromper esse caminho suicida e apostar, mais uma vez, na alternância de poder sob a batuta da sociedade, dos interesses do país e do bem comum.

É com esse sentimento que, tendo em vista os compromissos assumidos por Aécio Neves, declaro meu voto e meu apoio neste segundo turno.

Votarei em Aécio e o apoiarei, votando nesses compromissos, dando um crédito de confiança à sinceridade de propósitos do candidato e de seu partido e, principalmente, entregando à sociedade brasileira a tarefa de exigir que sejam cumpridos.

Faço esta declaração como cidadã brasileira independente que continuará livre e coerentemente, suas lutas e batalhas no caminho que escolheu.

Não estou com isso fazendo nenhum acordo ou aliança para governar.

O que me move é minha consciência e assumo a responsabilidade pelas minhas escolhas."

O gênero discursivo carta aberta tem como uma de suas características o seu esquema de participação no qual um remetente fala/escreve para um sem-número de destinatários como assevera Silva (2012). Mas a mesma autora esclarece que “Embora seja pouco usual, é possível uma contra-resposta da parte do destinatário (uma associação, um partido político, uma empresa, etc.). Isso, provavelmente, constituiria uma nova carta aberta.” (p. 73). Esse parece ser o caso do enunciado da ex-candidata Marina Silva agora em tela; pode ser vista como uma carta aberta que responde, no sentido bakhtiniano, à carta aberta produzida por Aécio Neves.

Por se tratar também de um enunciado no mesmo gênero discursivo, o enunciado de Marina apresenta características do gênero carta aberta apontadas por Paiva et al.:

A Carta Aberta pode ser entendida como um gênero que possui características homogêneas em relação a outro tipo de carta, como é a Carta Pessoal, porém se difere em alguns quesitos, um destes é o fato de que a Carta Pessoal trata apenas de interesses comuns entre um ou dois interlocutores envolvidos na mesma, porém a Carta Aberta referencia-se a interesses coletivos, um problema consensual. (PAIVA et al., 2013, p. 98)

Nessa perspectiva, no enunciado em análise, verificamos que a ex-candidata buscou assinalar que a carta não se tratava apenas de um posicionamento individual, mas que se baseava no interesse coletivo. Temos uma carta aberta de uma ex-candidata à Presidência da República anunciando seu voto pessoal e apoio a um dos candidatos que seguem na disputa eleitoral no segundo turno. Mas, em uma análise mais detalhada, podemos perceber que temos mais que um simples anúncio de voto. É feito também o anúncio de uma aliança política.

Percebemos também no anúncio uma mudança de posicionamento político, pois Marina traz em seu histórico filiações a partidos de esquerda e nesse momento opta por aliar-se a um partido de ideologia de direita. Essa mudança nas concepções político partidárias já era de certa forma esperada não só pela população, mas por todo o cenário político naquele momento. Pois, ao longo da campanha eleitoral, Marina Silva foi constantemente atacada pelo PT, isso fez com que a relação dela com o partido ficasse ainda mais desgastada.

O anúncio da carta de Marina Silva ocorreu no dia 12 de outubro de 2014, apenas um dia depois da publicação da carta de Aécio. Apesar de ter sido muito comentado pela mídia que o documento teria sido escrito na tentativa de Aécio conseguir o apoio de Marina para o segundo turno, a candidata se esforçou em argumentar que a carta não foi direcionada a ela. Logo no início a candidata afirmou: *Quero, de início, deixar claro que entendo esse documento como uma carta compromisso com os brasileiros, com a nação*, afirmando que a carta tem como interlocutor *os brasileiros e a nação*. Em relação a esta escolha de palavras da autora, podemos assinalar que esses signos no seu enunciado são recobertos por uma tonalidade de identificação com aquela posição nacionalista mobilizada no enunciado do candidato Aécio. A ex-candidata seguiu argumentando em seguida quando diz *Rejeito qualquer*

*interpretação de que seja dirigida a mim, em busca de apoio. Acreditamos que nesse momento Marina faz referência às diversas notas na imprensa que afirmavam que a carta de Aécio seria uma resposta às exigências dela para receber seu apoio, de modo que podemos assinalar que, no interior de sua carta aberta, a ex-candidata estabelece diálogo com outros enunciados. Ela continuou argumentando e é possível que nisto também esteja dialogando com as notas da imprensa, dizendo: *Seria um amesquinamento dos propósitos manifestados por Aécio imaginar que eles se dirigem a uma pessoa e não aos cidadãos e cidadãs brasileiros*, reafirmando que os interlocutores da carta de Aécio são os *cidadãos e cidadãs brasileiros* e não ela.<sup>9</sup>*

Em seguida, Marina pareceu ainda estar respondendo a essas notas quando iniciou um discurso em sua defesa ao dizer *E seria um equívoco absoluto e uma ofensa imaginar que me tomo por detentora de poderes que são do povo*; assim a ex-candidata se antecipou a qualquer crítica de que possa ser alvo por ser interlocutora de uma carta que deveria ser endereçada aos eleitores. Nesse momento, Marina deixou claro que apenas na condição de a carta ser endereçada à *nação* avalia a carta para orientar sua posição no segundo turno.

E a partir desse momento, apresentou uma série de argumentos para justificar seu posicionamento, considerado por alguns polêmico, e desenvolveu estratégia que condiz com o gênero escolhido:

Geralmente, é exposta numa Carta Aberta uma questão polêmica, tendo em vista que a mesma trata-se de um texto argumentativo com características de persuasão em que o autor expõe em público suas opiniões ou reivindicações acerca de um determinado assunto. (PAIVA et al., 2013, p. 98)

Marina iniciou sua argumentação retomando que seus desafios começaram havia um ano, quando fez a aliança com Eduardo Campos, e sobre essa aliança comenta: *Pela primeira vez, a coligação de partidos se dava exclusivamente por meio de um programa, colocando as soluções para o país acima dos interesses específicos de cada um*. Para compreender esse trecho, temos que resgatar como foi criada a aliança de Eduardo Campos e Marina Silva. Em 2011, Marina Silva saiu do PV (Partido Verde), no qual disputou a presidência da república em 2010. Inicia então os movimentos para

---

<sup>9</sup> Não temos como objetivo nos alongar nesse debate, mas uma dessas notas da imprensa está disponível neste endereço: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1528518-marina-vai-anunciar-apoio-a-aecio-no-2-turno.shtml>>

oficializar seu novo partido, a Rede Sustentabilidade, porém encontrou problemas no processo de validar as assinaturas exigidas para a sua criação, o que impediu a formalização da Rede. Dessa forma, Marina não pôde se lançar candidata. Mas em 2013, fez um acordo com o PSB (Partido Socialista Brasileiro), e em 2014 lançou candidatura à presidência da república como vice de Eduardo Campos. Após um acidente aéreo que levou à morte de Eduardo, Marina continuou a campanha agora como candidata à presidência. É importante verificar que o caminho da candidatura de Mariana inicialmente seria por seu partido, Rede Sustentabilidade, porém devidos aos problemas encontrados não conseguiu registrar o partido a tempo, não podendo lançar candidatura própria, sendo que a solução encontrada foi aliar-se a outro partido para poder concorrer às eleições presidenciais. A Coligação Unidos pelo Brasil que se formou para essa candidatura foi anunciada como uma coligação que se uniu em torno de um Programa de Governo<sup>10</sup> e não somente por alianças partidárias. Em sua carta aberta, a ex-candidata retomou esse fato para justificar posteriormente seu posicionamento dizendo manter o mesmo pensamento de se unir com a proposta de governo e não somente de fazer uma aliança política partidária.

Seguindo na carta de Marina, vemos que a ex-candidata deu destaque aos ataques sofridos durante a sua campanha eleitoral no seguinte trecho: *Em curto espaço de tempo, e sofrendo os ataques destrutivos de uma política patrimonialista, atrasada e movida por projetos de poder pelo poder, mantivemos nosso rumo, amadurecemos, fizemos a nova política na prática.* Essa fala, que poderia parecer um desabafo, na verdade é mais um argumento para justificar seu posicionamento contrário ao partido que a atacou, posição que na sequência será apresentada. Mas, antes declarou que os partidos da sua aliança política já haviam se posicionado. Naquele momento, as posições declaradas pelos partidos que compunham sua coligação em sua maioria apoiavam o candidato do PSDB.

Nesse momento, Marina apresentou sua posição introduzida pela seguinte fala: *Hoje estou diante de minha decisão como **cidadã** e como parte do debate que está estabelecido na sociedade brasileira,* destacamos o uso do signo *cidadã*, que dá um caráter mais pessoal à decisão.

---

<sup>10</sup> Citamos a seguinte entrevista onde Marina, onde ela declara que a sua união com o PSB ocorreu em torno de um Projeto de Governo fugindo das propostas tradicionais de alianças partidárias. Disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=Uodh8Qy2bfw>>

Então, apresentou isolado o enunciado *Me posicionei*; é interessante a estratégia de apresentar o enunciado em isolado. A escolha estilística, inclusive em relação à disposição visual do texto, visa dar maior destaque ao anúncio de sua tomada de posição, que remete não só ao posicionamento atual, como também remete às eleições presidenciais de 2010, em que situação muito semelhante se apresentou. Havia uma expectativa do posicionamento de Marina, que ficou em terceiro lugar nas eleições daquele ano, para o segundo turno das eleições presidenciais que seria disputado por Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). Naquele momento, Marina optou por não se posicionar a favor de nenhum candidato e recebeu muitas críticas por sua neutralidade. Em diálogo com aquelas críticas, afirma que prefere *ser criticada lutando por aquilo que acredito ser o melhor para o Brasil* do que *me tornar prisioneira do labirinto da defesa do meu interesse próprio*. Assim a ex-candidata declarou que seu posicionamento foi tomado não por um interesse próprio e sim pelo coletivo.

Marina continuou o processo de argumentação para sustentar seu posicionamento. Vemos que seu enunciado é orientado por um projeto de dizer que visa não só declarar seu posicionamento, mas sim de justificar e argumentar para a população e principalmente para seu eleitorado que seu posicionamento está fundado no que ela acredita ser melhor para o Brasil. Para isso lança mão de algumas estratégias de convencimento. Começou citando o sociólogo Zigmund Bauman e o parafraseando ao afirmar que a política *não pode ser a arte de fazer as mesmas coisas*. Com essa mobilização da voz deste autor, a ex-candidata tenta justificar sua mudança de posicionamento ideológico que ocorre ao apoiar um projeto político ideológico diferente daquele do qual se aproximou ao longo de sua carreira. Na sequência explicou o que seriam essas mesmas coisas: *as velhas alianças pragmáticas, desqualificadas, sem o suporte de um programa a partir do qual dialogar com a nação*. A escolha de palavras da ex-candidata ressalta o signo *velhas alianças*, que diz ser *desqualificadas* para justificar o surgimento de novas alianças que poderiam ser mais positivas porque teriam o *suporte de um programa* que serviria de base para se *dialogar com a nação*. É possível que, ao tratar de alianças desqualificadas por não terem um projeto de Governo, a ex-candidata também poderia estar se referindo à candidatura do PT em aliança com o PMDB. Esses seriam pontos de um programa de governo que seriam importantes para os políticos que firmam essa aliança. Aqui temos uma menção à carta aberta de Aécio que faz o movimento de aproximar as propostas dos dois políticos.



Em seguida, Marina fez uma menção explícita ao *documento assinado por Aécio*, que ela classificou como *um elo no encadeamento de momentos históricos que fizeram bem ao Brasil e construíram a plataforma sobre a qual nos erguemos nas últimas décadas*. Logo na sequência a ex-candidata explicou melhor a sua afirmação e para tanto faz uma retomada de alguns fatos ocorridos nos últimos anos no país. Lembrou que no final do mandato de Fernando Henrique Cardoso houve uma demonstração da sociedade brasileira de que *queria a alternância de poder*, mas que queria manter *a estabilidade econômica* e por esse motivo o então candidato Lula reconheceu o *mérito de seu antecessor*. Nessa retomada, temos uma dupla argumentação de Marina, que tenta comparar os momentos lembrando que anteriormente houve uma alternância de poder que foi benéfica ao país e naquele momento também houve a preocupação de manter o que estava sendo positivo para o país. E da mesma forma argumentou reforçando o já posto na carta de Aécio que Lula herda melhorias dos governos anteriores.

Após ter relembrado de um momento em que a alternância de poder foi positiva ao país, acrescenta *temos um momento em que a alternância de poder fará bem ao Brasil*. Assim, somos lembrados de que durante a disputa presidencial daquele ano havia uma insegurança por parte do eleitorado de que com uma mudança de partido no poder pudesse levar à perda de algumas conquistas. Por esse motivo, a ex-candidata citou o momento na história brasileira ainda recente quando algo semelhante aconteceu e de que forma as conquistas se mantiveram. Naquele ano a insegurança girava em torno da estabilidade econômica; no ano de 2014 girava em torno das conquistas sociais e por essa razão o argumento segue da seguinte forma *e o que precisa ser reafirmado é o caminho dos avanços sociais* na tentativa de garantir que as conquistas sociais não serão abaladas. A candidata segue propondo uma possível mudança, *mas com gestão competente do Estado e com estabilidade econômica*, que justificou ser importante ao fazer essa crítica ao governo de Dilma *abalada com a volta da inflação e a insegurança trazida pelo dismantelamento de importantes instituições públicas*. Nesse trecho a ex-candidata defende a alternância de poder, mas tenta acalmar o eleitorado inseguro com as possíveis perdas e justifica a defesa dessa alternância com os equívocos do partido no poder.

As comparações com outro momento na história política brasileira continuam fez comparação entre a carta de Aécio e a carta com compromissos assumidos por Lula em 2002. Durante a campanha presidencial de 2002, o então candidato Lula,

pressionado pela insegurança do mercado, escreve uma carta onde apresenta o compromisso de manutenção do Plano Real e que mudanças não seriam feitas de forma irresponsável respeitando contratos e obrigações.<sup>11</sup> Esse pronunciamento teria como resultado acalmar o mercado externo durante as disputas eleitorais daquele ano. Marina afirma que Aécio *retoma o fio da meada virtuoso* quando, a exemplo de Lula, *corretamente manifesta-se na forma de um compromisso forte*, esse compromisso é apresentado em sua carta aberta onde propõe a manutenção das conquistas sociais. Mudam-se as inseguranças com a alternância de poder, mas a estratégia para a calmar o eleitorado é a mesma. Comentou que doze anos depois da carta de Lula, *temos um passo adiante que é uma segunda carta aos brasileiros*; acreditamos que aqui há uma menção direta ao título da carta de Lula “Carta ao povo brasileiro” que seria a primeira carta aos brasileiros. Pode parecer incomum essa aproximação de duas figuras políticas antagônicas, mas a estratégia aqui desenvolvida por Marina reside na aproximação dos momentos políticos de alternância de poder, argumentar que nesses momentos a insegurança é comum e que da mesma forma que no passado essa insegurança não se confirmou da mesma forma agora não irá se confirmar também, até porque no passado houve uma carta que garantiu a manutenção das conquistas de igual forma naquele momento há outra carta para garantir a manutenção das conquistas.

Marina ainda apresentou os pontos da carta de Aécio que julgou ser importantes, destacando onze pontos: o respeito aos valores democráticos; a valorização da diversidade sociocultural brasileira; a reforma política; ampliação da participação popular; compromissos com a educação, a saúde, a reforma agrária; tratar a juventude de forma preventiva e não punitiva; transformar o Bolsa Família em política de Estado; compromissos socioambientais; manutenção das conquistas e compromisso de assegurar os direitos indígenas, de comunidades quilombolas e outras populações tradicionais; fortalecendo Estados e municípios. Observando o Plano de Governo de Marina, notamos que esses são os pontos principais que ela propunha e que foram explorados na carta de Aécio em sua tentativa de aproximação dos dois Projetos de Governo.

Bakhtin também se dedica ao estudo do discurso citado. Para o autor este é um fenômeno produtivo, pois o discurso citado é "o discurso no discurso, a enunciação na

---

<sup>11</sup> A carta de Lula está disponível no endereço: <[http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id\\_article=10237](http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=10237)>

enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (Bakhtin, 2014, p. 150). Suas reflexões têm como centro o discurso literário, todavia neste momento propomos encaminhar essa reflexão para o caso em tela. Para Bakhtin (2014) o verdadeiro objeto de pesquisa do discurso citado é a interação entre as duas dimensões: o discurso a transmitir e o discurso que vai transmiti-lo. É muito importante percebermos que o conceito de dialogismo está presente no discurso citado, pois o enunciado é o componente da complexa trama de vozes que se cruzam. Sendo o discurso citado dialógico por excelência, este diálogo e/ou entrecruzamento está mais visível, mas as relações que se estabelecem vão muito além da mera citação da palavra de outrem, pois o que se institui é uma interação de discursos que pode resultar tanto na delimitação como na dissolução de contornos que separam o discurso de outrem, possibilitando a proximidade ou a interferência em relação ao discurso citado. No caso em análise, temos um grupo de propostas firmadas em uma carta aberta sendo citadas em outra carta aberta. Ao escolher os trechos para citar, todo o peso social e ideológico levado em consideração, parece-nos que as enunciações citadas estão servindo a um propósito argumentativo, isto é, as enunciações vêm como uma forma de justificativa, validação do seu posicionamento. Desta forma, temos a sensação de transferência de responsabilidades, ou seja, não é Marina quem promete, ela apenas destaca as promessas de Aécio e as comprova com as citações.

Nas teorias bakhtinianas a reprodução de um enunciado é um acontecimento novo e singular. Isso ocorre porque podemos repetir o material linguístico, mas não as suas condições de produção, por isso o enunciado não é algo dado e acabado e sim uma resposta única que mobiliza um conjunto de valores específicos de forma dialógica.

Após apresentar os pontos principais da carta Aécio, Marina apelou a *à união do Brasil e à busca de consenso* fazendo menção a bipolarização que estava ocorrendo no período eleitoral. E afirma entender que os compromissos assumidos por Aécio são *a base sobre a qual o país pode dialogar de maneira saudável*. Em oposição, a ex-candidata apresentou uma série de críticas à postura do governo petista. Afirma que *é preciso que saíamos do território da política destrutiva*, continuou dizendo que *Não podemos mais continuar apostando no ódio, na calúnia e na desconstrução de pessoas e propostas apenas pela disputa de poder que dividem o Brasil*. E completou declarando que o preço a pagar será *a estagnação do Brasil, com a retirada da ética das relações políticas, a substituição da diversidade pelo estigma e a substituição da identidade nacional pela identidade partidária raivosa e vingativa*. As duras críticas de

Marina têm como alvo os ataques que sofreu durante toda a sua candidatura, que foi usada também nesse momento como uma forma de justificativa de sua aproximação com os peessedebistas.

Dirigindo-se para o final de sua carta a ex-candidata retomou a questão da alternância de poder. Destaca-se a reinteração desse argumento mostrando a importância que Marina dá à alternância de poder. É notório também o fato de a candidata não falar em termos de partidos políticos e orientação político ideológica. Como já dito nesse trabalho anteriormente, silenciar-se também é uma forma de declarar algo. No caso a candidata não explicita suas diferenças com o partido que está apoiando, provavelmente como uma maneira de amenizar a possível estranheza que essa aliança possa gerar.

Somente no fim da carta, após apresentar sua argumentação e tendo em vista os compromissos assumidos por Aécio, a ex-candidata declarou explicitamente seu apoio *Votarei em Aécio e o apoiarei* e acrescentou *votando nesses compromissos*, ou seja, novamente Marina credita à carta de Aécio os compromissos firmados na sua tomada de decisão. Na sequência, apresentou a seguinte síntese de sua atitude: *Votarei em Aécio e o apoiarei, votando nesses compromissos, dando um crédito de confiança à sinceridade de propósitos do candidato e de seu partido e, **principalmente**, entregando à sociedade brasileira a tarefa de exigir que sejam cumpridos*. Nesse trecho ainda retomou algo importante de se destacar e já mencionado no início da carta, onde disse que a nação é a destinatária da carta e *a ela deve ser dada satisfação sobre seu cumprimento*. Nesses trechos vemos que Marina tenta tirar de sua responsabilidade o cumprimento dessas promessas, pois primeiro diz que à nação deverá ser dada a satisfação do cumprimento ou não desses compromissos e, por fim, deixa bem claro que não cabe a ela fiscalizar e sim a sociedade que deve *exigir que sejam cumpridos*. Atentemos para o uso do signo *principalmente* no enunciado que intensifica sua posição.

Antes de terminar sua carta, Marina disse fazer a declaração como *cidadã brasileira*, essa sua afirmação é ao menos contraditória, pois a ex-candidata está fazendo uma declaração pública de voto, algo que somente pessoas públicas fazem no intuito de, com seu posicionamento, interferir de certa forma no posicionando do eleitorado; entre os eleitores em geral essa postura não é uma conduta comum. Ela continuou dizendo que *continuará livre e **coerente***. Novamente a ex-candidata, ao usar o signo *coerente*, tenta minimizar a possível estranheza de seu posicionamento político.

Sobre o processo de interlocução do enunciado em análise, observamos que ele tem como principais interlocutores, de modo geral, a sociedade brasileira e em especial os eleitores de Marina Silva, para os quais seu posicionamento pode influenciar sua decisão de voto para o segundo turno. Outro interlocutor possível é o candidato Aécio Neves que, como visto na análise de sua carta aberta, tem Marina Silva como uma interlocutora e como já destacado anteriormente o enunciado de Marina está em atitude responsiva com o enunciado de Aécio. Podemos dizer ainda que o enunciado de Marina tem também como provável interlocutor os seus opositores, pois conforme apontado durante a análise, a ex-candidata citou reiteradas vezes os ataques que sofreu ao logo de sua candidatura.

Em um contexto de análise dialógica do discurso, as relações dialógicas entre os enunciados recebem grande importância. No enunciado agora analisado vemos claramente o diálogo entre a carta de Marina e a de Aécio Neves, mas como esses enunciados pertencem a uma cadeia muito mais ampla, o mesmo dialoga também com inúmeros outros produzidos ao longo de todo período eleitoral e até mesmo enunciados produzidos em momentos anteriores da história política brasileira. Em nossa análise, fizemos um movimento de resgatar essas relações a fim de elucidar as relações dialógicas que norteiam esse enunciado.

### 2.3.3 Enunciado 3

Discurso de posse de Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores, PT.

Senhoras e Senhores,  
 Senhor presidente do Senado Federal, Renan Calheiros,  
 Senhor vice-presidente da República, Michel Temer,  
 Senhor presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves,  
 Senhoras e senhores Chefes de Estado, Chefes de Governo, Vice-chefes de Estado e Vice-chefes de governo que me honram com suas presenças aqui hoje.  
 Senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski,  
 Senhoras e senhores chefes das missões estrangeiras e embaixadores acreditados junto ao meu governo,  
 Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhoras e senhores governadores,  
Senhoras e senhores senadores,  
Senhoras e senhores deputados federais,  
Senhoras e senhores representantes da imprensa,  
Meus queridos brasileiros e brasileiras.

Volto a esta Casa com a alma cheia de alegria, de responsabilidade, de esperança. Sinto alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da mulher brasileira. O nome de milhões de mulheres guerreiras, mulheres anônimas que voltam a ocupar, encarnadas na minha figura, o mais alto posto dessa nossa grande nação.

Encarno, também, outra alma coletiva que amplia ainda mais a minha responsabilidade e a minha esperança. O projeto de nação que é detentor do mais profundo e duradouro apoio popular da nossa história democrática. Esse projeto de nação triunfou e permanece devido aos grandes resultados que conseguiu até agora, e que porque também o povo entendeu que este é um projeto coletivo e de longo prazo. Este projeto pertence ao povo brasileiro e, mais do que nunca, é para o povo brasileiro e com o povo brasileiro que vamos governar.

A partir do extraordinário trabalho iniciado pelo governo do presidente Lula, continuado por nós, temos hoje a primeira geração de brasileiros que não vivenciou a tragédia da fome. Resgatamos 36 milhões da extrema pobreza e 22 milhões apenas em meu primeiro governo.

Nunca tantos brasileiros ascenderam às classes médias. Nunca tantos brasileiros conquistaram tantos empregos com carteira assinada. Nunca o salário mínimo e os demais salários se valorizaram por tanto tempo e com tanto vigor. Nunca tantos brasileiros se tornaram donos de suas próprias casas. Nunca tantos brasileiros tiveram acesso ao ensino técnico e à universidade. Nunca o Brasil viveu um período tão longo sem crises institucionais. Nunca as instituições foram tão fortalecidas e respeitadas e nunca se apurou e puniu com tanta transparência a corrupção.

Em nossos governos, cumprimos o compromisso fundamental de oferecer a uma população enorme de excluídos, de pessoas excluídas, os direitos básicos que devem ser assegurados a qualquer cidadão: o direito de trabalhar, de alimentar a sua família, de educar e acreditar em um futuro melhor para seus filhos. Isso que era tanto para uma população que tinha tão pouco, tornou-se pouco para uma população que conheceu, enfim, governos que respeitam e que a respeitam, e que realmente se esforçam para protegê-la.

A população quis que ficássemos porque viu o resultado do nosso trabalho, compreendeu as limitações que o tempo nos impôs e concluiu que podemos fazer muito mais. O recado que o povo brasileiro nos mandou não foi só de reconhecimento e de confiança, foi também um recado de quem quer mais e melhor.

Por isso, a palavra mais repetida na campanha foi mudança e o tema mais invocado foi reforma. Por isso, eu repito hoje, nesta solenidade de posse, perante as senhoras e os senhores: fui reconduzida à Presidência para continuar as grandes mudanças do país e não trairei este chamado. O povo brasileiro quer mudanças, quer avançar e quer mais. É isso que também eu quero. É isso que vou fazer, com destemor mas com humildade, contando com o apoio desta Casa e com a força do povo brasileiro.

Este ato de posse é, antes de tudo, uma cerimônia de reafirmação e ampliação de compromissos. É a inauguração de uma nova etapa neste processo histórico de mudanças sociais do Brasil.

Faço questão, também, de renovar, nesta Casa, meu compromisso de defesa permanente e obstinada da Constituição, das leis, das liberdades individuais, dos direitos democráticos, da mais ampla liberdade de expressão e dos direitos humanos.

Queridos brasileiros e brasileiras,

Em meu primeiro mandato, o Brasil alcançou um feito histórico: superamos a extrema pobreza. Mas, como eu disse - e sei que é a convicção e a expectativa de todos os brasileiros -, o fim da miséria é apenas um começo. Agora é a hora de

prosseguir com o nosso projeto de novos objetivos. É hora de melhorar o que está bom, corrigir o que é preciso e fazer o que o povo espera de nós.

Sim, neste momento, ao invés de simplesmente garantir o mínimo necessário, como foi o caso ao longo da nossa história, temos, agora, que lutar para oferecer o máximo possível. Vamos precisar, governo e sociedade, de paciência, coragem, persistência, equilíbrio e humildade para vencer os obstáculos. E venceremos esses obstáculos.

O povo brasileiro quer democratizar, cada vez mais, a renda, o conhecimento e o poder. O povo brasileiro quer educação, saúde, e segurança de mais qualidade. O povo brasileiro quer ainda mais transparência e mais combate a todos os tipos de crimes, especialmente a corrupção e quer ainda que o braço forte da justiça alcance a todos de forma igualitária.

Eu não tenho medo de encarar estes desafios, até porque sei que não vou enfrentá-los sozinha, não vou enfrentar esta luta sozinha. Sei que conto com o apoio dos senhores e das senhoras parlamentares, legítimos representantes do povo neste Congresso Nacional. Sei que conto com o apoio do meu querido vice-presidente Michel Temer, parceiro de todas as horas. Sei que conto com o esforço dos homens e mulheres do Judiciário. Sei que conto com o forte apoio da minha base aliada, de cada liderança partidária de nossa base e com os ministros e as ministras que estarão, a partir de hoje, trabalhando ao meu lado pelo Brasil. Sei que conto com o apoio de cada militante do meu partido, o PT, e da militância de cada partido da base aliada, representados aqui pelo mais destacado militante e maior líder popular da nossa história, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sei que conto com o apoio dos movimentos sociais e dos sindicatos; e sei o quanto estou disposta a mobilizar todo o povo brasileiro nesse esforço para uma nova arrancada do nosso querido Brasil.

Assim como provamos que é possível crescer e distribuir renda, vamos provar que se pode fazer ajustes na economia sem revogar direitos conquistados ou trair compromissos sociais assumidos. Vamos provar que depois de fazermos



políticas sociais que surpreenderam o mundo, é possível corrigir eventuais distorções e torná-las ainda melhores.

É inadiável, também, implantarmos práticas políticas mais modernas, éticas e, por isso, mesmo mais saudáveis. É isso que torna urgente e necessária a reforma política. Uma reforma profunda que é responsabilidade constitucional desta Casa, mas que deve mobilizar toda a sociedade na busca de novos métodos e novos caminhos para nossa vida democrática. Reforma política que estimule o povo brasileiro a retomar seu gosto e sua admiração pela política.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Neste momento solene de posse é importante que eu detalhe algumas ações e atitudes concretas que vão nortear nosso segundo mandato.

As mudanças que o país espera para os próximos quatro anos dependem muito da estabilidade e da credibilidade da economia. Isso, para nós todos, não é novidade. Sempre orientei minhas ações pela convicção sobre o valor da estabilidade econômica, da centralidade do controle da inflação e do imperativo da disciplina fiscal, e a necessidade de conquistar e merecer a confiança dos trabalhadores e dos empresários.

Mesmo em meio a um ambiente internacional de extrema instabilidade e incerteza econômica, o respeito a esses fundamentos econômicos nos permitiu colher resultados positivos. Em todos os anos do meu primeiro mandato, a inflação permaneceu abaixo do teto da meta e assim vai continuar.

Na economia, temos com o que nos preocupar, mas também temos o que comemorar. O Brasil é hoje a 7ª economia do mundo, o 2º maior produtor e exportador agrícola, o 3º maior exportador de minérios, o 5º país que mais atrai investimentos estrangeiros, o 7º país em acúmulo de reservas cambiais e o 3º maior usuário de internet.

Além disso, é importante notar que a dívida líquida do setor público é hoje menor do que no início do meu mandato. As reservas internacionais estão em patamar histórico, na casa dos US\$ 370 bilhões. Os investimentos estrangeiros diretos atingiram, nos últimos anos, volumes recordes.

Mais importante: a taxa de desemprego está nos menores patamares já vivenciados na história de nosso país. Geramos 5 milhões e 800 mil empregos formais em um período em que o mundo submergia no desemprego. Porém queremos avançar ainda mais e precisamos fazer mais e melhor!

Por isso, no novo mandato vamos criar, por meio de ação firme e sóbria, firme e sóbria na economia, um ambiente ainda mais favorável aos negócios, à atividade produtiva, ao investimento, à inovação, à competitividade e ao crescimento sustentável. Combateremos sem trégua a burocracia. Tudo isso voltado para o que é mais importante e mais prioritário: a manutenção do emprego e a valorização, muito especialmente a valorização do salário mínimo, que continuaremos assegurando.

Mais que ninguém sei que o Brasil precisa voltar a crescer. Os primeiros passos desta caminhada passam por um ajuste nas contas públicas, um aumento na poupança interna, a ampliação do investimento e a elevação da produtividade da economia. Faremos isso com o menor sacrifício possível para a população, em especial para os mais necessitados. Reafirmo meu profundo compromisso com a manutenção de todos os direitos trabalhistas e previdenciários.

Temos consciência que a ampliação e a sustentabilidade das políticas sociais exige equidade e correção permanente de distorções e eventuais excessos. Vamos, mais uma vez derrotar a falsa tese que afirma existir um conflito entre a estabilidade econômica e o crescimento do investimento social, dos ganhos sociais e do investimento em infraestrutura.

Ao falar dos desafios da nossa economia, faço questão de deixar uma palavra aos milhões de micro e pequenos empreendedores do Brasil. Em meu primeiro mandato, aprimoramos e universalizamos o Simples e ampliamos a oferta de crédito para os pequenos empreendedores.

Quero, neste novo mandato, avançar ainda mais. Pretendo encaminhar ao Congresso Nacional um projeto de lei criando um mecanismo de transição entre as categorias do Simples e os demais regimes tributários. Vamos acabar com o abismo tributário que faz os pequenos negócios terem medo de crescer. E sabemos que, se

o pequeno negócio não cresce, o país também não cresce. Nos dedicaremos, ainda, a ampliar a competitividade do nosso país e de nossas empresas.

Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo as parcerias entre o setor produtivo e nossos centros de pesquisa e universidades.

Um Brasil mais competitivo está nascendo também, a partir dos maciços investimentos em infraestrutura, energia e logística. Desde 2007, foram duas edições do Programa de Aceleração do Crescimento - o PAC-1 e o PAC-2 -, que totalizaram cerca de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões em investimentos em milhares de kms de rodovias, ferrovias; em obras nos portos, nos terminais hidroviários e nos aeroportos. Em expansão da geração e da rede de transmissão de energia. Em obras de saneamento e ligações de energia do Luz para Todos.

Com o Programa de Investimentos em Logística, demos um passo adiante, construímos parcerias com o setor privado, implementando um novo modelo de concessões que acelerou a expansão e permitiu um salto de qualidade de nossa logística. Asseguramos concessões de aeroportos e de milhares de km de rodovia e a autorização para terminais privados nos portos.

Agora, vamos lançar o 3º PAC, o 3º Programa de Aceleração do Crescimento e o segundo Programa de Investimento em Logística. Assim, a partir de 2015 iniciaremos a implantação de uma nova carteira de investimento em logística, energia, infraestrutura social e urbana, combinando investimento público e, sobretudo, parcerias privadas. Vamos aprimorar os modelos de regulação do mercado, garantir que o mercado privado de crédito de longo prazo, por exemplo, se expanda. Garantir também que haja sustentação para os projetos de financiamento de grande vulto.

Reafirmo ainda meu compromisso de apoiar estados e municípios na tão desejada expansão da infraestrutura de transporte coletivo em nossas cidades. Está em andamento na realidade uma carteira de R\$ 143 bilhões em obras de mobilidade urbana por todo o Brasil.

Assinalo que, neste novo mandato, daremos especial atenção à infraestrutura que vai nos conduzir ao Brasil do futuro: a rede de internet em banda larga. Em 2014, em um esforço conjunto com este Congresso Nacional, demos ao Brasil uma das legislações mais modernas do mundo na área da internet, o Marco Civil da Internet. Reitero aqui meu compromisso de, nos próximos quatro anos, promover a universalização do acesso a um serviço de internet em banda larga barato, rápido e seguro.

Quero reafirmar ainda o compromisso de continuar reduzindo os desequilíbrios regionais, impulsionando políticas transversais e projetos estruturantes, especialmente no Nordeste e na região da Amazônia. Foi decisivo mitigar o impacto desta prolongada seca no semi-árido nordestino, mas mais importante será a conclusão da nova e transformadora infraestrutura de recursos hídricos perenizando mais de 1.000 km de rios, combinada com o importante investimento social em mais de um milhão de cisternas.

Senhoras e Senhores,

Gostaria de anunciar agora o novo lema do meu governo. Ele é simples, é direto e é mobilizador. Reflete com clareza qual será a nossa grande prioridade e sinaliza para qual setor deve convergir o esforço de todas as áreas do governo. Nosso lema será: BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA!

Trata-se de lema com duplo significado. Ao bradarmos "BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA" estamos dizendo que a educação será a prioridade das prioridades, mas também que devemos buscar, em todas as ações do governo, um sentido formador, uma prática cidadã, um compromisso de ética e um sentimento republicano.

Só a educação liberta um povo e lhe abre as portas de um futuro próspero. Democratizar o conhecimento significa universalizar o acesso a um ensino de qualidade em todos os níveis - da creche à pós-graduação; Significa também levar a todos os segmentos da população - dos mais marginalizados, aos negros, às mulheres e a todos os brasileiros a educação de qualidade.

Ao longo deste novo mandato, a educação começará a receber volumes mais expressivos de recursos oriundos dos royalties do petróleo e do fundo social do pré-sal. Assim, à nossa determinação política se somarão mais recursos e mais investimentos.

Vamos continuar expandindo o acesso às creches e pré-escolas garantindo para todos, o cumprimento da meta de universalizar, até 2016, o acesso de todas as crianças de 4 e 5 anos à pré-escola. Daremos sequência à implantação da alfabetização na idade certa e da educação em tempo integral. Condição para que a nossa ênfase no ensino médio seja efetiva porque através dela buscaremos, em parceria com os estados, efetivar mudanças curriculares e aprimorar a formação dos professores. Sabemos que essa é uma área frágil no nosso sistema educacional.

O Pronatec oferecerá, até 2018, 12 milhões de vagas para que nossos jovens, trabalhadores e trabalhadoras tenham mais oportunidades de conquistar melhores empregos e possam contribuir ainda mais para o aumento da competitividade da economia brasileira. Darei especial atenção ao Pronatec Jovem Aprendiz, que permitirá às micro e pequenas empresas contratarem um jovem para atuar em seu estabelecimento.

Vamos continuar apoiando nossas universidades e estimulando sua aproximação com os setores mais dinâmicos da nossa economia e da nossa sociedade. O Ciência Sem Fronteiras vai continuar garantindo bolsas de estudo nas melhores universidades do mundo para 100 mil jovens brasileiros.

Queridas e queridos brasileiros e brasileiras

O Brasil vai continuar como o país líder, no mundo, em políticas sociais transformadoras. Aos beneficiários do Bolsa Família continuaremos assegurando o acesso às políticas sociais e a novas oportunidades de renda. Destaque será dado à formação profissional dos beneficiários adultos e à educação das crianças e dos jovens.

Com a terceira fase do Minha Casa, Minha Vida contrataremos mais 3 milhões de novas moradias, que se somam aos 2 milhões de moradias entregues até

2014 e às 1 milhão e 750 mil moradias que estão em construção e que serão entregues neste segundo mandato.

Na saúde, reafirmo nosso compromisso de fortalecer o SUS. Sem dúvida, a marca mais forte do meu governo, no primeiro mandato, foi a implantação do Mais Médicos, que levou o atendimento básico de saúde a mais de 50 milhões de brasileiros, nas áreas mais vulneráveis do nosso país. Persistiremos, ampliando as vagas em graduação e em residência médica, para que cada vez mais jovens brasileiros possam se tornar médicos e assegurar atendimento ao povo brasileiro. Neste segundo mandato, vou implantar o Mais Especialidades para garantir o acesso resolutivo e em tempo oportuno aos pacientes que necessitem de consulta com especialista, exames e os respectivos procedimentos.

Assumo, com todas as brasileiras e brasileiros, o compromisso de redobrar nossos esforços para mudar o quadro da segurança pública em nosso país. Instalaremos Centros de Comando e Controle em todas as capitais, ampliando a capacidade de ação de nossas polícias e a integração dos órgãos de inteligência e das forças de segurança pública. Reforçaremos as ações e a nossa presença nas fronteiras para o combate ao tráfico de drogas e de armas com o Programa Estratégico de Fronteiras, realizado em parceria entre as Forças Armadas e as polícias federais, entre o Ministério de Defesa e o Ministério da Justiça.

Vou, sobretudo, propor ao Congresso Nacional alterar a Constituição Federal, para tratar a segurança pública como atividade comum de todos os entes federados, permitindo à União estabelecer diretrizes e normas gerais válidas para todo o território nacional, para induzir políticas uniformes no país e disseminar a adoção de boas práticas na área policial.

Senhoras e senhores,

Investimos muito e em todo o país sem abdicar, um só momento, do nosso compromisso com a sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade ambiental do nosso desenvolvimento. Um dado explicita este compromisso: alcançamos, nos quatro anos de meu primeiro mandato, as quatro menores taxas de desmatamento da Amazônia.

Nos últimos 4 anos, o Congresso Nacional aprovou um novo Código Florestal e implementamos o Cadastro Ambiental Rural, o CAR. Vamos aprofundar a modernização de nossa legislação ambiental e, já a partir deste ano, nos engajaremos fortemente nas negociações climáticas internacionais para que nossos interesses sejam contemplados no processo de estabelecimento dos parâmetros globais de redução de emissões.

Nossa inserção soberana na política internacional continuará sendo marcada pela defesa da democracia, pelo princípio de não-intervenção e respeito à soberania das nações, pela solução negociada dos conflitos, pela defesa dos Direitos Humanos, e pelo combate à pobreza e às desigualdades, pela preservação do meio ambiente e pelo multilateralismo. Insistiremos na luta pela reforma dos principais organismos multilaterais, cuja governança hoje não reflete a atual correlação de forças global.

Manteremos a prioridade à América do Sul, América Latina e Caribe, que se traduzirá no empenho em fortalecer o Mercosul, a Unasul e a Comunidade dos Países da América Latina e do Caribe (Celac), sem discriminação de ordem ideológica. Agradeço, inclusive, a presença de meus queridos colegas e governantes da América Latina aqui presentes. Da mesma forma será dada ênfase a nossas relações com a África, com os países asiáticos e com o mundo árabe.

Com os Brics, nossos parceiros estratégicos globais - China, Índia, Rússia e África do Sul -, avançaremos no comércio, na parceria científica e tecnológica, nas ações diplomáticas e na implementação do Banco de Desenvolvimento dos Brics e na implementação também do acordo contingente de reservas.

É de grande relevância aprimorarmos nosso relacionamento com os Estados Unidos, por sua importância econômica, política, científica e tecnológica, sem falar no volume de nosso comércio bilateral. O mesmo é válido para nossas relações com a União Européia e com o Japão, com os quais temos laços fecundos.

Em 2016, os olhos do mundo estarão mais uma vez voltados para o Brasil, com a realização das Olimpíadas. Temos certeza que mais uma vez, como aconteceu

na Copa, vamos mostrar a capacidade de organização do Brasil e, agora, numa das mais belas cidades do mundo, o nosso Rio de Janeiro.

Amigos e amigas,

Tudo que estamos dizendo, tudo que estamos propondo converge para um grande objetivo: ampliar e fortalecer a democracia, democratizando verdadeiramente o poder. Democratizar o poder significa lutar pela reforma política, ouvir com atenção a sociedade e os movimentos sociais e buscar a opinião do povo para reforçar a legitimidade das ações do Executivo. Democratizar o poder significa combater energicamente a corrupção. A corrupção rouba o poder legítimo do povo. A corrupção ofende e humilha os trabalhadores, os empresários e os brasileiros honestos e de bem. A corrupção deve ser extirpada.

O Brasil sabe que jamais compactuei com qualquer ilícito ou malfeito. Meu governo foi o que mais apoiou o combate à corrupção, por meio da criação de leis mais severas, pela ação incisiva e livre de amarras dos órgãos de controle interno, pela absoluta autonomia da Polícia Federal como instituição de Estado, e pela independência sempre respeitada diante do Ministério Público. Os governos e a Justiça estarão cumprindo os papéis que se espera deles: se punirem exemplarmente os corruptos e os corruptores.

A luta que vimos empreendendo contra a corrupção e, principalmente, contra a impunidade, ganhará ainda mais força com o pacote de medidas que me comprometi durante a campanha, e me comprometo a submeter à apreciação do Congresso Nacional ainda neste primeiro semestre.

São cinco medidas: transformar em crime e punir com rigor os agentes públicos que enriquecem sem justificativa ou não demonstrem a origem dos seus ganhos; modificar a legislação eleitoral para transformar em crime a prática de caixa 2; criar uma nova espécie de ação judicial que permita o confisco dos bens adquiridos de forma ilícita ou sem comprovação; alterar a legislação para agilizar o julgamento de processos envolvendo o desvio de recursos públicos; e criar uma nova estrutura, a partir de negociação com o Poder Judiciário que dê maior



agilidade e eficiência às investigações e processos movidos contra aqueles que têm foro privilegiado.

Em sua essência, essas medidas têm o objetivo de garantir processos e julgamentos mais rápidos e punições mais duras, mas jamais poderão agredir o amplo direito de defesa e o contraditório; jamais poderão significar a condenação prévia sem defesa de inocentes.

Estou propondo um grande pacto nacional contra a corrupção, que envolve todas as esferas de governo e todos os núcleos de poder, tanto no ambiente público como no ambiente privado.

Senhoras e Senhores,

Como fiz na minha diplomação, quero agora me referir a nossa Petrobras, uma empresa com 86 mil empregados dedicados, honestos e sérios, que teve, lamentavelmente, alguns servidores que não souberam honrá-la, sendo atingidos pelo combate à corrupção.

A Petrobras já vinha passando por um vigoroso processo de aprimoramento de gestão. A realidade atual só faz reforçar nossa determinação de implantar, na Petrobras, a mais eficiente e rigorosa estrutura de governança e controle que uma empresa já teve no Brasil.

A Petrobras é capaz disso e capaz de muito mais. Ela se tornou a maior empresa do mundo em capacitação técnica para a prospecção de petróleo em águas profundas. Daí resultou a maior descoberta de petróleo deste início de século - as jazidas do pré-sal -, cuja exploração, que já é realidade, vai tornar o Brasil um dos maiores produtores de petróleo do planeta.

Temos muitos motivos para preservar e defender a Petrobras de predadores internos e de seus inimigos externos. Por isso, vamos apurar com rigor tudo de errado que foi feito e fortalecê-la cada vez mais. Vamos, principalmente, criar mecanismos que evitem que fatos como estes possam voltar a ocorrer. O saudável empenho da Justiça, de investigar e punir, deve também nos permitir reconhecer que a Petrobras é a empresa mais estratégica para o Brasil e a que mais contrata e investe no país.

Temos, assim, que saber apurar e saber punir, sem enfraquecer a Petrobras, nem diminuir a sua importância para o presente e para o futuro. Não podemos permitir que a Petrobras seja alvo de um cerco especulativo de interesses contrariados com a adoção do regime de partilha e da política de conteúdo nacional, partilha e política de conteúdo nacional que asseguraram ao nosso povo o controle sobre nossas riquezas petrolíferas. A Petrobras é maior do que quaisquer crises e, por isso, tem capacidade de superá-las e delas sair mais forte.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

O Brasil não será sempre um país em desenvolvimento. Seu destino é ser um país desenvolvido e justo, e é este destino que estamos construindo e buscando cada vez mais, com o esforço de todos, construir. Uma nação em que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades: de estudar, trabalhar, viver em condições dignas na cidade ou no campo. Um país que respeita e preserva o meio ambiente e onde todas as pessoas podem ter os mesmos direitos: à liberdade de informação e de opinião, à cultura, ao consumo, à dignidade, à igualdade independentemente de raça, credo, gênero ou sexualidade.

Dedicarei obstinadamente todos os meus esforços para levar o Brasil a iniciar um novo ciclo histórico de mudanças, de oportunidades e de prosperidade, alicerçado no fortalecimento de uma política econômica estável, sólida, intolerante com a inflação, e que nos leve a retomar uma fase de crescimento robusto e sustentável, com mais qualidade nos serviços públicos. Assumo aqui um compromisso com o Brasil que produz e com o Brasil que trabalha.

Reafirmo também o meu respeito e a minha confiança no Poder Judiciário, no Congresso Nacional, nos partidos e nos representantes do povo brasileiro. Reafirmo minha fé na política, na política que transforma para melhor a vida do povo. Peço aos senhores e às senhoras parlamentares que juntemos as mãos em favor do Brasil, porque a maioria das mudanças que o povo exige tem que nascer aqui, na grande casa do povo.

Meus amigos e minhas amigas,

Já estive algumas vezes um pouco perto da morte e destas situações saí uma pessoa melhor e mais forte.

Sou ex-opositora de um regime de força que provocou em mim dor e me deixou cicatrizes, mas não tenho nenhum revanchismo. Mas este processo jamais destruiu em mim o sonho de viver num país democrático e a vontade de lutar e de construir este país cada vez melhor. Por isso, sempre me emociono ao dizer que eu sou uma sobrevivente. Também enfrentei doenças mas, se me permitem, quero dizer mais: pertenço a uma geração vencedora. Uma geração que viu a possibilidade da democracia no horizonte e viu ela se realizar.

Essas duas características, elas me aproximam do povo brasileiro - ele também, um sobrevivente e um vitorioso, que jamais abdica de seus sonhos. Luta para realizá-los.

Deus colocou em meu peito um coração cheio de amor pela minha pátria. Antes de tudo, o que a música cantava, um coração valente, não é que a gente não tem medo de nada, a gente controla o medo. Um coração que dispara no peito com a energia do amor, do sonho e, sobretudo, com a possibilidade de construir um Brasil desenvolvido. Eu não tenho medo de proclamar para vocês que nós vamos vencer todas as dificuldades, porque temos a chave para vencê-las, vencer todas as dificuldades.

Esta chave pode ser resumida num verso, e esse verso tem, de uma certa forma, sabor de oração, que diz o seguinte: "O impossível se faz já; só os milagres ficam para depois".

Muito Obrigada.

Viva o Brasil e viva o povo brasileiro!

Analisando os enunciados que compõem as cadeias de enunciados e resgatando as relações dialógicas entre eles, chegamos agora à análise do discurso de posse, discurso que acontece ao fim de uma disputa eleitoral e que está em relação dialógica como os outros discursos produzidos durante o pleito eleitoral.

O discurso de posse inicia com a tradicional saudação às autoridades presentes que ocorrem em um tom formal, que é abandonado ao falar com a população, pois nesse

momento a presidenta assume um tom informal *Meus **queridos** brasileiros e brasileiras* ao utilizar a palavra *queridos*.

Destacamos também na análise do enunciado em tela a questão dos interlocutores principais deste discurso de posse. O enunciado apresenta em seu início uma série de vocativos presentes na saudação as autoridades, estabelecendo assim de imediato uma série de interlocutores, mas outros mais se revelam ao longo do discurso. O enunciado de Dilma apresenta uma característica que merece destaque, ao longo de todo o discurso, a presidenta vai alternando os vocativos que dividem o texto em partes, cada mudança de vocativo corresponde também a uma mudança do interlocutor principal, porém enfatizamos que existem outros interlocutores que foram percebidos no texto de outras formas.

Iniciou seu discurso assumindo um tom feminista e nacionalista *Sinto alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da **mulher brasileira***, colocou-se também como representante deste grupo (*encarnadas em minha figura*) das mulheres brasileiras e não qualquer mulher brasileira, as *guerreiras* e *anônimas*, exaltou a ela e a essas mulheres quando disse que voltam a ocupar *o mais alto posto dessa nossa grande nação*.

Na sequência ampliou seu discurso falando também que *encarna* também outra *alma coletiva* que ela chamou de *projeto de nação*, especificou esse projeto dizendo que é o que mais detém o apoio popular por seus *grandes resultados* e também porque o povo compreendeu que é um *projeto coletivo de longo prazo*. O enunciado seguinte apresentou uma repetição *Este projeto pertence ao **povo brasileiro** e, mais do que nunca, é para o **povo brasileiro** e com o **povo brasileiro** que vamos governar*. Uma repetição como essa em um enunciado relativamente curto, parece-nos ter a função de enfatizar, no caso dar ênfase e chamar o *povo brasileiro* para a participação no governo.

Agora relembrando a figura pública do ex-presidente Lula, seu antecessor e colega de partido, Dilma apresenta um grupo de conquistas, que não aconteceram somente em seu governo, mas que são conquistas que vêm desde o primeiro mandato de seu partido em 2002, no governo Lula, e que foi *continuado* por ela em seu mandato, são conquistas do chamado por ela de *projeto de nação*. Cita entre as conquistas a primeira geração de brasileiros que não vivenciou a tragédia da fome, a ascensão da classe média, a valorização do salário mínimo, a conquista da casa própria, acesso ao ensino técnico e a universidade, a apuração e punição à corrupção e acesso aos direitos básicos. Toda essa apresentação serve de argumentação que culmina com a afirmação A

*população quis que ficássemos porque viu o resultado do nosso trabalho. Seguiu dizendo que o povo mandou um recado, e ele não foi só de reconhecimento e de confiança é também um recado de quem quer mais e melhor. Esse recado, supomos, é o resultado nas urnas, o resultado do reconhecimento e confiança estaria evidente através de sua permanência no poder e o recado de que quer mais e melhor seria mostrado por meio do apertado placar da vitória.*

Continuando o discurso, Dilma centrou sua fala no signo *mudança: a palavra mais repetida na campanha foi mudança e o tema mais invocado foi reforma*; diz que foi conduzida à presidência para **continuar** *as grandes do país*. Vemos também no discurso de Dilma a relação entre mudança e continuação, porém agora a continuação não vem de um resgate de um passado mais distante e sim da manutenção do presente. Continuou *O povo brasileiro quer mudanças, quer avançar e quer mais*, afirmando que a mudança que o povo quer é a manutenção do já conquistado acrescida de alguns avanços. A presidenta mantém essa linha de raciocínio *Este ato de posse é, antes de tudo, uma cerimônia de reafirmação e ampliação de compromissos*, não há uma troca de compromissos, o que temos é uma *reafirmação* do que já estava posto, somado a uma *ampliação* dos mesmos compromissos. Completou dizendo ser essa *uma nova etapa neste processo histórico de mudanças sociais do Brasil*, ou seja, uma nova etapa de um projeto que já estava em processo.

Usa o vocativo *Queridos brasileiros e brasileiras* para destacar seu interlocutor principal nesse momento, retomou uma conquista de seu primeiro mandato a superação da extrema pobreza e disse que é apenas o começo, completou *Agora é a hora de prosseguir com o nosso projeto de novos objetivos* voltando a sua argumentação de que agora é hora de continuar com o que já havia sido colocado anteriormente, o que fica evidente nesse trecho *É hora de melhorar o que está bom, corrigir o que é preciso e fazer o que o povo espera de nós*, então a proposta é melhorar o que está vigente, corrigir as falhas e fazer o que o povo espera, mas o que o povo espera somente é explicitado na sequência *ao invés de simplesmente garantir o mínimo necessário, como foi o caso ao longo da nossa história, temos, então, que lutar para oferecer o máximo possível*, de modo que o desejo do povo era ter mais que o necessário era ter o máximo possível; esse era o querer *mais* que o povo brasileiro queria.

Esse querer *mais* foi explorado na sequência *O povo brasileiro quer democratizar, cada vez mais, a renda, o conhecimento e o poder. O povo brasileiro quer educação, saúde, e segurança de mais qualidade. O povo brasileiro quer ainda*

*mais transparência e mais combate a todos os tipos de crimes, especialmente a corrupção e quer ainda que o braço forte da justiça alcance a todos de forma igualitária*, atentemos para a repetição da estrutura *o povo brasileiro quer*, enfatizando quais seriam os desejos do povo brasileiro, completa dizendo *Eu não tenho medo de encarar estes desafios* se colocando no papel de quem se propõe a encarar esse desafio porque tem com quem contar.

Nesse trecho do enunciado, Dilma elencou todas as forças que a apoiam, começando pelos parlamentares, o vice-presidente, o judiciário, a base aliada, os militantes do PT em especial o Lula, os movimentos sociais, os sindicatos e disse estar disposta a mobilizar todo o povo brasileiro. Chama a atenção o uso repetidas vezes da expressão *sei que conto*. Retomemos um dado importante, o fato da presidenta ter perdido alguns aliados ao longo do primeiro mandato e da campanha a presidência, ao usar essa expressão repetidas vezes parece-nos que Dilma tenta reforçar esse apoio ou até mesmo cobrar esse apoio.

Seguiu falando sobre políticas sociais e reforçando que é possível *corrigir eventuais distorções e torná-las ainda melhores*. Novamente manutenção e melhora de um projeto em andamento. Disse ser urgente uma reforma política, mas não qualquer reforma política, e assim aquela que *estimele o povo brasileiro a retomar seu gosto e sua admiração pela política*.

Apresentou outro vocativo *Queridas brasileiras e queridos brasileiros*, buscando atenção de seu interlocutor principal, apresentou agora *ações e atitudes concretas que vão nortear nosso segundo mandato*, a primeira delas é a estabilidade e credibilidade na economia. Lembremos que Dilma é economista de formação e essa é uma área que tem domínio para argumentar inclusive apresentando dados que comprovam a eficiência de seu governo nessa área. Na sequência, tratou juntamente com a questão econômica as políticas sociais, afirmando que em momentos de instabilidade econômica é possível manter os avanços sociais. Apresentou mais uma série de conquistas como o Simples e promete *neste novo mandato, avançar ainda mais* mantendo sua linha de argumentação de manter o que está posto, agora com melhoras. A mesma estrutura é repetida ao falar do desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, pois declara que irá dar prioridade *fortalecendo* as parcerias. E aparece mais uma vez quando fala do PAC e afirma *Vamos aprimorar os modelos de regulação do mercado*.

Disse *reafirmar* o compromisso da expansão da infraestrutura de transporte coletivo das cidades, e por fim, reafirmou o compromisso de *continuar* reduzindo os desequilíbrios regionais.

Apresentou um novo vocativo agora mais formal *Senhoras e Senhores* ao anunciar o novo lema do governo *BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA* explicou que tem duplo sentido, o de mostrar a prioridade de seu governo, a educação, e que as práticas do governo devem ter uma prática cidadã. Ao discorrer sobre a educação, fala sobre algumas conquistas e de alguns planos e o uso do signo *continuar* aparece mais algumas vezes nesses trechos: *Vamos **continuar** expandindo o acesso às creches e pré-escolas, Vamos **continuar** apoiando nossas universidades e O Ciência Sem Fronteiras vai **continuar** garantindo bolsas de estudo.*

Novamente assumiu um ar mais informal com o vocativo *Queridas e queridos brasileiros e brasileiras*” tratou de temas como o Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida, Programa Mais Médicos e nesses temas permaneceu com sua linha de argumentação sempre apresentando o signo *continuar* e outros de tonalidade valorativa semelhante como nesses casos: *O Brasil vai **continuar** como o país líder, no mundo, em políticas sociais transformadoras, Aos beneficiários do Bolsa Família **continuaremos** assegurando o acesso às políticas sociais, **reafirmo** nosso compromisso de fortalecer o SUS, **Persistiremos**, ampliando as vagas em graduação e em residência médica,* lembrando que esses temas foram pontos de destaque de seu governo, foram políticas que foram bem recebidas pela população, por essa razão acreditamos que o uso o signo *continuar* e outros de tonalidade valorativa semelhante tem a função de reafirmar essas conquistas e garantir sua manutenção e como proposto no início do discurso ampliação das conquistas porque o povo *quer mais*, ao apresentar esses temas a presidenta apresentou uma ampliação para cada um desses programas.

Porém, em um tema onde não houve muito sucesso em seu primeiro mandato, a segurança pública, a proposta foi de *mudar, propor e alterar o compromisso de redobrar nossos esforços para **mudar** o quadro da segurança pública em nosso país, **propor** ao Congresso Nacional **alterar** a Constituição Federal, para tratar a segurança pública.*

Retomou o uso do vocativo *Senhoras e senhores* para falar de temas como a sustentabilidade, a política internacional, os Brics, relações como outros países e as Olimpíadas. Como nos outros temas desenvolvidos, de signos que nos parecem centrais no seu discurso que ao longo do enunciado vai deixando latentes as duas diretrizes

básicas de manutenção e avanço de conquistas: *Vamos **aprofundar** a modernização de nossa legislação ambiental, **Manteremos** a prioridade à América do Sul, América Latina e Caribe, que se traduzirá no empenho em fortalecer o Mercosul, **avançaremos** no comércio e É de grande relevância **aprimorarmos** nosso relacionamento com os Estados Unidos.*

Ainda sobre esses temas, podemos destacar dois momentos, o primeiro acontece quando a presidenta está falando sobre a América do Sul, América Latina e Caribe quando afirma fortalecer a relação *sem discriminação de ordem ideológica*, essa ressalva não está posta por acaso. Resgatando alguns acontecimentos no primeiro governo Dilma, podemos falar sobre as críticas recebidas pelas relações de seu governo com Cuba, através do programa mais médico, principalmente porque Cuba segue uma linha ideológica muito criticada no país. Outro momento que podemos destacar é quando a presidenta afirma a relevância de se aprimorar o relacionamento com os Estados Unidos, resgatando outro acontecimento de seu governo, podemos citar o caso do vazamento dos grampos telefônicos feito pelo governo norte-americano nos telefones presidenciais brasileiros que causou um mal estar entre os dois países.

Outra mudança de vocativo, agora para um mais informal *Amigos e amigas* para apresentar uma síntese, porque afirmou que tudo o que foi dito e tudo o proposto converge em um *grande objetivo*, é interessante verificar o uso da palavra grande, parece-nos que a presidenta julga que esse objetivo é encarado como um desafio ao seu governo. Explicou qual é seu *grande objetivo: ampliar e fortalecer a democracia, democratizando verdadeiramente o poder* e especificou *Democratizar o poder significa lutar pela reforma política, ouvir com atenção a sociedade e os movimentos sociais e buscar a opinião do povo para reforçar a legitimidade das ações do Executivo*, então para Dilma democratizar o poder envolve quatro ações que culminam em uma reforma política onde a sociedade será ouvida e terá sua opinião levada em consideração para que ao fim se possam legitimar as ações do legislativo, que está com sua imagem abalada pelos escândalos de corrupção. E ela continuou explicando o que é democratizar o poder *significa combater energeticamente a corrupção* pela razão de que *A corrupção rouba o poder legítimo do povo. A corrupção ofende e humilha os trabalhadores, os empresários e os brasileiros honestos e de bem*, pois para a presidenta a corrupção rouba o poder do povo, ofende e humilha os honestos e por esse motivo concluiu: *A corrupção deve ser extirpada.*



Esse tema também é um tema bem controverso de seu governo, pois muitos foram os escândalos de corrupção que vieram a tona em seu primeiro mandato, envolvendo inclusive seu próprio partido. Por essa razão parece-nos que a presidenta dá especial destaque ao tema, sendo muito enfática de suas pretensões e colocando o tema como seu *grande objetivo* de governo. A presidenta também apresentou algumas ações que colaboraram para a apuração e punição dos atos de corrupção. Como esse é um tema que foi muito explorado por seus opositores durante a campanha e muito cobrado pela população, a candidata enfatiza que irá propor medidas claras ainda no primeiro semestre do governo, esse é o tema em que Dilma propõe algo totalmente novo.

Mais uma volta ao vocativo *Senhoras e Senhores* nesse trecho para falar sobre a Petrobras, retomando outro fato penoso de seu primeiro mandato: os escândalos que envolveram a empresa e provocaram uma crise que resultou inclusive em sua desvalorização. Em sua fala a presidenta reforçou que a empresa é forte e sairá da crise.

Utilizou o vocativo *Queridos brasileiros e queridas brasileiras* e voltou-se para o futuro, para pretensões de que o país se torne desenvolvido e justo, disse que iria se dedicar ao *novo ciclo histórico de mudanças* que segundo o que foi exposto ao longo do seu discurso, não rompe com o programa de mudanças iniciado antes de seu governo, quando seu partido entrou no poder. A mudança que propõe está relacionada a continuação, a ampliação e o aprimoramento do que já está posto, apresentando apenas novas propostas para os temas mais polêmicos de sua gestão, a segurança pública e a questão da corrupção.

Afirmou a importância da união entre os parlamentares porque *a maioria das mudanças que o povo exige tem que nascer aqui, na grande casa do povo*, chamando os parlamentares a juntos dar uma resposta ao povo, e também dizendo que precisa da aprovação de outras instâncias para que seu projeto de governo se concretize.

Para encerrar, assumiu um tom mais pessoal, já se percebe isso pelo uso do vocativo *Meus amigos e minhas amigas*, e pelo tema que agora entra no enunciado, a presidenta discorre sobre as vezes que esteve perto da morte, em razão da saúde quando sofreu um câncer e em razão da perseguição política ideológica que sofreu quando era mais jovem. Afirmou que essas situações a deixaram mais forte e se declarou uma sobrevivente, continua declarando ser vitoriosa porque é de uma geração sobrevivente que viu possibilidade da democracia se realizar. E usa essas duas características pessoais para se aproximar do povo brasileiro que nas suas palavras também é *um sobrevivente e um vitorioso*. Continuando em um discurso mais pessoal, entra agora no

campo religioso e cita Deus e encerra exaltando o país e seu povo *Viva o Brasil e viva o povo brasileiro!*.

Sobre o processo de interlocução do enunciado de Dilma, tem como interlocutor principal como explicitados no início do discurso como todo o povo brasileiro e as autoridades mencionadas, é importante observar que a estrutura do enunciado é muito importante para se entender seu interlocutor. Ao longo de todo o enunciado temos o uso de diversos vocativos, que tem como função dividir o discurso em partes e estabelecer quem é o interlocutor principal de cada uma delas. Assim, quando utiliza um vocativo mais informal como *Queridos brasileiros e queridas brasileiras* a parte que vem a seguir é dirigida a todos que estão ouvindo e mais especificamente ao povo brasileiro, dessa forma o tema apresentado em seguida é de interesse desse interlocutor. Da mesma forma, quando utiliza um vocativo mais formal como *Senhoras e Senhores* está se dirigindo a quem a está escutando em especial aos setores mais formais como os parlamentares o poder judiciário e o tema a ser abordado, normalmente é mais burocrático, e por fim ao utilizar vocativos mais pessoais como *Meus amigos e minhas amigas* é para tratar de temas mais emotivos, nesse caso o interlocutor principal seria seu aliados. Assim sendo, os vocativos não só cumprem a função de chamar a atenção do ouvinte, como também de especificar o interlocutor principal e dividir o enunciado em blocos.

O enunciado de Dilma está em relação dialógica com diversos enunciados produzidos durante a campanha eleitoral e também com os produzidos durante o seu governo e muitos outros, tentamos agora estabelecer as intrincadas relações dialógicas que são estruturantes para esse enunciado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do trabalho a proposta foi de analisar enunciados com base em de uma perspectiva dialógica do discurso com o objetivo de estabelecer as relações dialógicas entre enunciados. Para tanto, nos pautamos na perspectiva teórico-metodológica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin.

Trouxemos em nosso primeiro capítulo uma retomada dos conceitos visitados pelo Círculo de Bakhtin mais importantes para a análise a que nos propusemos. Dessa forma, retomamos o conceito de linguagem que nesta perspectiva não é baseada exclusivamente em seu aspecto linguístico, mas aproxima a linguagem da sociedade e entende que a significação é de natureza social, assim a língua se constitui como um conjunto de valores e de perspectivas ideológicas. Tratamos também do dialogismo, tema central em toda a teoria desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, que traz a noção de diálogo em uma perspectiva ampla, pois na concepção dialógica cada enunciado é apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta, se configura como um ato social por seu vínculo com a situação extraverbal e não é individual, pois está em constante relações dialógicas.

Na continuidade de nossa retomada teórica, falamos sobre o enunciado, conceito muito presente na teoria do Círculo, que se interessava pelos enunciados que se concretizam no contexto social com falantes reais em relação dialógica com outros enunciados. O enunciado concreto não é uma unidade da língua é uma unidade de comunicação discursiva, relacionada a um juízo de valor, que espera uma compressão ativa e responsiva que também deve estar pautada em um juízo de valor.

Falamos ainda sobre a palavra na perspectiva do Círculo de Bakhtin, que a concebe como um recurso linguístico que tem a possibilidade de apresentar expressão valorativa da realidade quando utilizada em um enunciado concreto por um falante real, e também um signo ideológico por excelência e pode assumir diferentes tonalidades valorativas. Então, trouxemos ainda os temas signo e ideologia. Constatamos que para o Círculo, os signos carregam uma significação que não é simplesmente dada, mas criada nas relações dialógicas e sociais, por isso os signos são interindividuais devido ao seu caráter ideológico que se situa entre os indivíduos sendo espaço de encontro e confronto de diferentes índices sociais de valor.

Com base na teoria estudada, selecionamos para nosso *corpus* de análise enunciados proferidos durante as eleições presidenciais do ano de 2014 levando em consideração tanto pesquisas de intenção de voto realizadas pelo Ibope próxima das eleições como também os resultados do primeiro turno das eleições apurado pelo TSE. Definimos que iríamos buscar enunciados produzidos pelos candidatos: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB) e Eduardo Campos (PSB).

Determinamos que dentro do grupo de enunciados produzidos por esses candidatos no pleito de 2014, iríamos selecionar os mais representativos das posições ideológicas assumidas durante as eleições e também os que melhor nos permitiam observar as relações dialógicas que caracterizou esse processo. Chegamos então ao grupo de enunciados que iria compor nosso *corpus* que contou com os *slogans* de campanhas presidenciais dos candidatos: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB). Também analisamos uma carta compromisso redigida no início do segundo turno por Aécio Neves (PSDB), posicionamentos de apoio para o segundo turno de Marina Silva (PSB) para o candidato Aécio Neves (PSDB), discurso de posse de Dilma Rousseff (PT).

O primeiro enunciado analisado, a carta aberta de Aécio Neves (PSDB), apresenta uma tentativa do candidato de convencer os eleitores que não votaram nele no primeiro turno que a sua proposta de governo responde os anseios de mudança desses leitores<sup>12</sup>, para tanto argumenta que a mudança necessária é um retorno a maneira de governar que seu partido e para tentar convencer apresenta uma retomada das conquistas de seu partido quando estava no poder e minimiza as conquistas do governo petista, ao dizer que herdou estas conquistas dos governos anteriores.

O segundo enunciado que analisamos, a carta aberta de Marina Silva (PSB), traz seu posicionamento de apoio para o segundo turno das eleições, e por mais que a ex-candidata tente convencer que é apenas um posicionamento pessoal, o que temos é um posicionamento político, que de certa forma não está de acordo com a sua trajetória política, tanto que a candidata se esforça para apresentar argumentos que validem seu posicionamento.

Já o terceiro enunciado que analisamos, o discurso de posse de Dilma Rousseff (PT), é o enunciado que fecha o momento de campanha presidencial e inaugura outro

---

<sup>12</sup> Retomamos aqui a fala do candidato em sua carta aberta, argumentando que 60% da população desejavam mudanças, esse valor corresponde a somatória dos votos válidos recebidos por ele e pelos demais candidatos com exceção da candidata do PT.

momento, o de cumprimento de mandato. Esse enunciado está em atitude responsiva com os mais diversos discursos proferidos durante o período eleitoral, inclusive os outros discursos analisados. E tenta encerrar as discussões levantadas ao longo das eleições que diziam que o país queria mudanças, para tanto é apresentada uma noção de mudança com a tonalidade valorativa de manutenção de um projeto de governo iniciada com os mandatos de Lula (PT) e que se mantém no primeiro mandato de Dilma e que agora, segundo Dilma, irá entrar em uma nova fase de melhoria e ampliação.

As análises realizadas para esse trabalho tomaram por base que nenhum enunciado está sozinho, todos pertencem a uma intrincada cadeia de enunciados e todos de alguma forma estão em atitude responsiva. Nos enunciados analisados temos uma atitude dialógica responsiva que fica evidente entre a carta aberta de Aécio Neves e a carta de apoio de Marina Silva. Notamos que Aécio produz a carta focando em um público amplo que ele chama de “todos os que amam o país” e um interlocutor mais específico que são os eleitores de Marina e também a própria Marina Silva. Esse enunciado de Aécio gera atitudes ativas e responsivas que geram enunciados variados, um deles que trouxemos para análise foi a carta aberta de posicionamento de Marina Silva. A carta de Marina de certa forma responde ao chamado de Aécio de uma aliança em nome e uma troca do poder de mão. O discurso de Dilma tenta fechar a discussão e argumenta que a mudança, ou a manutenção de um projeto de governo, proposta por ela, é a que o povo quer.

Durante a análise observamos que todo enunciado assume posição valorativa e que serve a um projeto de dizer pautado na visão de mundo do seu falante/escritor, que tendo em vista seus interlocutores e seu contexto extraverbal toma as decisões linguísticas necessárias.

Outra questão importante que não podemos desconsiderar diz respeito as tonalidades valorativas assumidas pelo signo mudança nos *slogans* de campanha. Nos *slogans* de Aécio (PSDB) vemos que a tonalidade valorativa presente é de oposição ao partido no poder, já os *slogans* de Dilma (PT) o de manutenção e de um projeto de governo, enquanto que os *slogans* de Eduardo Campos (PSB) propunham uma alternativa a partidos que já estiveram no poder. Nossa análise mostrou que as posições político ideológicas assumidas nos *slogans* de campanha de Aécio e Dilma foram também defendidas nos seus outros enunciados analisados neste trabalho e que os *slogans* de campanha apresentaram de forma sintetizada o projeto de governo que os candidatos propunham.

Finalmente, é possível afirmar, após todo o embasamento teórico metodológico desta pesquisa e com as análises nas quais destacamos as relações estabelecidas entre os enunciados selecionados como nosso *corpus*, que cumprimos com a nossa proposta de analisar os enunciados de forma a ir além dos aspectos linguísticos, considerando as relações dialógicas bem como o contexto extraverbal.

## REFERÊNCIAS

- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p.88-98.
- BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p.61-78.
- Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- Bakhtin, M; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michael Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Discurso na vida e discurso na arte**. Tradução para fins acadêmicos de Carlos Alberto Faracco e Cristóvão Tezza de “Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics” In (1976). New York: Academic Press – mineo, 2000 .
- CASTRO, G. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: Luciane de Paula, Grenissa Stafuzza (orgs.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.175-202.
- CASTRO, G. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p.117-135.
- DAHLET,V. A entoação no dialogismo bakhtiniano. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p.249-264.
- FARACO, A. F. **Linguagem & Diálogo**: a ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- PAIVA,G. J.; SILVA, J. M. B.; COSTA, E. B. G. As relações semânticas sinalizadas pela conexão nos textos dos alunos do curso FIC – Nova Cruz. In: CONGIC:

Tecnologia e inovação no semiárido, IX, 2013. Rio Grande do Norte. Anais do IX CONGIC. Rio Grande do Norte, 2013. p. 92-101

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p.115-132.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p.167-176..

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). UFMG. Belo Horizonte, 2002.

SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p.115-132.

STELLA, P. R. Palavra. In: Beth Brait (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p.177-190.



## LINKS

Candidato do Muda Brasil – Documento com Compromissos para o segundo turno. Disponível em: <<http://www.psdb.org.br/aecio-neves-documento-com-compromissos-para-o-segundo-turno/>> Acesso em: 03 março 2017

Ibope: Dilma tem 38%, Aécio, 23%, e Campos, 9% das intenções de voto. Disponível em: (Em: <<http://eleicoes.uol.com.br/>> Acesso em: 04 agosto 2016)

NEVES, A. **Juntos pela Democracia, pela Inclusão Social e pelo Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em <<http://aecioneves.com.br/>>. Acesso em 10 de abril de 2016.

ROUSSEFF, D. **Discurso de posse**. Disponível em : <<http://www.pt.org.br/>>. Acesso em 10 de abril de 2016.

SILVA, M. **Minha posição**. Disponível em :<[www.eduardoemarina40.com.br/](http://www.eduardoemarina40.com.br/)>. Acesso em 10 de abril de 2016.

TSE. **Estatísticas eleições presidenciais de 2014**. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-candidaturas-2014/estatisticas-eleitorais-2014-resultados>. Acesso em: 26 março 2017